



MATÉRIA EXCLUSIVA

Avanço do mar no Litoral Norte destrói moradias e comércios

Em Baía da Traição, 22 casas ruíram com a força das ondas só neste ano; prefeitura decretou emergência. **Página 5**

Foto: Roberto Guedes



Parte da destruição causada pela força do avanço do mar em Baía da Traição, Litoral Norte, um dos locais que sofrem com o problema

Número de pessoas que têm renda de aluguel cresceu 41,3%

Pesquisa do IBGE aponta que o rendimento com aluguéis aumentou 55,7% na Paraíba.

Página 17

Belo defende a invencibilidade na Série C contra o Figueirense

Pela Série D do Brasileiro, Sousa e Campinense fazem clássico paraibano no Estádio Marizão, no Sertão.

Página 21



Foto: Roberto Guedes

Desflorestamento ainda é forte na Mata Atlântica

A PB, no entanto, apresenta o terceiro menor índice de desmatamento entre os 17 estados com o bioma.

Página 20

Consumidores perdem o preconceito e vão às compras nos brechós

Além de apresentar preços mais baixos, locais são referência de consumo sustentável e primam pela qualidade dos produtos, além de oferecerem ambiente agradável e apresentação diferenciada.

Página 6



Foto: Roberto Guedes

■ “Sutil, se vem do clássico Machado de Assis, ou popular como o do nosso José Cavalcanti. Ramalho é o contador de história que leva a sério a História”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Sou dos que pensam que o poema deve, sim, ser lido e amado. Mas também pode e deve ser musicado, pintado, fotografado, dançado, esculpido”.

Hilberto Barbosa Filho

Página 11

Foto: Edson Matos

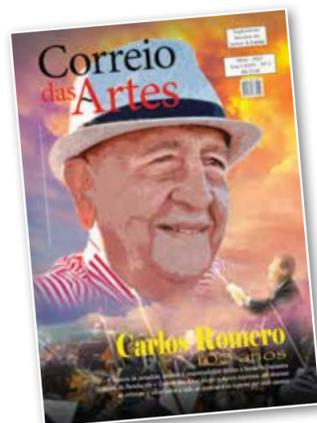


Memórias

Rui Leitão inovou com edição vespertina

Quando superintendente do Jornal A União, ele também adotou a eleição direta, pela redação, para o cargo de editor-geral.

Páginas 14 e 15



Centenário de Carlos Romero é celebrado em junho

Escritor, jornalista, professor e magistrado, o imortal da Academia Paraibana de Letras também foi repórter do Jornal A União e deixou vasta obra literária.

Editorial

Festival de Música

Monteiro Lobato já dizia que uma Nação se faz com homens e livros. A frase encerra uma verdade, mas acrescentaríamos que uma Nação se faz com homens, livros e apoio decisivo às manifestações culturais. Neste sentido, o Governo do Estado não tem se omitido em reconhecer e valorizar nossas potencialidades artísticas e culturais. Um grande exemplo disso é o 6º Festival de Música da Paraíba - Uma homenagem a Zé do Norte, cujas eliminatórias aconteceram nestas sexta e sábado, em Cajazeiras, e a grande final está programada para o dia 3 de junho, em João Pessoa. O evento é uma promoção da Empresa Paraibana de Comunicação, por meio da Rádio Tabajara, juntamente com a Secretaria de Estado da Comunicação e Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

Em sua sexta edição, o Festival mantém o objetivo de reconhecer e divulgar a música paraibana, descobrindo e valorizando artistas que vêm surgindo no cenário cultural. O evento surgiu da necessidade de um projeto para estimular e evidenciar a produção no estado, dando voz a novos talentos. Assim como nas edições anteriores, participam do festival compositores paraibanos com residência comprovada no território estadual ou artistas de outros estados, desde que comprovem ser residentes na Paraíba há pelo menos dois anos. Além disso, é preciso ter idade acima de 18 anos e se inscrever com música autoral inédita, uma vez que a natureza do Festival é de revelação e valorização do artista autoral.

Nesta sexta edição o grande homenageado é Alfredo Ricardo do Nascimento, popularmente conhecido como Zé do Norte. Natural da região de Cajazeiras, Zé do Norte é autor de “Mulher rendeira”, música-tema de filme do consagrado Lima Barreto e é um dos patronos da Academia Cajazeirense de Artes e Letras. Aliás, foi pelas mãos de uma escritora e jornalista renomada, a cearense Rachel de Queiroz, que Zé do Norte foi indicado para a equipe da produção cinematográfica de “O Cangaceiro”, filme dirigido pelo paulista Lima Barreto, como consultor de prosódia sertaneja. Terminou sendo o “autor” da trilha sonora, que incluiu o clássico “Mulher Rendeira”. O sucesso da fita em Cannes elevou Zé do Norte ao Olimpo do cancionista popular nacional.

O Festival de Música promovido pelo Governo do Estado é um dos poucos ainda em vigor no país. O evento resgata os princípios dos grandes festivais, que movimentaram a cena musical brasileira em décadas de ouro da produção musical nacional, onde foram lançados grandes nomes da Música Popular Brasileira.

A realização do Festival se junta a outras grandes iniciativas do governo no apoio à cultura de uma forma geral. Iniciativas que não se resumem a parte de infraestrutura, mas, sobretudo, de valorizar quem faz a arte e a cultura na Paraíba: os artistas e escritores.

Artigo

O livre arbítrio

Olive arbítrio é um tema bastante polêmico. Tem sido objeto de discussão e estudos por parte de pensadores e filósofos, tanto na concepção teológica quanto na visão ateísta. O debate suscita a pergunta: o livre arbítrio é um mito? Ou é uma faculdade que foi concedida por Deus aos seres humanos?

Todos nós somos fascinados pela ideia de sermos livres, agirmos na conformidade das nossas vontades, decidirmos guiados pela nossa capacidade de alvêdrio, juízo do que é certo ou errado, consonante com o que define a nossa consciência. Em tese esse seria o conceito do livre arbítrio.

Calvino e Lutero na defesa da tese do “determinismo” questionam: “Ora, se Deus conhece o nosso presente e o nosso futuro, as escolhas que possamos fazer no curso de nossa vida, nada mudarão o que está por vir”. Eles tentam destruir a aceitação da existência do livre arbítrio a partir dessa indagação.

Já Santo Agostinho, na linha de pensamento dos cristãos, colocou no seu livro publicado em 395 D.C., “Libero Arbítrio”, que “o livre arbítrio é a possibilidade de escolher entre o bem e o mal; liberdade é o bom uso do livre arbítrio”. Há uma afirmação na Bíblia: “o coração do homem propõe o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos”. Logo, segundo o entendimento cristão, os seres humanos serão responsabilizados por suas escolhas. Principalmente quando elas contrariarem os mandamentos de Deus.

No Espiritismo o livre arbítrio é visto como a oportunidade que Deus nos oferece para evolução do espírito, reforma íntima resultante de aprendizado na vida. O conhecimento e o comportamento, adquiridos ao longo do tempo, nos permitem reordenar a visão que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo em que

vivemos, preparando-nos para minimizarmos erros na prática do livre arbítrio.

Podemos compreender que o livre arbítrio, mesmo que estabeleça nossos atos como manifestação da vontade, está limitado à nossa natureza. Nem sempre podemos fazer aquilo que desejamos. Ainda que haja voluntariedade nas nossas motivações, desejos e ações, estamos condicionados a uma limitação natural do poder fazer. Por exemplo, podemos querer voar, mas nunca conseguiremos, porque não temos asas para isso.

Nem sempre nossas decisões são livres, elas sofrem influências do que conhecemos, do que sentimos e do que amamos. Portanto, o livre arbítrio é apenas a autonomia que temos em escolher aquilo que, por nossa inteligência, elegemos como ação correta. As consequências são de nossa inteira responsabilidade.

“

**Todos nós
somos
fascinados
pela ideia de
sermos livres,
agirmos na
conformidade
das nossas
vontades**

Rui Leitão

Foto Legenda



Hora de plantar

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Basta

Bom de ler, esse nosso Ramalho Leite. E desde cedo, desde a primeira convivência, bom de esperar e ouvir o que vinha em verve da sua conversa ou dos seus reparos e repentes!

Na semana que se foi, reconstitui-nos, talvez melhor que na aparência do real, um quadro típico do regime de 1964 acontecido com a visita do ex-presidente Juscelino, convidado que fora a participar do Carnaval do nosso antigo Cabo Branco como hóspede do recém-inaugurado Hotel Tambaú.

O hotel, como se sabe, inaugurado por Agripino e reinaugurado por Ernany, tornara-se de repente a nossa melhor e mais ostensiva peça de propaganda. E JK, com suas amizades na Paraíba, aqui baixou com as companhias do seu melhor agrado, Fernando Cunha Lima, meu belo colega do Pio XI de Campina, à frente de todos.

“Era março de 1972, Juscelino Kubitschek, ex-presidente cassado pelo regime militar, cujo primeiro presidente ajudara a eleger com o seu voto e seu apoio” – começa e sai por aí Ramalho numa narração espirituosa do começo ao fim, o texto escrito, impresso, tingindo o papel desde a primeira linha transfigurado na mais viva e espontânea colheita típica do antigo Ponto de Cem Réis.

Se uma boa conversa já é difícil, calcule-se deslindá-la na versão escrita. Sebastião Nery ainda detém a melhor palma nesse ramo. Mas o partido de Ramalho não se limita à pura exploração do humor, que é tempero, é estilo. Sutil, se vem do clássico Machado de Assis, ou popular como o do nosso José Cavalcanti. Ramalho é o contador de história que leva a sério a História.

O que aconteceu aqui, fazendo o ex-presidente cair numa grossa esparrela, é um ato de traição que não chega a ser hediondo, mas não escapa, no conceito comum do comportamento humano, a um ato condenável.

Vem o episódio, do qual nunca cheguei a saber com esses detalhes, e vem a lição que corresponde à grandeza de espírito de Juscelino, desconhecida ou deslembada de mui-

“

**Se uma boa
conversa
já é difícil,
calcule-se
deslindá-la na
versão escrita**

Gonzaga Rodrigues

ta gente. Não precisa ir longe para quem leu, na última quinta-feira, a crônica de Ramalho.

Nos meus limites de hoje não sei até onde vai este nosso bem amado jornal de papel do meu particular acesso. Sei, com certeza, que leituras desse feito e desse espírito não me deixam sentir falta dos que assinavam ao lado de Neri ou Otto Lara Rezende nos jornais do nosso colonialismo metropolitano.

E Ramalho não está só: o editorial com que A União tratou o racismo da torcida espanhola com o jogador Vinícius Júnior, o “Basta!” a que me acostei à força do nosso jornalismo, dispensa-me de melhor e mais forte opinião expedida por qualquer jornal do mundo: “Há pensadores que entendem o universo como um grande espírito, cuja essência seria o amor, a sabedoria, a justiça. Ecoaram e continuariam ecoando, neste cosmo fraternal, os gritos de dor e de revolta da população negra injustiçada? E se foram e continuam sendo ouvidos os que sofrem, neste espaço desconhecido, serão compensados os maltratados e justificados aqueles e aquelas que os maltrataram?”

Textos que me colocam no centro do mundo sem sair da divisa entre a Torre e Expedicionários.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

CURSOS GRATUITOS

Aesa realiza capacitação na área de recursos hídricos

Neste ano, a Agência já treinou 350 pessoas; número vem crescendo desde 2021

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O Governo da Paraíba através da Agência Executiva de Gestão de Águas do Estado (Aesa) já capacitou 350 pessoas em 2023, através dos cursos relacionados à gestão de recursos hídricos, ministrados pela entidade. A informação é do diretor executivo administrativo financeiro da Aesa, Joacy Mendes Nóbrega, o qual ressaltou ainda que a agência estadual tem investido em cursos gratuitos voltados para esta área e por isso, desde 2021, registra o crescimento da procura pelas capacitações.

“Essa capacitação oferecida pela Aesa vem ocorrendo há alguns anos e a partir de 2021 vem ocorrendo uma evolução e despertando ainda mais o interesse das pessoas. No ano de 2021, tivemos 672 pessoas capacitadas e em 2022, a procura mais que dobrou, passamos para 1.525 capacitados. E agora em 2023, temos 350 pessoas capacitadas. Isso mostra o interesse das pessoas no assunto: a gestão de recursos hídricos.”, informou durante o “Águas da Paraíba”, programa da Agência Executiva de Gestão de Águas do Estado (Aesa), transmitido pela Rádio Tabajara, emissora da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

Ao todo, a Aesa já ofereceu sete cursos relacionados à área de recursos hídricos desde o mês de janeiro deste ano. A última capacitação foi sobre “Sistema Agroflorestal na Recuperação de Nascentes” e aconteceu no dia 18 de maio. A próxima está prevista para o dia 30 deste mês, com o tema “Interferência da aquicultura na qualidade da



Foto: Divulgação/Secom-PB

Joacy Mendes é diretor executivo administrativo financeiro da Aesa

água para usos múltiplos”.

“Nós teremos dia 30 um curso com um dos nossos técnicos e além dos cursos oferecidos este ano, onde capacitamos um bom número de pessoas, realizamos também um simpósio com uma boa participação”, adiantou Joacy Mendes.

As capacitações envolvem participantes de vários estados brasileiros, o que, segundo o representante da Aesa é o resultado da dedicação do corpo técnico da Agência através de um trabalho que tem despertado o interesse de várias localidades do Brasil.

“Como a internet proporciona a condição de ofertar o curso e as pessoas de outros

Estados participarem, através dessas novas ferramentas, então, os participantes são pessoas de estados como Ceará, Mato Grosso, Pernambuco, Santa Catarina, Amazonas, Rio Grande do Sul e Bahia. Só para citar alguns estados onde as pessoas se interessaram pelo tema”, elencou.

Joacy Mendes Nóbrega acompanhou o processo no qual a Aesa estava iniciando na gestão dos recursos hídricos, até chegar aos dias atuais onde a Paraíba hoje é referência nesta área. Segundo o diretor, o apoio das instituições, em especial do governador da Paraíba, João Azevêdo, e do secretário de Estado da Infraestrutura e dos Recursos

Hídricos, Deusdete Queiroga Filho, foram fundamentais para essa evolução. Ele ressaltou que essa parceria permitiu que o trabalho acontecesse com maior autonomia.

“A continuidade desse trabalho tem feito a Aesa atingir todos os objetivos ligados à gestão de recursos hídricos. A gestão de recursos hídricos hoje na Paraíba é algo em andamento, junto com os comitês de bacias hidrográficas, com a participação do Conselho Estadual de Recursos Hídricos que colaboram muito com essa gestão. O envolvimento dessas instituições junto com a Aesa é que tem promovido todo esse êxito”, ressaltou.

Meta é fortalecer a gestão de águas no país

O investimento da Aesa em capacitação faz parte de uma meta do Programa de Consolidação do Pacto Nacional pela Gestão das Águas (Progestão), iniciativa da Agência Nacional de Águas (ANA) que é um programa de incentivo financeiro, que realiza o pagamento a partir do alcance das metas definidas entre a ANA e as entidades estaduais, com base em normativos legais. A adesão ocorre por meio de decreto oficial específico.

O Progestão, segundo a ANA, foi criado para fortalecer a gestão das águas em território nacional, de forma integrada, descentralizada e participativa, o Progestão também tem como objetivo promover o uso múltiplo e sustentável dos recursos hídricos. Este programa foi desenvolvido pela Agência Nacional de Águas, em apoio aos Sistemas Estaduais de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SEGREHs), que integram o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH).

Assim, quando o Estado firma a parceria com a Agência Nacional de Águas, no próprio contrato já vem esta-

“

Com o empenho de toda a equipe, estamos conseguindo atingir todas as metas

Joacy Mendes

belecido algumas regras e metas a serem atingidas. Dentre estas metas, está a realização de capacitações.

Por outro lado, quando não se atinge qualquer uma das metas estabelecidas no contrato firmado, o Estado deixa de receber alguma parte financeira definida no contrato de gestão. “Por isso, esse trabalho é realizado dentro da Aesa para atingir essa meta. Temos total dedicação e com o empenho de toda a equipe, estamos conseguindo atingir todas as metas”, adiantou o diretor.

Joacy Mendes Nóbrega explica que o Progestão auxilia muito as agências estaduais, mas lembra que o programa financia (o Estado recebe uma determinada quantidade de verbas de acordo com o desempenho), mas também cobra resultados.

“A agência nacional a cada ano elabora um relatório chamado Conjuntura que é uma avaliação com os dados de cada Estado com relação aos recursos hídricos. Com isso, ela faz esses termos de parcerias, com os aportes financeiros as agências de gestão estaduais (no caso da Paraíba, a Aesa) e a gente precisa a cada ano elaborar o nosso relatório para informação à agência nacional, da situação hídrica dos reservatórios e na autorização de uso da água, através da outorga”, detalhou.

Conforme o gestor, todas essas informações são dados complexos de serem trabalhados e que precisam ser informados à ANA, de forma a concretizar os termos de parceria com as agências de gestão.

De acordo com a ANA, o Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil é um relató-

rio publicado anualmente pela Agência Nacional de Águas que é a referência para o acompanhamento da situação qualitativa dos recursos hídricos no Brasil, através de um conjunto de indicadores e estatísticas sobre a água e sua gestão.

Terceira fase

A Paraíba é pioneira no Progestão e agora será o primeiro Estado a assinar o contrato da terceira fase. Sobre isso, Joacy Mendes Nóbrega destaca que cada contrato firmado com a Ana tem um ciclo de cinco anos.

“O primeiro foi em 2013 e já fomos primeiro lugar em dois ciclos (cada um tem o tempo de cinco anos) e agora, o Estado assinou um contrato para o terceiro ciclo. Estamos na terceira etapa e a cada ano que a gente cumpre nossas metas, temos um aporte financeiro da agência nacional”, comentou.

Neste sentido, o gestor reforça que o trabalho da Aesa tem sido responsável não apenas pelo cumprimento das metas, mas também pela confiança e reconhecimento que a Paraíba hoje possui por parte da Agência Nacional.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

“UMA DAS COISAS PIORES NA POLÍTICA É A INGRATIDÃO”, DIZ PRESIDENTE DO PT DA PARAÍBA



Foto:PT-PB

Meses atrás, quando começaram a sair as primeiras nomeações para cargos federais – na Paraíba e em outros estados –, o presidente estadual do PT, Jackson Macedo (foto), disse compreender o porquê de alguns cargos estarem sendo ocupados por partidos que não votaram no presidente Lula (PT): seria uma forma de o presidente conseguir governabilidade no Congresso. Porém, o dirigente achava que, no tempo certo, os petistas da Paraíba seriam aquinhoados com cargos relevantes, no estado ou em Brasília. Isso, como sabemos, até agora não ocorreu. Esta semana, em entrevista a uma emissora de rádio de Campina Grande, Jackson desabafou: “Sinceramente, não sei o que está acontecendo. Uma das coisas piores na política é a ingratidão”, afirmou, referindo-se, a princípio, a Ricardo Coutinho, cuja nomeação no Lula três ainda não saiu. Nos bastidores, fala-se que o PT reivindicava a superintendência da CBTU da Paraíba. Porém, coube ao PP do deputado Aguiinaldo Ribeiro fazer a indicação.

ENCONTRO DE PREFEITOS EM JP

Na próxima quinta-feira, João Pessoa se tornará a capital do municipalismo. É que a cidade vai sediar o encontro com prefeitos das capitais brasileiras. Estão confirmadas a participação de três ministros do Lula três: Alexandre Silveira (Minas e Energia), Wellington Dias (Desenvolvimento e Assistência Social) e Silvio Almeida (Direitos Humanos e da Cidadania).

O FUTURO DAS CIDADES

Promovido pela Frente Nacional dos Prefeitos, cujo o primeiro secretário é Cícero Lucena (PP), o evento vai debater o futuro das cidades de médio e grande portes à luz de temas como economia verde, perspectivas de financiamento, reforma tributária, mobilidade urbana e políticas culturais. Os presidentes Rodrigo Pacheco (PSD) e Arthur Lira (PP), respectivamente, do Senado e da Câmara, foram convidados para o evento.

SÓ A PARTIR DE AGOSTO

O deputado Felipe Leitão (PSD) crava que a partir de agosto haverá a definição da escolha do nome que irá disputar a sucessão da prefeita de Bayeux, Luciene Gomes (PSD). “De agosto em diante é que se deve pensar em formatação de chapa, em quem vai ser o sucessor e o possível vice”, afirmou. A esposa dele, Tacyana Leitão, é cotada para ser a candidata do grupo.

DÁ PARA CRER NESSA VERSÃO?

O senador Marcos do Val (Podemos) – que é investigado pelo STF – quer que a senadora Eliziane Gama (PSD), relatora da CPI que vai apurar os atos golpistas de 8 de janeiro, seja declarada em suspeição. O motivo? A relação de proximidade que ela tem com o ministro da Justiça, Flávio Dino, o que, na visão dele, comprometeria a imparcialidade da comissão. Dá para crer nessa versão?

CALÚNIA E FALSO TESTEMUNHO

Desde fevereiro deste ano, Marcos do Val é investigado no STF por falso testemunho e denúncia caluniosa – ele apresentou quatro versões acerca de uma reunião na qual o ex-deputado Daniel Silveira (PTB) lhe teria pedido, na presença de Bolsonaro (PL), para ajudar a dar um golpe de estado. Polemista, o senador chegou a dizer, à época, que iria renunciar ao mandato. Dias depois, desistiu.

ROMERO FAZ ARTICULAÇÃO PARA LUDGÉRIO ASSUMIR MANDATO

Suplente de deputado estadual, Manoel Ludgério (PSDB) poderá assumir mandato na ALPB neste próximo mês, informa a esposa dele, a vereadora de Campina Grande, Ivonete Ludgério (PL). De acordo com ela, quem está fazendo essa articulação é o deputado federal Romero Rodrigues (Podemos). O PSDB tem três deputados titulares: Tovar Correia, Camila Toscano e Fábio Ramalho. Qual dos três deverá tirar licença?

Foto: Evandro Pereira

George Coelho

Presidente da Famup

“Repasse de R\$ 3 bi do FPM de 2022 está atrasado”



George Coelho ressalta que espera que Governo Federal garanta o percentual extra de 1,5%, como foi proposto em PEC

Taty Valeria
tatyvaleria@gmail.com

Eleito para um segundo mandato à frente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba, George Coelho, prefeito de Sobrado, coordena um conglomerado que agrega 212 prefeitos e prefeitos paraibanos com linhas ideológicas e partidos distintos.

Em entrevista ao Jornal A União, o presidente da Famup conta como foi lidar com a pandemia da Covid-19, qual a importância do órgão para o desenvolvimento da Paraíba, a relação com a gestão estadual, o que espera do novo Governo Federal e como está a discussão em relação ao Piso Nacional de Enfermagem, conforme definido pela Lei nº 14.434, sancionada pelo presidente Lula em 12 de maio.

Entrevista

■ Quando surgiu a Famup, qual seu principal objetivo e quantos filiados existem atualmente?

A Famup surgiu em 1994. Naquele momento, nós não tínhamos federação no sentido que agregasse todos os prefeitos em defesa de todos os municípios. Em 1994, a Paraíba só possuía 174 municípios, e hoje nós temos 223. A Famup foi criada para assessorar e dar um apoio aos municípios em todos os sentidos: infraestrutura, educação, saúde, jurídico. Em tudo aquilo que o prefeito precisar. Os prefeitos têm a Famup para defendê-los e assessorá-los na busca por informação, dentro da medida do possível. Hoje, nós sabemos que a interação é diária, se mudam normativas de ministérios, se mudam leis, o que o Congresso está votando, os prefeitos precisam dessas informações em tempo real, e é esse trabalho que a Famup tem executado. Quando assumi a primeira gestão da presidência da Famup, em 2018, tínhamos 166 prefeitos filiados, hoje temos 212.

■ O senhor foi reconduzido ao cargo de presidente da Famup. Qual balanço faz de suas últimas gestões e o que ainda falta ser realizado?

A primeira gestão contemplou 2018 e 2020. Na nova modalidade, dentro da mudança da Lei de Associações, e para que fique dentro das votações da Confederação Nacional dos Prefeitos, a gestão passou para três anos. Temos feito um trabalho de revitalização, de confiança e credibilidade. A própria Famup passou por um período em que ficou adormecida na defesa das questões municipais. Temos conquistas importantes, a exemplo do movimento que conseguiu a aprovação da PEC 397, que garantiu o aumento de 1% no valor do repasse do FPM (Fundo de Participação dos Municípios) para o mês de setembro, que é o mês com menor valor de repasse do ano.

■ O senhor preside uma Federação com prefeitos de diversos partidos e linhas ideológicas diversas. Existem conflitos de pauta? Como lidar com as eventuais divergências?

A Famup tem o cuidado de separar a questão política, pois sabemos que os prefeitos possuem suas filiações, seus partidos e suas ideologias, tanto da oposição quanto da situação. Mas não separamos dessa forma, porque todos são imbuídos de um bem maior, que é pauta municipalista, e essa pauta não tem partido. O mesmo problema que existe em Bom Jesus, pode existir em João

Pessoa, e um mesmo problema que existe em Coxixola, pode ter em Lagoa de Dentro. Nós lidamos diariamente com as administrações municipais, não lidamos com questões partidárias e políticas. Alguns presidentes no passado usaram essa parte política e isso foi prejudicial para o andamento da Famup e para as conquistas alcançadas. A Federação possui convênios com o Ministério Público Estadual, com o Ministério Público Federal, com o Tribunal de Contas da União e do Estado, ou seja, tudo aquilo que envolve a defesa do município, independente de partidos. Nessa defesa das pautas municipais, quem ganha são os municípios, a população que ali vive, e a própria Famup

■ Ainda no mês de maio, o senhor fez uma crítica à postura dos parlamentares paraibanos em não viabilizar recursos que garantam o pagamento do piso nacional da enfermagem. Em que se baseia essa crítica?

Essa pauta é complicada, porque os parlamentares vêm do mundo municipalista, são votados pelos municípios. O movimento municipalista levou essa pauta ao Senado deixando claro que nós apoiamos o pagamento do piso, mas desde que haja receita. Ocorre que não fomos ouvidos nessa pauta e deixamos claro que os municípios seriam prejudicados. O próprio Senado e a própria Câmara afirmaram que depois dessa votação, eles resolveriam a questão da receita dos municípios, mas isso não foi resolvido. Eu acho que isso não é bom. Os parlamentares usaram esse tema politicamente durante a eleição, que resolveriam a questão do piso de uma categoria tão importante. Hoje, estamos sofrendo com isso, porque veio pouco recurso, não conseguimos pagar e isso vem gerando problemas para os prefeitos.

■ Na última segunda-feira, a Famup realizou uma reunião com o objetivo de discutir os efeitos do piso da enfermagem nas administrações municipais e a busca de apoio para o pagamento. Qual balanço o senhor faz desse encontro?

Contamos com a presença de 120 prefeitos e mais 17 representantes de oito prefeituras. Foi um encontro importante porque os prefeitos estavam ali para discutir e tentar resolver a questão do pagamento do piso. É preciso deixar claro que nenhuma prefeita ou prefeito e nem a Famup são contra o pagamento do piso, mas entendemos que precisamos ter recursos. A grande maioria

dos municípios não possuem disponibilidade de recursos para cobrir esse complemento. Na Paraíba, 65% das prefeituras são de pequeno porte, e que vivem do repasse do FPM e do ICMS, então estamos tentando buscar uma solução. Próximo dia 30 de maio, haverá uma mobilização nacional com o objetivo de pedir que o Governo Federal destine os valores na sua integralidade para que seja possível pagar essa categoria, que é tão importante para a saúde pública.

■ A Famup também pede a mobilização dos gestores paraibanos junto aos parlamentares para garantir a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 25/2022, que adiciona ao Fundo de Participação dos Municípios (FPM) mais 1,5%. É possível mensurar a importância do FPM para a “sobrevivência” dos municípios?

Como falei antes, a maioria dos municípios paraibanos sobrevive do ICMS do estado e do FPM. Por sinal, por conta de um trabalho muito bem feito pelo governador João Azevêdo, com contas públicas em dia e com muito investimento, o ICSM tem ajudado muito os municípios da Paraíba. Mas precisamos desse 1,5% a mais, que representa R\$ 10,5 bilhões por ano. Por exemplo, se um município receber no mês de março do próximo ano 1,5% a mais de FPM, isso irá representar mais de R\$ 1 milhão, daria para ele pagar tranquilamente o piso e ainda fazer mais investimentos na saúde. Essa é a PEC que o movimento municipalista entregou. Esperamos que vire Emenda Constitucional e que dê garantia definitiva do pagamento do piso, uma vez que o piso vem trazendo mais direitos, não é só a questão do salário.

■ Como está a relação da Famup com os parlamentares que representam a Paraíba em Brasília?

Nós temos interlocução com a bancada, com os 15 parlamentares paraibanos, os 12 deputados federais e os três senadores da República que representam o estado. Assim como também temos uma boa relação com a Assembleia Legislativa. Através do deputado estadual (e presidente da ALPB) Adriano Galdino, foi criada a Frente Parlamentar Municipalista, onde podemos levar nossas demandas.

Quando a bancada federal, essa discussão é sempre permanente porque é lá onde estão se criando as leis. Nós só queremos que seja uma relação justa, porque é nos municípios onde tudo começa, portanto, nós queremos ter esse respeito porque eles são votados pelos municípios e muitas vezes (os deputados) colocam esse tipo de batata quente nas mãos dos prefeitos, para que cumpram algo sem haver suporte.

■ O governador João Azevêdo foi reeleito para um novo mandato. Como está a relação da Famup com o executivo estadual?

Em relação ao Governo do Estado, temos participação nas secretarias e nos projetos do executivo, sempre somos chamados para potencializar as ações para levar aos municípios tudo o que o governo tem feito de melhor. Desde que assumi a presidência da Famup, posso afirmar que a relação tem sido ótima. É

uma relação institucional, onde o governo demonstra um enorme respeito pela federação.

A Famup terá um assento no Conselho de Investimentos do Empreendedor, assim como possuímos assento na Aesa (Agência Executiva de Gestão das Águas), na Cagepa e em outros órgãos do governo. Quero deixar registrado que esse avanço se dá porque o governador João Azevêdo tem essa pauta municipalista e a Famup potencializa esse trabalho. Nós trabalhamos na certeza de fazer um bom assessoramento aos prefeitos e quando há um projeto em que sentamos para discutir, fazer com que as ideias avancem e que esse projeto chegue nos municípios, essa parceria é muito benéfica para todos. Volto a dizer que o governador João Azevêdo tem um respeito muito grande pela Federação porque ele é municipalista.

■ Nos últimos quatro anos, o Brasil passou por uma grande crise econômica, social e especialmente, sanitária. Qual o papel da Famup durante esse processo? É possível fazer um balanço da situação dos municípios durante esse período?

Nós conseguimos assessorar muito rapidamente e mantínhamos uma interação diária com os prefeitos com o objetivo de fazer com que atravessássemos da melhor forma, um momento tão difícil. Nós só tínhamos presenciado algo daquele tipo (a pandemia da Covid-19) em filmes de ficção, ninguém tinha conhecimento, ninguém estava preparado. Enquanto presidente da Famup e enquanto prefeito sofri muito, era algo inimaginável. No meio disso, nós precisamos lidar com a aplicabilidade dos recursos transferidos pela União, que eram recursos carimbados. De uma hora pra outra, foi uma grande transformação porque vieram muitos recursos e pouca informação, e se você usasse os recursos de forma a atingir o que estava na rubrica destinada, podia acontecer do prefeito ser taxado como se houvesse desviado o dinheiro da Covid de forma indevida. Outra questão é que todos os insumos e todos os produtos ligados à área da saúde, triplicaram de preço. Todos os gestores ficaram numa situação muito delicada.

Mas eu considero que, dentro da medida do possível, conseguimos atravessar da melhor forma possível. Foi um grande aprendizado para os órgãos reguladores e para gestores no que diz respeito à aplicabilidade de recursos. Sei que foi muito difícil para os gestores tomarem decisões que afetavam a vida dos cidadãos dos seus municípios, mas eu acredito que saímos bem mais fortalecidos e que as futuras gerações terão a lembrança de aquilo que foi feito para salvar vidas, e não para se autopromover.

■ Em outubro de 2022, a Famup realizou o encontro ‘Nordeste Unido pelo Desenvolvimento’. Qual o principal objetivo desse encontro? Qual a periodicidade e qual a importância no desenvolvimento da região?

São nove federações de prefeitos no Nordeste, que representa um terço de todos os municípios do Brasil. Nós temos esse encontro a cada 90 dias e falta, ainda, entregar a Carta à Confederação Nacional dos Muni-

cípios (CNM) e ao Governo Federal. Todos os municípios e estados possuem suas particularidades, mas temos em comum a pauta nacional, que é prioritária, e também a pauta regional. Uma das particularidades da Paraíba mostrada aos outros estados nesse encontro foi justamente o investimento fortíssimo nas energias renováveis, e nós temos essa condição de investimento. Nessas discussões nós apresentamos nossas capacidades de investimento, o que nós podemos fazer e o que as boas práticas dos outros estados podem fazer para Paraíba.

Então, nós vamos levar essa Carta ao Governo Federal e junto à CNM, potencializar todo esse trabalho para que os municípios de todos os estados tenham conhecimento do que acontece nos municípios dos estados vizinhos. Queremos que essa ação traga mais investimentos para as cidades da região.

■ O que a Famup espera com o novo Governo Federal em termos de recursos, parcerias e programas sociais?

Nos últimos 90 dias, nós fizemos uma entrega ao Governo Federal das demandas municipalistas, e o Governo enviou o vice-presidente Geraldo Alckmin ao encontro, realizado na 28ª Marcha de Prefeitos à Brasília (DF), junto com demais representantes do governo, ministros, legislativo, judiciário, Ministério Público. Esperamos que se cumpra aquilo que o governo vinha cumprindo, que é a transferência constitucional dos valores devidos e o que for referente à emendas impositivas, extra-orçamentárias e especiais, continuem.

Até o momento, não obtivemos essa resposta. Está atrasado cerca de R\$ 3 bi em emendas do ano passado que ainda não foram repassadas. E também queremos que o governo pague as novas emendas porque 70% desses valores são destinados à saúde e os municípios estão em dificuldade para manter esse custeio. Esperamos que tenha interlocução e escuta. Nossa pauta é cheia, mas esperamos a compreensão do governo em escutar e resolver da melhor forma possível.

■ Quais ações estão sendo planejadas para 2023 em termos de projetos e parcerias?

Estamos formatando ainda o Congresso de Prefeitos e a Feira de Municípios e o objetivo é realizar no próximo semestre. Além da entrega da reforma da sede da Famup, temos o projeto ‘Reciclo para Todos’, assegurando suporte e dignidade ao catador de recicláveis. Os municípios de Alhandra e Caaporã já estão desenvolvendo o projeto e os próximos serão Marcação, Alagoinha, Monteiro e Patos.

Temos ainda muitos projetos na área de qualificação em parceria com o TCE, com cursos de licitação, de advogado municipalista. Tudo o que envolver administração pública queremos que os profissionais estejam sempre na dianteira, com conhecimento qualificado. Gestão pública é muito difícil, principalmente as municipais. Muda-se constantemente as leis, precisamos que essas equipes estejam bem atualizadas e a Famup ainda vai avançar muito nessa qualificação.



Fotos: Roberto Cuedes

Avanço do mar vem ocasionando a demolição de casas e comércios, além da possibilidade de desativação de vias; alargamento da orla e medidas paliativas estão sendo pensadas

NORTE E SUL

Litoral sofre com avanço do mar

Autoridades do meio ambiente, gestores e pesquisadores buscam solução para problema que vem se agravando na PB

Ítalo Arruda
Especial para A União

José Alves
zavieira2@gmail.com

Não é novidade que o avanço do mar no Litoral paraibano tem provocado mudanças significativas na geografia e causado impactos irreversíveis em diversas regiões praieiras do estado. Além da capital João Pessoa, que, há décadas, sofre com a erosão das falésias das praias de Cabo Branco e Seixas, o mar vem “engolindo” barreiras, monumentos e residências de municípios costeiros como Conde e Pitimbu, no Litoral Sul, e Baía da Traição, no Litoral Norte.

Em Baía da Traição, dezenas de casas já foram derrubadas pela força da maré. Além disso, o calçadão da Praça José Barbosa (a principal da cidade) foi fortemente atingido pelas águas do mar em várias ocasiões. Recentemente, no mês de março, o local ficou completamente destruído após fortes ondas atingirem a área. No município, este é um problema antigo que se agrava cada vez mais.

Segundo o secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do município, Aluizio José de Lorena, por duas ocasiões a gestão “foi obrigada” a decretar estado de emergência naquele trecho da cidade devido às consequências do avanço do mar. Ao todo, 22 casas foram completamente destruídas pelo mar somente este ano.

Ainda conforme Aluizio, atualmente, existem dois cenários preocupantes, sendo um deles a possível invasão do mar em um trecho de estrada de 3km, que dá acesso às aldeias Forte, São Francisco, Lagoa do Mato e Cumarú. Se isso acontecer, alerta o secretário, as aldeias vão ficar isoladas, sem nenhum tipo de acesso.

O outro cenário é se a água do mar atingir a única fonte de recurso de água potável que o município possui, o Rio Sinimbu. “Este é o canal que fornece água para o perímetro urbano do município e algumas aldeias. Será preciso decretar um estado de calamidade pública, caso isso aconteça”, afirmou Aluizio.

De acordo com o professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Geomorfologia e Gestão dos Riscos Naturais (Genat) da mesma instituição, Saulo Roberto Vital, a situação do município de Baía da Traição é uma das mais complicadas do Litoral paraibano.

Para além de obras de contenção – que, na maioria das vezes, surgem como medidas paliativas –, o geógrafo afirma que é necessário realizar um estudo técnico multidisciplinar aprofundado a fim de apontar as

melhores condições para mitigar o problema não só naquela mais também em outras áreas atingidas pelo avanço do mar.

“Eu defendo que seja feito um estudo completo, envolvendo toda a região costeira do estado, levantando dados de vulnerabilidade da costa paraibana, de condições socioeconômicas e ambientais, para que cheguemos a um diagnóstico preciso da erosão na nossa costa e, com isso, possamos apontar as melhores soluções frente à essa questão (dos efeitos e das consequências) do avanço do mar”, ressaltou o geógrafo.

Além disso, Saulo Vital reforçou a necessidade de se considerar o contexto e as particularidades de cada situação e de cada local. “Cada área tem sua especificidade e seus contextos. Enquanto na Praia de Carapibus (em Conde) há falésias erodindo, na Baía da Traição há a invasão das construções na área da faixa de praia. Na hora de elaborar um estudo, tudo isso tem que ser levado em consideração para que seja a apontada a melhor solução”, indicou.

O avanço assusta os residentes de Baía da Traição. Em março, a área litorânea da cidade foi atingida por ondas de quase três metros que destruíram parcialmente a principal e primeira praça construída na cidade, a José Barbosa, onde estão diversos quiosques. Um projeto para a recuperação do espaço vem sendo pensado pela gestão.

O prefeito do município, Serginho Lima, afirmou que aguarda a liberação de recursos federais para lidar com o problema, após encontro com parlamentares paraibanos e da apresentação do problema. “A gente continua dependendo de recursos na ordem de R\$ 20 milhões para saber qual o melhor projeto a ser aplicado nas praias que estão sofrendo com o avanço do mar. Existem duas soluções sendo discutidas, o alargamento da faixa de areia ou a construção de gabiões. Temos que saber o que melhor se adequa a Baía da Traição”, explicou.

O projeto da construção de gabiões é mais barato e, por isso, a captação de recursos pode ser facilitada. O projeto aguarda, ainda, estudos de oceanógrafos para saber quantos gabiões serão necessários para conter o constante avanço do mar.

Apesar dos constantes avanços da maré, a cidade não vem perdendo moradores. “Muito pelo contrário, a Baía da Traição vem ganhando mais construções. Tivemos um saldo positivo nos últimos anos com pessoas em busca de terrenos para construir suas casas”, comemorou.

A moradora da orla, Ana Paula Fidélis, mostrou que o avanço do mar já quebrou o terraço de sua casa, que fica nas imediações da praia. “Após a quebraadeira, nós tivemos que cons-

truir mais um cômodo para ficarmos mais afastados da orla. Vou continuar morando aqui com meu marido e meus três filhos porque não temos pra onde ir. No entanto, se a gente perceber que as ondas vão aumentar e causar mais prejuízos, teremos mesmo que sair, mas nossa primeira opção é permanecer aqui, correndo risco”, afirmou ela complementando que a maioria de seus vizinhos já abandonaram suas residências para irem morar na Aldeia Forte.

A professora e comerciante aposentada, Ivanilda Gomes da Silva, mais conhecida como ‘Moça’, contou que o avanço na orla da Baía da Traição vem causando prejuízos diversos e obrigando comerciantes e moradores a deixarem o local. “Eu era dona de um bar e restaurante onde também funcionava um forró nos finais de semana. Após a aposentadoria, ainda tentei alugar o espaço, mas não pude mais por causa do avanço do mar. Meus vizinhos que tinham comércio por aqui, estão se mudando para as aldeias São Miguel e Forte, com medo da destruição”, afirmou.



Vou continuar morando aqui porque não temos pra onde ir. Se a gente [família] perceber que as ondas vão aumentar, teremos que sair

Ana Paula Fidélis



Existem duas soluções sendo discutidas, o alargamento da faixa de areia ou a construção de gabiões. Temos que saber o que melhor se adequa

Serginho Lima

Autoridades e especialistas se reúnem em busca de soluções viáveis para o problema

Com o objetivo de frear o avanço do mar nas praias de Baía da Traição e minimizar os riscos à população, representantes da Prefeitura de Pitimbu e pesquisadores da UFPB se reuniram, no início de maio, para debater o problema e traçar estratégias de solução.

Até o momento, segundo informou o secretário Aluizio Lorena, um grupo de geógrafos e especialistas em Meio Ambiente realizou um levantamento fotográfico de toda a área atingida pelo avanço do mar no município e, em breve, será elabo-

borado um relatório com todos os apontamentos necessários.

“Esse relatório vai orientar o estudo a ser feito pela UFPB, em parceria com a prefeitura, para que tenhamos uma real dimensão daquilo que o mar está fazendo na nossa região e qual será a proposta mais viável para a contenção da força da maré que, infelizmente, vem destruindo a via costeira da nossa cidade. Será um trabalho longo e demorado”, afirmou.

O secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos também desta-

cou, sem dar detalhes, que já existe um projeto voltado à questão do avanço do mar em tramitação na Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), elaborado pela Defesa Civil Municipal, que, se for aprovado, será enviado para Brasília, “a fim de conseguir o apoio e os recursos”.

Pitimbu também é atingido

Já no município de Pitimbu, a 56km de João Pessoa, quatro praias, pelo menos, estão sofrendo com o avanço do nível do mar. De acordo com um mapeamento realizado pela Secretaria de Turismo e Meio Ambiente da cidade, os pontos com maior incidência são Barra do Graú (próximo ao Tambazulike), Praia Bela, Pontal (na Fonte dos Milagres e próximo à casa das Irmãs Lourdinias) e Praia Azul.

Nestes locais, segundo informou a assessoria da pasta, não existe mais restingas, ecossistema costeiro fundamental para a proteção das praias e equilíbrio ambiental. Entre as medidas adotadas, está um projeto educativo e de conscientização (em elaboração) para ser desenvolvido com estudantes, pescadores e moradores de residências à beira-mar; e a instalação de placas informativas sobre crimes ambientais.



Mesmo com contenções, o avanço segue afetando as construções

CONSCIÊNCIA SOCIAL

Brechós são a moda do futuro

Clientes e empreendedores reconfiguram as relações de consumo através da sustentabilidade e rentabilidade

Taty Valéria
tatyavaleria@gmail.com

Consciência social, preocupação com o meio ambiente e uma mentalidade livre de preconceitos. Assim é o novo perfil das consumidoras e consumidores de brechós que, muito além de um preço mais em conta, procuram uma nova forma de se enxergar e de enxergar o mundo. Diene Toscano, proprietária do brechó Soul Consciente, com três lojas em João Pessoa e expandindo para outras cidades e estados com filiais, se surpreende com essa mudança. “É impressionante essa transformação de pensamento. Acho que a conscientização vem acontecendo ao longo dos anos, um degrau de cada vez, mas que está fluindo surpreendentemente bem”, diz Diene.

A fala de Diene é refletida em dados quantitativos: enquanto o mercado de brechós cresceu cerca de 30% em 2022, o comércio varejista praticamente estagnou. Os dados são da Associação Comercial de São Paulo (ACSP) e podem significar que os consumidores da moda estão buscando, além de roupas e calçados novos, um produto que reflita, também, sua visão de sociedade. É o caso da psicóloga Angélica Dias, que virou consumidora de brechó há dois anos.

“Eu era uma pessoa muito consumista, mas fui revendo esses conceitos e enxergando que a compra consciente se adequava mais aos meus próprios valores de vida, ao que eu procurava, ao que eu pen-



Fotos: Roberto Guedes

Repasso de peças usadas e seu consumo por outras pessoas reduzem os impactos ambientais na produção de novos itens

so sobre bens materiais. Então esse conceito de brechó casou muito com meu estilo de vida, procurar gastar menos e reaproveitar mais”, afirmou. Quem imagina um brechó naquela configuração de uma pequena sala ou garagem, com uma ou duas

araras de roupas velhas e mal cheirosas, é bom rever seus conceitos.

As novas lojas de brechós possuem uma apresentação diferenciada, com boa curadoria, roupas bem passadas, num ambiente que não deixa nada a desejar às lojas de sho-

ppings. Adriana Nóbrega, dona do brechó Jardim das Margaridas, localizado em Manaíra e um dos mais antigos de João Pessoa, afirma que, no início, as pessoas tinham receio. “As pessoas chegavam com aquele pé atrás, sem saber ainda o que

iam encontrar, porque tinha aquela percepção de que brechó tem roupa velha, fedorenta. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a perceber que o brechó é uma loja como qualquer outra, só que diferenciadas”, ressaltou.



“**Acho que a conscientização vem acontecendo ao longo dos anos, um degrau de cada vez, mas está fluindo**

Diene Toscano



Além de uma imersão semelhante às lojas de departamento ou de grandes marcas em centros comerciais, os brechós também podem ser mais intimistas, ofertando experiências diversas

Experiência de proximidade e de cuidado com o planeta



“**O mercado tomou uma nova configuração porque a temática da sustentabilidade está cada vez mais presente**

Adriana Nóbrega

Diene Toscano montou a Soul consciente com o intuito de trazer uma prática diferente do que se conhecia como brechó tradicional. “Quis proporcionar uma experiência diferente, confortável, onde o cliente se surpreenda com a qualidade das peças, com a disposição, da loja. Tudo é pensando com esses objetivos”, falou. Tatá Timóteo, proprietário do brechó Replay, entende que o principal diferencial dos brechós em relação às lojas convencionais, é justamente um atendimento mais próximo ao cliente.

“Aqui todos se sentem em casa. Me preocupo muito com o bem-estar de meus clientes. O atendimento é bem humanizado, com música, espaço para trabalho remoto, cafezinho, literatura, boas conversas, trocas de experiências. E, lógico, peças exclusivas a partir de um bom garimpo e com preço justo. Seja como empreendedor, ou como consumidor, uma coisa é certa: todos estamos vivendo o momento de virada

de um negócio milenar. É a hora de olhar para o guarda-roupa!”, falou.

Olhar para o próprio guarda-roupa é a primeira dica que Diene Toscano aponta para quem pretende se tornar consumidora de brechós. “A experiência do brechó começa em casa. Abra o guarda-roupa, veja peças que você não usa mais, que estão ali só ocupando espaço. Se você não usa aquela peça ou nem lembrava que ele ainda existia, significa que ela pode ser vendida ou trocada”. Tanto na Soul quanto no Jardim das Margaridas, as clientes podem levar roupas em bom estado, que serão avaliadas e poderão ser trocadas por créditos nas próprias lojas.

Tripé de sustentabilidade

O impacto econômico, ambiental e social, chamado de tripé da sustentabilidade, representa o conceito e a essência do brechó. Roupas com preços acessíveis, com zero impacto no meio ambiente e consequen-

temente, com benefícios para toda a sociedade.

O Brasil, terceiro maior produtor mundial e quarto maior consumidor de jeans, consome 5,2 mil litros de água na produção de uma única calça jeans, desde o plantio da fibra de algodão até o pós-consumo. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), uma pessoa precisa de 100 litros por dia para atender suas necessidades básicas, resultando em três mil litros por mês.

“Hoje ressignificamos o que é consumir em brechó e o que é consumir objetos que não precisam ser produzidos. Esse mercado tomou uma nova configuração porque essa temática de sustentabilidade está cada vez mais presente na mídia em virtude da necessidade do mundo ter uma nova conscientização em relação ao meio ambiente, ao aquecimento global e ao impacto que essa indústria da moda pode representar no mundo”, finalizou Adriana Nóbrega.



“**Todos estamos vivendo o momento de virada de um negócio milenar. É a hora de olhar para o guarda-roupa!**

Tatá Timóteo

ALERTA

O efeito devastador da cocaína rosa

Substância possui em sua composição a midomafetamina, conhecida como MDMA, e já deixa órgãos em alerta

Ítalo Arruda
Especial para A União

Conhecida popularmente como “cocaína rosa”, a substância 2C-B (também chamada de “tuci” ou “tucibi”, por causa da pronúncia em inglês do número dois e da letra c) é uma droga psicodélica com alto risco de dependência. Apesar de não ser tão comum no Brasil, há relatos de apreensão do entorpecente em alguns estados do Sul e do Sudeste. Na Paraíba, já foram apreendidas grandes quantidades de comprimidos similares à droga, como *ecstasy*, por exemplo.

De acordo com a delegada titular da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) de João Pessoa, Viviane Magalhães, o *ecstasy*, assim como a “cocaína rosa” e as drogas sintéticas, de um modo geral, possuem em sua composição a substância MDMA (midomafetamina), “responsável pelos efeitos mais devastadores dessas drogas recreativas”.

Além de causar um estado intenso de euforia, bem-estar e aceleração de batimentos cardíacos, a “cocaína rosa”, explica a delegada, pode gerar uma série de riscos advindos dos efeitos alucinógenos, entre eles, a distorção da percepção da realidade, paranóias, pânico e o próprio vício. “Também pode ocasionar elevação da pressão arterial e da temperatura do corpo, além de casos de infarto”, alertou Viviane Magalhães.

Embora seja vulgarmente chamada de “cocaína rosa”, a droga 2C-B não tem nenhuma ligação com a cocaína propriamente dita, já que a composição das duas substâncias são completamente distintas, ressalta a delegada titular da DRE da capital, ao destacar que a instituição está vigilante e atenta às denúncias, a fim de coibir a comercialização destas e de outros tipos de drogas.

“Assim como outras drogas inseridas no mercado, que são consideradas ‘novas’, a DRE vem buscando aprimorar-se ainda mais no conhecimento sobre a forma em que elas se apresentam, e atuando de forma a reprimir esse crime de efeitos avassaladores para a saúde do indivíduo”, afirmou Viviane.



Foto: Freepick

Apenas durante o mês de abril deste ano, a Polícia Civil apreendeu 3.466 unidades de drogas sintéticas dos mais variados tipos em João Pessoa

Foto: PRF/Divulgação



Cocaína rosa tem sido apreendida com frequência em estados do Sul e Sudeste. Substância provoca alucinação e efeitos devastadores e pode levar à dependência

Ainda segundo a delegada, o trabalho desenvolvido no combate ao tráfico de entorpecentes busca tratar o problema dentro de uma conjuntura social global, já que se trata de um crime base para o cometimento de outros delitos.

Em João Pessoa, de janeiro a abril deste ano, foram apreendidas pela Polícia Civil (PC) da Paraíba 3.466

unidades de drogas sintéticas dos mais variados tipos, tendo sido o maior volume apreendido durante o mês de março (3.428). De acordo com informações da PC, naquele mês foram registradas quatro entradas de entorpecentes no Instituto de Polícia Científica (IPC), enquanto os demais meses oscilaram entre uma e três ocorrências desta natureza.

Caso da brasileira

Recentemente, um caso envolvendo a morte de uma brasileira e o uso de cocaína rosa foi amplamente divulgado pela imprensa nacional e internacional. Trata-se do caso de Emily Rodrigues, 26 anos, que caiu do sexto andar de um prédio em Buenos Aires, na Argentina. Antes da queda, segundo indicou o resultado do exame,

a jovem teria feito uso de várias drogas, incluindo maconha e *ecstasy*.

A investigação, no entanto, segue em andamento para saber se a mulher foi vítima de queda acidental (impulsionada pelos efeitos da substância), de homicídio ou se cometeu suicídio.

Origem da “cocaína rosa”

Descoberta na década de

1970 pelos laboratórios farmacêuticos alemães, a substância 2C-B, é bastante conhecida por seu aspecto “afrodisíaco”, tendo, inclusive, recebido o nome comercial de “Erox”, em uma referência ao deus Eros, considerado, pela mitologia grega, o deus do amor e do erotismo. No comércio ilegal, a droga também costuma ser vendida com os nomes de “vênus” e “nexus”.

Foto: Freepick



Uso de substâncias químicas pode desencadear doenças



Foto: Nopipo npon pon op

Caps AD 3 no Rangel oferece serviços para tratamento das pessoas usuárias de drogas

Além dos riscos de dependências químicas, o uso de drogas sintéticas pode desencadear uma série de doenças e, inclusive, levar o usuário à morte. Pensando em evitar esses extremos e reduzir os danos, o Centro de Atenção Psicossocial especializado em álcool e outras drogas (Caps AD) 3 David Capistrano da Costa Filho, vinculado à Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de João Pessoa, oferece uma série de serviços voltados ao tratamento da pessoa usuária de uma dessas substâncias.

Localizado no bairro do Rangel, o local oferece à pessoas maiores de 18 anos desintoxicação, psicoterapia, medicamentos, além de reuniões

com grupos de autoajuda e internações clínicas. Inicialmente, explica Carol Arruda Porto, diretora do Caps AD 3, a equipe realiza o acolhimento dessas pessoas, que procuram o serviço de forma espontânea ou são encaminhadas pela rede de saúde básica.

“O acolhimento se dá ao receber essas pessoas de forma humanizada, ouvi-las e identificar as suas reais necessidades. Com a escuta, damos início ao projeto terapêutico, que, de forma personalizada, tem como objetivo ofertar aos usuários a assistência psicossocial, por meio de uma equipe multiprofissional”, afirmou Carol.

Segundo ela, a maioria dos pacientes é composta por

homens e a droga mais utilizada é o álcool. “Em seguida, vem a maconha modificada, mas as drogas sintéticas também estão dentro do perfil dos nossos usuários, como as anfetaminas, LSD, *ecstasy* e os anabolizantes”, acrescentou. Além disso, o serviço do Caps AD 3 atua, ainda, com atendimento aos usuários de drogas semi sintéticas, como crack e cocaína, por exemplo.

Saiba mais

O Caps AD 3 David Capistrano da Costa Filho fica localizado na Rua José Soares, S/N, Rangel e funciona de segunda a sexta-feira, das 7h às 11h e das 13h às 17h. Mais informações serão obtidas por meio do telefone: 3218-5244.

INCENTIVO

Monte Horebe é destaque no ensino

Município é o único da Paraíba inscrito na Associação Internacional de Cidades Educadoras, desde 1990

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Monte Horebe, situado no Alto Sertão da Paraíba, na região de Cajazeiras, é a única cidade da Paraíba inscrita na Aice - Associação Internacional das Cidades Educadoras, projeto que nasceu em Barcelona, em 1990. Atualmente, esse projeto está presente em 25 cidades brasileiras, sendo apenas duas no Nordeste. E uma delas é Monte Horebe - a outra cidade inscrita na Aice se situa no estado do Ceará. Por sua inscrição na Aice, o município paraibano passou a ser conhecido oficialmente como cidade educadora.

Pequena, com apenas 4.867 habitantes, Monte Horebe tem como principal atração o Ecoturismo, com trilhas que encantam os visitantes, a exemplo das que passam por rios, cachoeiras, lajedos e, principalmente, pela centenária Casa de Pedra, onde está a famosa Pedra do Sino, com suas pinturas rupestres.

A Casa de Pedra é uma propriedade particular centenária e há muito se tornou parada "obrigatória", para todos os turistas que curtem trilhas. A casa pertence à família Moraes Costa, uma família tradicional da cidade, que sempre mantém as portas abertas para os visitantes. Já a pedra que é mais conhecida como a Pedra do Sino, segundo os moradores da cidade, tem esse reconhecimento porque quando alguém atira algum objeto nela, a pedra emite um som semelhante ao de um sino de igreja.

E é principalmente por causa do Ecoturismo que os visitantes de Monte Horebe são levados a visualizar um dos mais belos pôr do sol da região. Por suas belezas naturais e da prática do ecoturismo a sociedade horebense, com o apoio da prefeitura local, está tendo mais oportunidade de crescimento e desenvolvimento no que diz respeito a geração de emprego e renda.

Outra fonte de renda para os habitantes locais é a agricultura de subsistência e a pecuária (caprinos, ovinos e suínos) por vocação natural. O comércio de rua e o artesanato local, além das comidas típicas da região, são os outros atrativos turísticos e econômicos de Monte Horebe.

Segundo informações da secretária de Cultura e Turismo de Monte Horebe, Aluza Dias Guarita, a cidade está localizada a cerca de 800 metros acima do nível do mar, o que favorece um clima ameno. "Temos cachoeiras lindas que proporcionam aos turistas belas paisagens e um banho de rio inesquecível, que deixa todos os visitantes com desejo de retornar à cidade", argumentou Aluza, informando que Monte Horebe fica a 530 quilômetros de João Pessoa. A cidade, que comemora o aniversário de 62 anos de emancipação política no dia 5 de dezembro, foi fundada no ano de 1961 e tem como padroeiro São Francisco de Assis.

■ Cidade está situada a mais de 800m acima do nível do mar, o que garante um clima ameno para moradores e visitantes



Fotos: Washington Cavalcanti/Divulgação

Pedra do Sino é um dos atrativos da cidade. Ao jogar qualquer objeto nela, é emitido um som de sino de igreja

Mudança

Município teve a emancipação em 5 de dezembro de 1961, deixando para trás o título de distrito de Bonito de Santa Fé

Corrida do Trabalhador aquece turismo local

A festa que mais atrai turistas para Monte Horebe é o 'Festival de Inverno', que está em sua terceira edição. Nesse festival que acontece de 23 a 28 deste mês, também será realizada a 5ª Corrida do Trabalhador, que é a mais disputada Corrida do Alto Sertão da Paraíba. "Só para se ter ideia da importância do evento, já se inscreveram mais de 600 pessoas de oito estados brasileiros (PB, PE, CE, RN, PI, BA, ES e SP). A corrida sempre acontece em maio, e este ano a premiação é R\$ 26 mil", revelou Aluza.

"Nosso Festival de Inverno é o evento que mais atrai turistas a Monte Horebe", disse, complementando que os esportes que mais são praticados na localidade são: futebol, vôlei, caminhadas no entorno da praça central e trilhas na zona rural.

"O futebol é a grande paixão dos horebeneses porque a cidade conta com um estádio de futebol padrão Fifa, que recebe times de toda região para as disputas de torneios e campeonatos municipais", destacou Aluza, acrescentando que o então prefeito Erivan Dias Guarita é uma das pessoas

“

Nosso Festival de Inverno é o evento que mais atrai turistas a Monte Horebe

Aluza Dias Guarita

que é reverenciada pelos horebeneses. Ele comandou a cidade como prefeito por três mandatos e a população local ainda sente saudades.

"Nos finais de semana, o que a população local gosta mesmo de fazer é caminhadas ao redor da praça central. Também gosta de visitar à biblioteca e de ir aos parques existentes na cidade. Os moradores de Monte Ho-

rebe também gostam muito de tomar banho de rio e de cachoeira. Outro lugar bastante visitado pela população local é o Monte das Luzes. Trata-se de uma estrutura de iluminação que enche de cores o município durante todo o ano", revelou ela, destacando que atualmente a cidade está sendo bem cuidada, com diversas ruas sendo pavimentadas pelo prefeito Marcos Eron Nogueira.

Monte Horebe teve sua emancipação política no dia 5 de dezembro 1961, pelo então prefeito Lauro Dias de Oliveira. "É uma cidade pacata e acolhedora. Estamos sempre prontos para receber os visitantes", garantiu a secretária de Turismo.

O município de Monte Horebe fica localizado no extremo oeste do estado da Paraíba a 48km de Cajazeiras. Vizinho aos municípios de Bonito de Santa Fé, São José de Piranhas e Mauriti.

História

De acordo com historiadores, as origens do atual município de Monte Horebe datam de 1925. Na época, Joaquim de Sousa, proprietário do Sítio Açude Novo,

doou um pequeno patrimônio de terras para a construção de uma capela dedicada a São Francisco de Assis. No mesmo local, foi realizada uma pequena feira que foi crescendo e atraindo mais comerciantes a cada ano, até que em 1926, o bando de Lampião passou pelo local e afugentou os frequentadores da feira, que só foi restabelecida no ano de 1932.

Em seguida, em 1935 a capela foi demolida e no local construíram a Igreja Matriz, que teve a orientação do comerciante Venâncio Dias do Nascimento e sua conclusão aconteceu no ano de 1940. Naquela época, já haviam sido construídas as primeiras casas de diversos comerciantes e pessoas da região, mas, a emancipação política do município se deu em 5 de dezembro de 1961. Antes, no mesmo local, foi criado o distrito com a denominação de Monte Horebe, por decreto-lei subordinado ao município de Bonito de Santa Fé no ano de 1960. Em seguida, o distrito foi elevado à categoria de município de Monte Horebe, através de lei estadual no dia 5 de dezembro de 1961, que permanece até os dias atuais.



Localização da cidade, no Alto Sertão da Paraíba, e altitude garantem uma vista privilegiada, especialmente ao pôr do sol; ecoturismo é ponto forte

No “epicentro” da arte indígena potiguara

Reconhecido internacionalmente, multiartista Sever abre as portas do seu ateliê em Tracoeira, uma das aldeias que compõem o território potiguara do município de Baía da Traição

Jorge Rezende
jorgerezende.imprensa@gmail.com

Enquanto a chamada alta estação na Paraíba não chega, o Ateliê Arte Potiguara, instalado quase em meio à mata, cercado por árvores frutíferas e às margens do bucólico e atrativo Rio do Gozo, na Aldeia Tracoeira, permanece de portas abertas para receber eventuais turistas e visitantes amigos. Tracoeira é uma das 13 aldeias que compõem o território indígena potiguara do município de Baía da Traição, com cerca de nove mil habitantes e localizado no Litoral Norte paraibano, a 84 quilômetros de João Pessoa.

Esse “epicentro” da arte indígena potiguara, mesmo à espera do movimento de turistas previsto para o período que vai aproximadamente do final do mês de novembro, e que se prolonga até meados de março do ano seguinte, não para nunca. A movimentação é feita pelo multiartista indígena que nasceu Severino Pereira de Souza, é chamado na comunidade onde vive por Severo e ficou internacionalmente conhecido como Sever – uma corruptela de Severino, nome artístico adotado no final dos anos de 1980, assim que se formou na Escola de Artes, no Rio de Janeiro, capital fluminense.

Prestes a completar 65 anos de idade no próximo dia 18 de julho (ele nasceu em 1958 nas terras da Tracoeira), com uma vida inteira quase que integralmente dedicada às artes, Sever é pintor, desenhista, serigrafista, escultor, ceramista, artesão, músico e ilustrador de livros, principalmente os dedicados ao público infantil. “Nasci artista. Nasci com esse dom. Aos oito anos de idade comecei a desenhar e a produzir minhas primeiras peças de barro”, relembra Sever, que antes de ter carteira profissional de artesão e se formar em artes num curso de quatro anos, desempenhou várias atividades para sobreviver no chamado “Sul maravilha”: trabalhou como peão de obra, em estaleiro, vendedor de loja, porteiro e de vigia de prédios.

Segundo filho de uma família de oito irmãos, aos 17 anos de idade, juntamente com outros três amigos de aldeia, Severino Pereira, que mais tarde se transformaria em Sever, partiu para o Rio de Janeiro. Mesmo desempenhando várias atividades que nada tinham a ver com o mundo das artes, ele nunca perdeu o sonho de galgar uma carreira artística. Isso começou a mudar quando ele aceitou o convite do uruguaio Rubens Gonzalez para trabalhar em uma serigrafia carioca, onde desempenhava o trabalho de inspecionar a qualidade e

na criação das ideias para as peças produzidas na empresa.

“Foi a partir deste trabalho na indústria de serigrafia que as coisas começaram a mudar pra mim”, relembra Sever, destacando que as portas foram abertas pelo artista plástico fluminense José Luiz Carlos Magno, que conheceu o seu trabalho e o incentivou a frequentar a Escola de Artes. Na sua formatura, com a realização da primeira exposição, logo de cara ficou com a medalha de bronze, com a obra *O Fruto do Pecado*, que até hoje ele mantém emoldurando as paredes do seu ateliê na Aldeia Tracoeira. “Essa obra representa muito pra mim. Não a vendo nunca”. Trinta e seis anos depois, Sever acumula 37 exposições, conquistando seis medalhas de ouro.

Entre as principais exposições que participou, ele destaca as ocorridas na Academia Brasileira de Letras (ABL), na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), no Museu Nacional e no Forte de Copacabana. Na Paraíba e no Nordeste, as suas últimas exposições ocorreram antes da chegada da pandemia, no ano de 2019. Suas obras estiveram na exposição *Memórias Potiguaras*, em Pipa (RN), e nos eventos itinerantes promovidos pela Energisa, nas cidades João Pessoa, Campina Grande e Patos.

Na literatura e música

Não tanto conhecido em sua terra, a Paraíba, a arte de Sever está espalhada por várias partes do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. Todavia, o destaque fica por conta dos turistas estrangeiros que procuram Baía da Traição para conhecer Sever e o Ateliê Arte Potiguara. “Eles vêm até aqui, valorizam o meu trabalho e levam a minha arte com eles”, ressalta Sever, enfatizando que suas pinturas hoje estão, principalmente, nos Estados Unidos, Uruguai, França, Japão, Portugal, Espanha e Noruega. “Sou bastante valorizado por quem vem de fora”.

Durante sua trajetória artística, o pintor potiguara também amalehou destaque nas áreas da literatura e da



Com obras espalhadas pelo globo, artista indígena ainda se dedica à música

Prestes a completar 65 anos de idade no próximo dia 18 de julho, Sever é pintor, desenhista, serigrafista, escultor, ceramista, artesão, músico e ilustrador de livros, principalmente os dedicados ao público infantil



Fotos: Eduardo Santos/Divulgação

Foto: Ascom/CMBT



Peças de arte que adornam o ateliê instalado às margens do Rio do Gozo, na Aldeia Tracoeira; no alto, à direita, vereador Ronaldo do Mel apresentando uma obra de Sever à ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara

música. Ele é requisitado para ilustrar livros, a exemplo da obra *Akajutibiró* (“Terra do Caju Azedo”), de Eliane Potiguara, de 1994; e do *Curso de Tupi*, para a escola do ensino fundamental, do governo paraibano, elaborado pelo professor Eduardo de Almeida Nunes, da Universidade de São Paulo. Já como músico tecladista, paralelamente à vida de artista plástico, ele atuou por uma década nos bares das noites cariocas, tocando e cantando todo tipo de música, principalmente MPB. “Também toco violão e guitarra”, acrescenta ele.

Mesmo vivendo o movimento da baixa estação, nos últimos dias seu ateliê tem ensaiado um crescimento no número de visitantes. Isso está acontecendo depois que a ministra

dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, foi presentada pelo vereador Ronaldo do Mel (sem partido), vice-presidente da Câmara Municipal de Baía da Traição (CMBT), com um quadro de pintura a óleo de autoria de Sever. A entrega da obra ocorreu no último dia 27 de abril, em Brasília (DF), durante audiência do vereador com a ministra.

“Foi um presente para a ministra e uma homenagem também ao presidente Lula”, explica Sever. O quadro é uma reprodução de uma imagem fotográfica da ministra com o presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), registrada em janeiro deste ano, quando da posse de Sônia Guajajara no Ministério dos Povos Indígenas. Ela gostou tanto do presente

que, logo em seguida, divulgou as imagens nas redes sociais dela.

“Toda vez que há um evento parecido como esse, sou ainda mais procurado, principalmente por gente de fora do estado”, comemora Sever, lembrando que coisa parecida aconteceu em outras duas oportunidades: quando o governo da Paraíba adquiriu uma obra sua no início da década de 2010, em alusão ao Rio do Gozo, que corta a aldeia, e quando ele pintou ao vivo no programa *Mais Você*, de Ana Maria Braga, da Rede Globo.

Depois de anos no Rio de Janeiro, Sever retornou de vez à Paraíba em 2000, para cuidar dos seus pais. Já o Ateliê Arte Potiguara foi criado e montado em sua casa, na Aldeia Tracoeira, em 2018.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Vini Jr. e os racistas espanhóis

Um acontecimento bastante conhecido entre os historiadores é o de que os soviéticos depois de vencerem Hitler e os nazistas na Segunda Guerra Mundial, pretendiam avançar até a Espanha para acabar com o governo fascista de Francisco Franco. Essa ideia, infelizmente, não prosperou. Os EUA, que sabiam que isso poderia significar a tomada da Europa Ocidental pelo Bloco Comunista, tratou de costurar um acordo com o ditador espanhol. Franco governaria de 1938 a 1973. Uma era sombria, marcada pelo autoritarismo, pela ideologia supremacista e o racismo institucional.

Naquela ocasião a URSS possuía o exército mais poderoso do mundo. Suficientemente forte, acredita-se, para fazer capitular toda a Europa. No entanto, ao contrário dos ianques, não eram donos da arma de guerra mais terrível, letal e dissuasiva que já conhecemos: a bomba atômica. Os planos de avanço tiveram que ser desfeitos depois da demonstração dada por Harry Truman, em Hiroshima e Nagasaki, do poderio estadunidense. Como nos ensinou Mao Tse-Tung: "O poder político nasce do cano de uma espingarda". Nesse caso, mais precisamente, de uma ogiva nuclear.

A Espanha que já acumulava uma história colonialista, repleta de pilhagens, genocídios e guerras, viu-se en-

tregue a um regime político fascista que, combinados, explicam o racismo que domina o país e que é comum na maior parte do continente europeu. Até o ano de 1958 existiam zoológicos humanos na Europa, povoados por pessoas pretas, nativos da América e da Oceania. Num dos mais sórdidos e abjetos episódios da humanidade.

História que se repete sempre como tragédia e que hoje tem como protagonista um menino preto de origem pobre, brasileiro, que joga no maior time da Europa, o Real Madrid. O melhor jogador de sua geração, que com apenas 22 anos enfrenta a fúria racista de torcedores. Atitudes que recebem vista grossa das autoridades do país e que geralmente são atenuadas pela mídia corporativa e corroboradas pela omissão de seus companheiros de time. O presidente da La Liga, Javier Tebas, foi militante do partido de extrema-direita Fuerza Nueva, fundado em 1976, com o intuito de dar continuidade ao legado franquista. Atualmente, ele é um declarado entusiasta do partido ultradireitista VOX.

A psicóloga brasileira, Cida Bento, fala sobre o "pacto da branquitude". O que nos ajuda a entender um pouco melhor esses acontecimentos. O termo é usado para descrever as formas sutis e implícitas de privilégio racial e

exclusão social, que beneficiam pessoas brancas em sociedades estruturalmente racistas. Existiria, portanto, um acordo tácito ou velado que ajudaria a manter as desigualdades raciais, protegendo os interesses dos grupos dominantes, seus privilégios e posições de poder.

Os ataques sistemáticos e articulados contra Vinícius Jr. são resultados disso. Eles precisam parar. É uma questão civilizatória que diz respeito a todos nós que queremos um mundo mais justo. Não é possível aceitar que pessoas se considerem moralmente melhores e mais humanas que outras, por causa da cor da pele, cultura, gênero sexual, nacionalidade ou origem étnica; que se vejam no direito de cruelmente humilhá-las e explorá-las.

Precisamos nos insurgir contra qualquer tipo de opressão porque, como certa vez disse Mikhail Bakunin: "Eu sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me rodeiam, homens e mulheres, são igualmente livres". Certamente por isso ele foi levado a afirmar que nosso dever mais sagrado é se "rebelar contra toda opressão", não importando o autor ou a vítima.

Mais uma vez "nos deram espelhos e vimos um mundo doente." Eu quis chorar, e chorei.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Na ausência dos carinhosos

Uma visita inesperada ao médico das flores de Vinicius de Moraes, fiquei sabendo que o prato predileto das corujas são os ratos e cobras. Não é à toa que as torres das igrejas são povoadas de corujas, onde fazem as refeições e as cagadas sobre a cabeça de seus brilhantes coroinhas redondos. Seria a coruja um caranguejo de duas bocas?

Os gatos estão falando demais, principalmente, os amarelos. É incrível. Chamam "mamãe" e reclamam de tudo. Minha tia Sinhá, tinha um gato chamado Zé Bebelo, que ela tirou de Guimarães Rosa, levado num caminhão misto da feira de Cajazeiras para as profundezas do Rabo da Gata, o bairro onde ela morava no Sertão do Jatobá.

Pensei: ia ser o melhor extremo-desejo se os pássaros não cantassem mais, falassem, sobre suas prisões no mundo do homem mal ou pelo menos, voltassem para a Serra da Boa Esperança, esperança que encerra, que li no testamento do jornalista Walter Galvão.

Convencido das certezas de outros mundos, de que os bichos falam, alguns, altas horas, mas eles não são cruéis. Ah, eu penso que só aos 15 anos nos vilipendiamos a vida eterna, mas eu juro que o meu cachorro veio do labirinto de Hélio Oiticica e continua latindo, embora idoso, e seja mais rápido que as transformações de Zeus.

Os gatos são mais belos e elegantes, andam por dentro dos cômodos feitos parangolés, bem mais fenomenais aos pés da Santa Cruz, do que as imagens que passam pela *timeline* de todo mundo. Nem precisam de seguidores.

As cobras criadas são queimadas em vaidades solares e devoradas pelo carcarás.

Gatos como Nito, Rayovak, Tica e uma legião de amarelos são estrelas que apresentam o miado vocábulo, famintos de amor.

Eu confirmei que não ia a lado nenhum, mas se eu me levanto, o gato olha, se saio do lugar, o cão acompanha, são amigos de outrora, na ausência dos carinhos teus.

Vesti a camisa amarela, gosto tanto dela, pensando na camisola do dia, mas não chegamos aos pés dos gatos que falam. Os gatos amarelos são de outras vontades, ou foram criados na corda bamba da capoeira da vau, digo vibe, de Francisco que era amigo de Antônio Conselheiro, mas nem tudo é impossível.

Ainda a pensar na degustação das corujas, diante da obra de Molhamed Mbougar Sarr – *A Mais Recôndita Memória dos Homens* – os horrores das doenças dos pombos e pardais a se perder de vista do fim da picada do mosquito da dengue. Vou escrever um texto assim: A vida não devia ter fim, mas a humanidade não se sustenta.

Manhã tão bonita manhã. Há quanto tempo não vejo a infalível cena do encontro dos porcos com assas com os porcos-espinho se há mais tempo não desço a ladeira da Casa da Pólvora, onde moram os seres imaginários de Borges, a contemplar o espelho d'água do Sanhauá, onde está a sereia deixada por Colombo. De todas as cores, os animais não são racistas, nem idiotas, apenas predadores.

Kapetadas

1 - De vez em quando a lógica tira breves férias. É nos momentos em que alguma coisa não faz sentido;

2 - Alimentar dúvidas deixa a incerteza obesa;

3 - Som na caixa: "Vou bater as asas, só levar comigo, o retrato do meu gato", Rita Lee.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Ancestralidade e percepção ambiental

Foto: Acervo Pessoal

A percepção ambiental de um patrimônio histórico estimula a memória afetiva do pertencimento. Isso desperta no ser humano os sentimentos relacionados à beleza, também produz necessidade de sublimar as perdas de identidades, seja individual, seja coletiva. Diante disso, a intuição conduz o desejo de objetivar uma ancestralidade que apresenta afetos ao se manifestar, de forma consciente e inconsciente, em um sentido estético à existência e aos relacionamentos nas comunidades ou sociedade. Por exemplo, a representação material e/ou imaterial de uma iconografia, ou seja, um conjunto de imagens, fixam-se nos sentimentos individuais e/ou coletivos, nos quais, o gosto estético se materializa de forma consciente e inconsciente. Considerando que, ao passar dos séculos, esse processo se intensifica no imaginário da cultura de uma comunidade, sociedade, nação ou país. Além disso, os estudos relacionados aos significantes de um patrimônio histórico variam por causa da subjetividade de suas representações simbólicas, entretanto constitui – nas abstrações dos cidadãos – o pertencimento da dignidade de um povo enquanto linguagem social, podendo tornar-se universal por causa de suas representações estéticas.

A memória afetiva está enraizada no passado. Ela pulsa na sensibilidade e busca no presente a identidade da sua ancestralidade. Esse pertencimento se transfere para a convivência social e gera a necessidade de preservar o respeito a própria dignidade e suas diferenças. Essas relações são importantes porque orientamos comportamentos e as emoções dos cidadãos. Sabe-se que o ser humano tema carência de viver harmoniosamente em grupo. Sentir-se pertencendo a algo está relacionado à identidade social e ao reconhecimento dos outros, que são pré-requisitos para formar e manter os próprios vínculos emocionais. Os seus mecanismos são constituídos de proteção e de participação, no sentido de não se sentir vulnerável aos perigos do isolamento. Isso está relacionado ao acolhimento das suas necessidades vitais de sobrevivência pelo Estado e a sua constituição como um sujeito de direitos e ao acesso aos bens materiais e culturais de uma sociedade, bem como à saú-



Egiptólogo, músico e professor Dinho Zambia

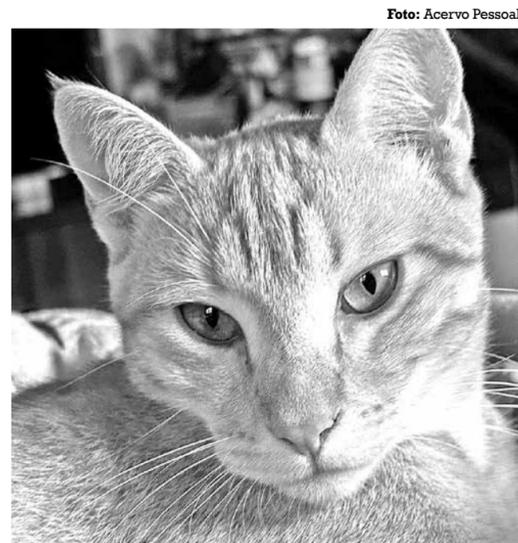
de, moradia, educação, proteção jurídica, entre outros.

Considerando isso, a Escola Técnica Estadual de Arte, Tecnologia e Economia Criativa Juca Pontes, realizou no mês de abril deste ano, uma aula presencial em Sítio Arqueológico de Ingá, distante a 109km da cidade de João Pessoa, na Paraíba, com as suas turmas da terceira série do curso de Informática, também com as segundas séries dos cursos de Design Gráfico e Informática. A atração de maior impacto no sítio é a Pedra do Ingá, que é um monumento arqueológico, identificado por "Itacoatiara" e possui inscrições rupestres entalhadas na rocha. A pedra apresenta painéis vertical, superior, inferior e inscrições marginais. Ela foi submetida a temperaturas e pressões elevadas e é formada pelo metamorfismo do granito ou de rochas sedimentares quartzo-argilosas. A pedra cobre uma área de cerca de 250 m². No seu conjunto principal, um paredão vertical de 50 metros de comprimento por três metros de altura, e nas áreas adjacentes, há inúmeras inscrições cujos significados ainda são desconhecidos. Neste conjunto estão entalhadas figuras diversas, que sugerem a

representação de animais, frutas, humanos e constelações como a de Órion. O termo "Itacoatiara" vem da língua tupi: *itá* ("pedra") e *kua-tiara* ("riscada" ou "pintada"). Algumas teses acadêmicas afirmam que a Pedra do Ingá tenha origem do povo fenícia, proveniente do Golfo Pérsico, que se estabeleceu entre o litoral mediterrânico e os montes do Líbano, em meados do século 24 antes de Cristo.

Durante a atividade pedagógica presencial em Sítio Arqueológico de Ingá, foi potencializado nos discentes as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): formação do pensamento crítico, criativo e científico; repertório cultural e a responsabilidade e cidadania. A proposta articulou a percepção ambiental ao patrimônio material e imaterial de uma ancestralidade. Antes da visita ao Sítio, os estudantes receberam aulas articuladas com as disciplinas de Geografia, História, Sociologia, Arte, Química e Biologia, que foram trabalhados com diário de bordo, desenho de observação, fotografia, produção audiovisual, formação de público e preservação do patrimônio. O projeto "Arte dos Povos Originários da Paraíba" foi idealizado e conduzido pelo professor Wanderson Alberto da Silva (Dinho Zâmbia). Ele é egiptólogo, músico, artista plástico, professor e ministrando em ensino de História pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH-UFPB) do campus 1. A atividade recebeu a participação da professora de desing de moda, áudio e vídeo e teatro Olívia Matos de Figueiredo Neta, que orientou os discentes nos registros dos materiais artísticos, a partir da observação das Itacoatiaras e do museu local. Ambos são docentes da Escola Técnica Estadual de Arte, Tecnologia e Economia Criativa Poeta Juca Pontes.

Sinta-se convidado à audição do 421º Domingo Sinfônico, deste dia 28, das 22h às 00h. Em João Pessoa -PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei a vida e algumas peças do violista italiano Antônio Lúcio Vivaldi (1678-1741). Algumas de suas composições descrevem os fenômenos da natureza.



Gato Nito faz parte dos que apresentam o miado vocábulo

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Valorizando a contemplação da imagem

Motivado pelo recente artigo do parceiro André Cananéa, publicado em **A União** (*Desacelere*), acerca da “observação da velocidade” (*speed watching*), o que tem tudo a ver com o cinema, desde os seus primórdios, fui rever a velha questão do filme *Solaris*, uma produção do início dos anos 1970, do cineasta russo Andrei Tarkovski.

Elogiado por uns, condenado por outros, *Solaris* se insere na categoria de outro clássico do gênero daqueles tempos, realizado quatro anos antes, que é *2001 – Uma Odisseia no Espaço*. Embora sem o magnetismo e a repercussão internacional que teve a obra de Stanley Kubrick, o filme russo criou um certo alvoroço por onde passou.

Mesmo levando em conta tais referências cinematográficas, claro fica aqui, uma reflexão mais intrínseca à luz e dinâmica da imagem no cinema, do que, propriamente, em razão de quaisquer gêneros de sua abordagem. Qual seja, a da real aceleração imagética como narrativa; muito mais que “aceleração da música” (*sped up songs*), mesmo que essa tenha sido velha parceira de grande parte da obra fílmica americana, lembrando os grandes musicais da Broadway.

Se é certo que o filme russo “valoriza a contemplação da imagem”, nada mais justo em razão do cinema. Visto que, *Solaris*, investe numa configuração narrativa diferenciada, que seria a partir da cognição insólita sobre situações existenciais, trazidas como virtuais, de alguns de seus personagens diante da conjuntura espacial/sidereal em que atuam. Fatos que os levariam,



Donatas Banionis no filme 'Solaris' (1971), ficção científica de Andrei Tarkovski

inclusive, a instantes de aparentes visões e conflitos pessoais.

Mas a questão a ser vista aqui não seria só a do próprio filme russo, mas o que a imagem dele e das demais obras análogas possam representar. Até mesmo significar como discurso narrativo no cinema. Porque é a partir da imagem cine ou videográfica – expressamente dinâmica ou não – que se formam conclusões à análise de uma obra audiovisual. E lembrando Federico Fellini, de saudosa memória, “Cinema é luz!”. E imagem é luz a ser lida visualmente no seu feitiço acelerado ou desacelerado, motivando “n” leituras sobre cada forma exibida.

Também nessa questão da “celeridade visual”, não muito raro, reverberam produções distanciadas de uma melhor contemplação, leitura e reflexão de seus discursos visórios. Havendo aí a suposição do que deva ser realmente “uma dicotomia em relação ao modo acelerado de consumir filmes”, conforme vem se acentuando, costumeiramente.

Essa divisão (dicotomia), em vez de se assistir a um filme em seu tempo real, mas alternando-lhe a aceleração, esse é um modismo inaceitável e que não condiz ao mister da obra fílmica. Mesmo que as gerações atuais busquem seus próprios meios e tempos de contemplação e prazer visual. Quanto à narrativa de tempo e de sequências, hoje usa-se muito o recurso da linguagem “elipse”.

Tudo isso nos leva aos tempos iniciais do próprio cinema, quando do uso de uma tecnologia de exibição em 16 q/s (quadro por segundo). Quem jamais esquece a fase inicial do “cinema mudo”? Os filmes realizados naquela época, projetados hoje, na velocidade normal de 24q/s, após o advento do som, causam estranheza. São imagens antigas mostrando um Carlitos (Charles Chaplin) ou um Cristo revivido em sua *Paixão*, todos eles andando “apressadinhos”... – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC nos 177 anos da cidade de Areia

Representando a Academia Paraibana de Cinema e o Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, esteve presente ao evento de 177 anos de emancipação da cidade de Areia, na Paraíba, o vice-presidente da APC e professor João de Lima Gomes, ocupante da cadeira 14, que tem como patrono o fotógrafo João Córdula.

A celebração foi realizada no Teatro Minerva, no Centro da cidade, ocasião em que foi exibido o curta-metragem *Areia, Arte e Memória*, documentário que homenageia o berço de José Américo de Almeida, do pintor Pedro Américo e de tantos nomes ilustres da cultura paraibana.

EM cartaz

ESTREIAS

CAMPEÕES (Champions. EUA. Dir: Bobby Farrelly. Comédia. 12 anos). Um ex-técnico de basquete da liga secundária (Woody Harrelson) recebe uma ordem judicial para gerenciar um time de jogadores com deficiência intelectual. Apesar de suas dúvidas, ele logo percebe que juntos eles podem ir mais longe do que jamais imaginaram. CENTERPLEX MAG 8 (dub.): 17h (exceto dom.) - 21h50 (exceto qui.).

MEU PAI É UM PERIGO (About My Father. EUA. Dir: Laura Terruso. Comédia. 12 anos). Sebastian (Sebastian Maniscalco) quer se casar com a namorada (Leslie Bibb). Ao saber da novidade, seu pai, o imigrante italiano (Robert De Niro), insiste em passar mais tempo com a família rica e excêntrica da futura noiva de seu filho. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h50 (exceto dom.) - 19h45 (exceto qui.); CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h45 - 18h45 - 20h45.

A PEQUENA SEREIA (The Little Mermaid. EUA. Dir: Rob Marshall. Fantasia. Livre). Ariel (Halle Bailey) é uma bela e espirituosa jovem sereia com sede de aventura. Dessejando descobrir mais sobre o mundo além do mar, Ariel visita a superfície e se apaixona intensamente pelo arrojado Príncipe Eric (Jonah Hauer-King), ao salvá-lo de um naufrágio. Mas para procurá-lo em terra firme e se aproximar do humano, a sereia pede ajuda à bruxa do mar (Melissa McCarthy), e aceita ceder sua voz para que a feiticeira lhe dê pernas. Agora, ela terá o desafio de se comunicar com o rapaz ao experimentar a vida em terra firme. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 20h; CENTERPLEX MAG 3 (dub., 3D): 14h30 - 17h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 16h15 - 22h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (3D): 12h40 (dub., sáb. e dom.) - 15h30 (dub.) - 18h30 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 16h15 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 12h40 (sáb. e dom.) - 15h - 18h - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h10; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h30 (3D); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 (3D); CINE SERCLA PARTAGE 3 (leg.): 14h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h10.

TOMORROW X TOGETHER WORLD TOUR ACT: SWEET MIRAGE (EUA. Dir: não informado). Musical. verifique a classificação indicativa no cinema). Show da turnê mundial do grupo sul-coreano de k-pop, em Los Angeles. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h30 - 17h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 15h (dom.).

CONTINUAÇÃO

GUARDIÕES DA GALÁXIA VOL. 3 (Guardians of the Galaxy Vol. 3. EUA. Dir: James Gunn. Aventura. 12 anos). Ainda se recuperando da perda de Gamora (Zoe Saldana), Peter Quill (Chris Pratt) reúne sua equipe para defender o universo e um companheiro de equipe. Mas esta missão pode significar o fim dos Guardiões como conhecemos, se ela não for bem-sucedida. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h15 (dub.) - 19h10 (dub.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h15 (qui., sex. e qua.) - 19h15 (qui. a dom.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 17h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h.

SUPER MARIO BROS. - O FILME (Super Mario Bros. EUA. Dir: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Animação. 10 anos). Mario é um encanador junto com seu irmão Luigi. Um dia, eles vão parar no reino dos cogumelos, governado pela Princesa Peach, mas ameaçado pelo rei dos Koopas. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 12h45 (sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h45 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h.

VELOZES E FURIOSOS 10 (Fast X. EUA. Dir: Louis Leterrier. Ação. 12 anos). Dom Toretto (Vin Diesel) e sua família devem lidar com o adversário mais letal que já enfrentaram. Alimentada pela vingança, uma ameaça terrível emerge das sombras do passado na forma de Dante (Jason Momoa), para destruir o mundo de Dom, tudo e todos que ele mais ama. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h15 - 17h15 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h30 (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h30 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 13h30 (exceto qua.) - 16h30 (exceto qua.) - 19h30 (exceto qua.) - 22h20 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub., 3D): 14h45 - 17h45 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 12h50 (sáb. e dom.) - 15h45 - 18h45 (exceto qua.) - 21h45 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.,

3D): 13h - 16h - 19h - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h50 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h45; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 19h45; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h50; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 17h50 (3D) - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h50; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 17h50 (3D) - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 19h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h50 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h45.

CINE BANGUÊ (JP) - MAIO

PARAI (Brasil. Dir: Vinicius Toro. Drama. Livre). Pará, uma menina guarani, encontra por acaso um milho guarani tradicional, que nunca havia visto. Ela se encanta com a beleza das sementes coloridas do milho e busca cultivá-lo. Através da busca de plantar as sementes do milho, Pará começa a questionar seu lugar no mundo. CINE BANGUÊ: 30/5 - 18h30.

O PASTOR E O GUERRILHEIRO (Brasil. Dir: José Eduardo Belmonte. Drama. 14 anos). Na década de 1970, guerrilheiro comunista se encontra na mesma cela que um cristão evangélico, preso por engano pela ditadura militar brasileira. CINE BANGUÊ: 29/5 - 20h30.

NOITES ALIENÍGENAS (Brasil. Dir: Sérgio de Carvalho. Drama. 16 anos). Na periferia de Rio Branco, pessoas são impactadas pelo conflito entre facções criminosas. CINE BANGUÊ: 28/5 - 18h.

QUANDO FALTA O AR (Brasil. Dir: Ana Petta e Helena Petta. Documentário. 10 anos). Registro do trabalho dos profissionais do SUS pelo país, em uma das maiores crises sanitárias da história mundial, causada pela Covid-19. CINE BANGUÊ: 31/5 - 19h.

RIODOCE (Brasil. Dir: Felipe Fernandes. Drama. 14 anos). Uma jornada de um homem negro em crise, na periferia de Olinda, região metropolitana do Recife (PE), lutando para encontrar seu lugar no mundo. CINE BANGUÊ: 28/5 - 16h; 30/5 - 20h30.

O SEU AMOR DE VOLTA (MESMO QUE ELE NÃO QUEIRA) (Brasil. Dir: Bertrand Lira. Documentário. 16 anos). Histórias sobre a busca do amor perdido e a crença no poder da magia dos cartomantes. CINE BANGUÊ: 29/5 - 18h30.

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Poemas musicados

Talvez o poema não possua uma música própria dentro do arranjo das palavras e da norma dos versos. Uma música que se instale, paradoxalmente, na clareira acústica do silêncio, como se fora uma das propriedades essenciais de sua estrutura. Uma música, portanto, quase impossível de se apreender na sua imutabilidade rítmica, uma vez que, só no poema ela se manifesta e se cristaliza.

Eis algo a se meditar.

Se não há música propriamente dita, diria, apoiado em Manuel Bandeira, num dos deliciosos capítulos de *Itinerário de Pasárgada*, que existe, no poema, “uma musicalidade subtendida, por vezes inexpressa, ou simplesmente indicada, da poesia”. Dito de outra forma, se não existe música, há, no entanto, uma possibilidade musical, na medida em que se pode rastrear as múltiplas melodias que um texto poético pode sugerir.

Claro, tudo vai depender do gosto, do interesse, da sensibilidade, ou da inclinação daquele compositor que almeja musicar esse ou aquele poema. Bandeira, por exemplo, se diz satisfeito com a melodia que certos músicos puseram nos seus, tais como Villa-Lobos, Mignone, Camargo Guarniere, Lorenzo Fernandes, Jaime Ovalle e Radamés Gnattali, entre outros.

A melodia, que vem de fora, embora sugerida pelos apelos musicais do poema, é como uma leitura, uma interpretação, uma tradução ou mesmo um diálogo. Tanto é que um poema pode conter diversas e diferentes melodias, criadas, sobretudo, a partir da intimidade que o leitor, no caso, o músico, mantém com o universo formal e temático do poema.

Já tenho alguma experiência nesse delicado campo das coisas estéticas. Tenho alguns parceiros que se aventuraram na tarefa de pôr melodia em meus poemas. À semelhança do autor de *Estrela da vida inteira*, também me aprazem certas leituras que fizeram, pondo melodia no artefato verbal e silencioso dos textos.

Tom K, maestro e professor da UFPB, musicou alguns trechos do poema *Oratório do rio*, do livro *Ofertório dos bens naturais*, inclusive, chegou a publicar, pela referida instituição de ensino, um opúsculo com a letra e a partitura, abrindo, assim, caminho para outras interpretações. O Coral Universitário, sob a regência de Eduardo Nóbrega, e cenografia de Eleonora Montenegro, transformou o poema musicado em espetáculo, apresentando-se, aqui, e em várias regiões do país.

Quando ouvi e vi pela primeira vez o composto auditivo e visual, senti que o meu poema crescia, na sua energia semântica, a cada andamento musical e a cada passo da cenografia. Percebi que a interpretação dos atores, associada à sensibilidade do compositor, tornavam, decerto, bem melhor o meu poema, na medida em que a leitura respondia a seus apelos secretos.

Seixos do sonho, também poema de *Ofertório dos bens naturais*, foi motivo de júbilo. O maestro Luís Carlos Otávio, na regência do Coral Voz Ativa, colheu um primeiro lugar num festival de música, em Campina Grande. A “música subtendida” e preservada no corpo do poema, no seu silêncio vivo, possibilitou uma melodia perfeitamente adequada às suas sugestões, exatamente porque, penso eu, o maestro soube ler seus compassos e arranjos intrínsecos com a sabedoria de sua sensibilidade estética.

Artur Silva aproveitou a sugestão dos blues que constam de São teus estes boleros, para fazer de um deles uma composição inteiramente comprometida com a tradição da música negra americana. O tom lento, denso, compassado, quase dramático, foi motivo de uma das interpretações mais refinadas da cantora Débora Vieira, com sua voz quente e rasgada. Meu texto ganhou vida!

Assim como ganhou vida em dos pequenos poemas, ainda de São teus estes boleros, na melodia de Salvador de Alcântara. Um frevo, a bem da verdade. Não consigo mais ler o poema sem ligá-lo ao ritmo e à cadência carnavalescos, a misturar alegria e tristeza, euforia e solidão que o compositor soube captar muito bem.

Xisto Medeiros botou música em *Pessoana*, poema de *Todos os lugares*, e em trechos de *A comarca das pedras*. Trabalhos bem elaborados que atingem, na obliquidade de sua leitura musical e na sua originalidade interpretativa, aquele raro ponto de encontro entre palavra e melodia.

Por fim, muitos de meus poemas passaram pelo crivo musical do mano, Dudé das Aroeiras, poeta e cantor, boêmio e seresteiro. Destaco, entre outros, *O lunário das ervas*, *As baráguas*, *Brinquedo*, *Um buzeiro*, *Catavento*, a ostentarem a beleza dos arranjos musicais, a singularidade interpretativa, a voz grave e sisuda, encorpando a silente textura de cada verso.

Tudo isso me agrada muito. Sou dos que pensam que o poema deve, sim, ser lido e amado. Mas também pode e deve ser musicado, pintado, fotografado, dançado, esculpido, arquitetado, estando sempre aberto aos ricos vocativos de outras linguagens. Até porque, como nos ensina Charles Baudelaire, “as artes se correspondem”.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

'ESPIRAL'

Ceumar apresenta show de inéditas

Hoje, no Teatro Santa Roza, em João Pessoa, cantora e compositora mineira celebra mais de duas décadas de trajetória

Da Redação

São mais de duas décadas de trajetória pelo mundo da música. Em 2019, quando celebrou seu aniversário de cinco décadas de vida, a cantora e compositora Ceumar lançou *Espiral* (Selo Circus) para comemorar também os 20 anos de surgimento do seu primeiro álbum, *Dindinha* (1999). Levando o nome do seu mais recente trabalho, a artista mineira aporta em João Pessoa para apresentar um show de inéditas e seus grandes sucessos.

O show *Espiral* acontecerá em única sessão hoje, a partir das 19h, no palco do Teatro Santa Roza, no Centro de João Pessoa. Os ingressos estão sendo vendidos na plataforma do Sympla (www.sympla.com.br), por valor único de meia entrada: R\$ 35 (mais taxa de serviço do site).

Na apresentação, estarão no palco – além de Ceumar (voz, violão) – César Lacerda (voz, guitarra e flauta); Jota Erre (bateria); Fabio Sá (baixo e *esraj*); Fabio Pinczowski (teclado e programações). A iluminação e o cenário são de Marisa Bentivegna.

Dentre as canções do repertório, está 'O seu olhar' (de Paulo Tatite Arnaldo Antunes), que faz parte da trilha sonora da novela da Rede Globo, *Amor Perfeito*. O disco mais recente apresenta parcerias com Juliano Holanda ('Três irmãs'), César Lacerda ('Espiral'), Lauro Henriques Jr. ('Amanheceu'), Madhav Bechara ('Amar além') e a cantora galega Uxia ('Tres Mazás'), além das inéditas

de Sérgio Pererê ('Tô aqui'), PC Silva ('Todas as vidas do mundo') e Tiê Coelho Toldão ('Looking for a place'), este último o filho da artista. "Ele fez essa música aos 15 anos. Não é músico profissional, é designer, mas sempre gostou de cantar e tocar. Foi a primeira vez que meu filho gravou no estúdio. Ficou lindo, uma coisa meio espiritual. Fechou bem a ideia da espiral, da continuidade", contou ela para o *Portal Uai*. Em *Espiral*, há também uma releitura do samba 'Espiral de Ilusão', de Criolo.

Cinco anos após o lançamento de seu disco *Silencia*, em *Espiral* Ceumar apresenta uma versão de si que começou a se desenhar em forma de disco ainda em 2016, após seu retorno da Holanda (onde estava desde 2010), e que ganhou contornos mais definidos em 2019, sob direção artística de César Lacerda e produção musical de Fábio Pinczowski.

O nome do álbum vem da canção homônima composta por Ceumar e César Lacerda, que estará no show de hoje. "Quando a música ficou pronta, me veio a ideia da espiral. Mais do que a palavra, o conceito é que estava forte. A questão do movimento contínuo, das vidas passadas e futuras. Tinha muito a ver com o que eu queria dizer com esse trabalho", explicou a artista mineira. "Logo depois, deparei com um samba do Criolo ('Espiral de Ilusão'), que acabei regravando, tendo a Josyara tocando violão", comentou para o *Portal Uai*.

O disco *Espiral* tem ainda participações especiais como da cantora e instrumentista Josyara – uma das atuais revelações nacionais –, e dos cantores Nelson Ayres, Déa Trancoso e a paraibana Cátia de França, a ligação mais íntima de Ceumar com o estado.

Ambas, Ceumar e Cátia de França fizeram uma turnê com mais de 40 apresentações no Sul e Sudeste do país, *Líricas Transcendentes*, no mesmo ano em que ela celebrava suas duas décadas de estrada, 2019, com a participação ainda de Déa Trancoso. "Aquela mulher é um dicionário vivo de todas as coisas que ela viveu e que ela viu na Paraíba e no resto do mundo. Ela tem visões muito especiais sobre o interior da Paraíba, sobre como ela foi educada e como a mãe dela mostrou o mundo para ela. Cátia para mim foi como um grande presente. Todos os ensinamentos que ela me deu sobre frutas, cores, temperos e vivências, é como se eu ouvisse a Paraíba pelos olhos de Cátia", afirmou Ceumar, em entrevista ao *Jornal A União*. Ela também fez shows com outros artistas do Estado: o Quinteto da Paraíba.

Antes do show que será realizado hoje, a última vez que a artista mineira pisou no Teatro Santa Roza foi há um ano, no mesmo mês de maio, com uma apresentação poética em formato de cantoria ao lado do músico pernambucano PC Silva, seu parceiro na canção 'Todas as vidas do mundo', presente no novo disco.

Foto: Julia Rodrigues/Divulgação



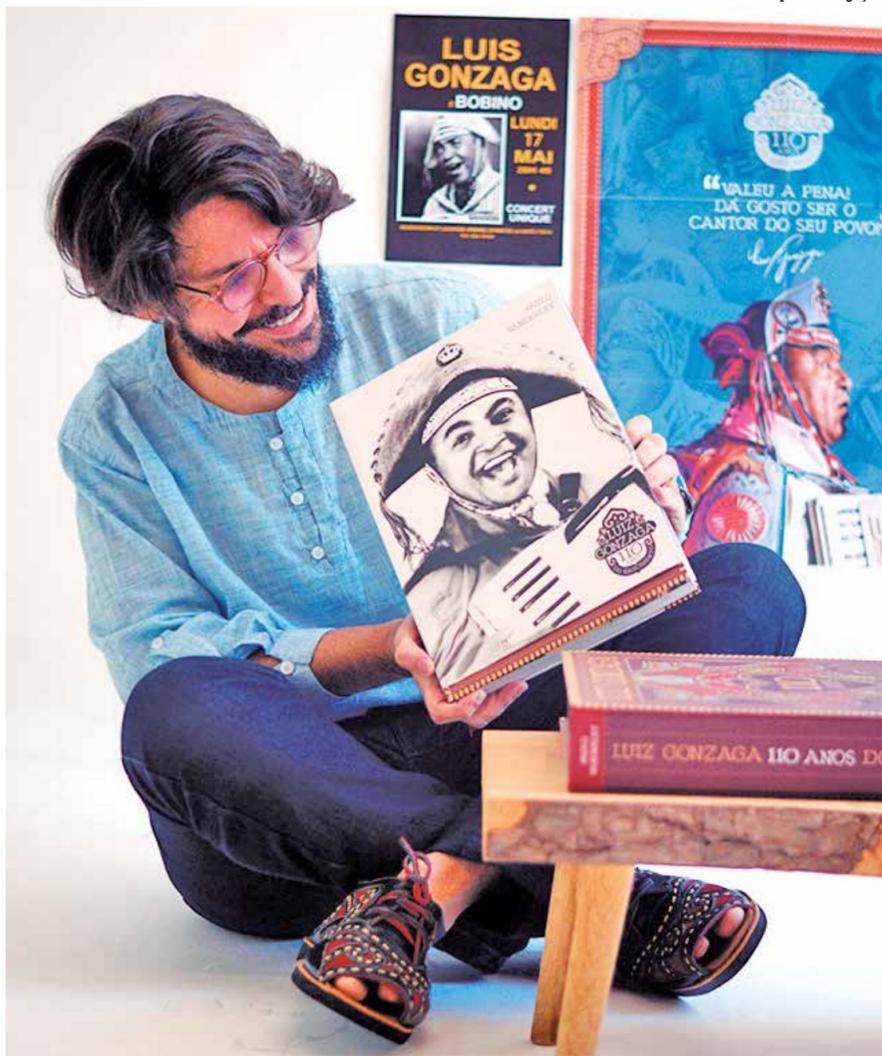
Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Sympla para os ingressos

Dentre as canções presentes no repertório, está 'O seu olhar', música que faz parte da trilha sonora de *Amor Perfeito*, novela na atual grade de programação da Rede Globo

LITERATURA

Luiz Gonzaga 110 anos do Nascimento ganha nova edição

Foto: Natália Marques/Divulgação



Amanhã, em João Pessoa, escritor e pesquisador Paulo Vanderley apresenta seu livro multimídia

Da Redação

Amanhã, o escritor e pesquisador paraibano Paulo Vanderley vai lançar a 2ª edição do livro multimídia *Luiz Gonzaga 110 anos do Nascimento*. A sessão de autógrafos acontecerá a partir das 19h, na filial da Livraria do Luiz, localizada no MAG Shopping. Na ocasião, haverá a participação da cantora Patrícia Cunha, interpretando vários clássicos do "Rei do baião".

O livro é a síntese de mais de três décadas de pesquisa do autor pela obra de Luiz Gonzaga. Ele é narrado em primeira pessoa pelo próprio homenageado, com trechos extraídos de gravações de entrevistas concedidas a rádios, jornais e canais de TV, entre os anos 1940 e 1980. "É como se você estivesse lendo um texto com aquela voz inconfundível de Gonzaga", conta Paulo Vanderley. "Em cada página, o leitor viverá uma experiência gonzagueana. Vamos anexar letras, capas de LPs e fotografias raras", aponta o pesquisador paraibano.

A obra, que homenageia o 110º aniversário de Gon-

zagão, também se transformou em um *podcast* e uma *websérie*, garantindo o caráter multimídia do livro. Dessa forma, o público consegue ter acesso ao conteúdo de parceiros musicais e os herdeiros de Gonzaga no forró em uma conversa leve e descontraída sobre todo esse universo do artista pernambucano.

Em *Luiz Gonzaga 110 anos do Nascimento*, Vanderley traz relatos sobre a trajetória do saudoso Velho Lua, construída entre a memória pessoal e os relatos de nomes consagrados da música que conviveram com ele, como Fagner, Lenine, Santana, o cantador e Maciel Melo, dentre outros ícones da MPB. O livro segue até a morte de Gonzaga, em 1989, passando por acontecimentos como a visita do Papa João Paulo 2º à Fortaleza (CE) e a turnê *Gonzaguinha e Gonzagão*.

O sanfoneiro e poeta foi uma das primeiras personalidades a se configurar como um fenômeno da cultura de massas no Brasil, levando o xote e o baião a atingirem um sucesso onipresente. Gonzagão foi o primeiro artista a fazer turnês pelas

capitais e interior do país, fazia concursos que mobilizavam a população de todas as cidades interessadas em receber seu show.

Paulo Vanderley foi convidado como consultor em importantes projetos sobre Luiz Gonzaga, como o Museu Cais do Sertão, no Recife (PE), o longa-metragem *Gonzaga: de pai para filho* (2012), cinebiografia dirigida por Breno Silveira (1964-2022), e também do desfile campeão do Carnaval do Rio de Janeiro, também em 2012, da Unidos da Tijuca de Paulo Barros.

O livro pode ser adquirido durante o evento de lançamento ou através do site oficial do projeto (luizluzgonzaga.com.br).



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da obra

LDO E PLANO DIRETOR

Câmara vota pautas para o futuro

Leis tratam de investimentos em áreas prioritárias para o aumento da qualidade de vida da população da capital

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

A Câmara Municipal de João Pessoa vive um ano ímpar em seus 75 anos de história. Além da construção de nova sede do Legislativo municipal, que será um marco para o poder, o parlamento está tratando e discutindo o futuro do pessoense e, por tabela, claro, de João Pessoa. Neste sentido, os vereadores vão avaliar e votar duas peças importantes para o futuro da capital paraibana: LDO-2024 e o Novo Plano Diretor. O primeiro sugere, por exemplo, aprimoramento dos investimentos na área da saúde, educação, infraestrutura e segurança pública, que será integralizada, com melhorias tecnológicas e estruturantes de fazer inveja a iniciativa privada. O segundo vai mais além, ele dirá como será a cidade na próxima década. A União traz um resumo destas propostas contidas nos dois documentos, que até setembro estarão votados e aprovados pela Casa Napoleão Laureano.

Na área de saúde, por exemplo, a Lei de Diretrizes Orçamentária fala do aprimoramento dos investimentos na área da saúde, com ampliação da rede física, investimento nas unidades hospitalares, nas unidades de saúde da família e unidades de pronto atendimento. Promete ainda a humanização dos serviços, promovendo a melhoria do atendimento da atenção básica e especializada, intensificação da integração com as políticas de segurança alimentar e esportes, promovendo o acesso da população de maior vulnerabilidade socioeconômica à atividade física supervisionada. Além da orientação nutricional e desenvolvimento de ações estruturantes de políticas de tratamento. Finalizando, neste campo ainda cita a prevenção e reinserção social de dependentes químicos de álcool e drogas.

Já na educação, o documento reserva para 2024 a promoção do acesso à Educação Básica, através da melho-

ria na qualidade do ensino e da aprendizagem, com um olhar especial para a Educação de Jovens e Adultos, além da manutenção do conjunto de ações e dos programas de Escola Integral e Educação Infantil, com requalificação da rede física das unidades públicas. A LDO também garante atividades de reforço escolar, atualização, aperfeiçoamento e qualificação de professores e diretores de escolas municipais e centros de referência em educação infantil.

Para 2024, o documento prevê o incentivo à participação da comunidade e das famílias no processo educativo e na gestão das caixas escolares, prevenção e combate ao bullying nas escolas, com a realização de seminários e palestras junto à comunidade escolar. Terá ainda a promoção de práticas pedagógicas inclusivas que visem oferecer oportunidades e habilidades ou superdotação, reconhecendo as diferenças e buscando o progresso e participação na sociedade e intensificação das ações conjuntas entre as outras políticas sociais do município.

“Reforço o convite para que os cidadãos pessoenses, autoridades e entidades representativas da sociedade participem da audiência pública, que será realizada no dia 6 de junho, às 11h, na sede do Legislativo Municipal. Na oportunidade, os representantes das secretarias municipais irão apresentar o projeto da LDO, que servirá de base para elaboração do Orçamento de 2024, e discutir as metas e prioridades da Administração Municipal com a população”, explicou o presidente da Comissão de Finanças e Orçamento (CFO), vereador Damásio Franca (Progressista).

O prazo para os vereadores apresentarem emendas ao projeto da LDO é o dia 12 de junho, mesma data limite para que o prefeito Cícero Lucena (PP) envie mensagem propondo modificações ao texto original. Cada parlamentar pode apresentar até cinco emendas à peça orçamentária.



Vereadores se preparam para a votação de dois documentos fundamentais para a execução de políticas públicas e projetos municipais

Segurança com sistema integrado

Os vereadores da capital paraibana também estarão de olho na melhoria das condições de segurança pública da capital paraibana, sobretudo em seus próprios públicos, com a integração do sistema de vigilância eletrônica nas escolas, nas unidades de saúde e nas vias públicas. O objetivo de tais práticas, de acordo com o documento, é o desenvolvimento de políticas públicas de preven-

ção e combate à violência. Neste campo ainda terá a melhoria das condições de segurança pública no município, sobretudo em seus próprios públicos, com a integração do sistema de vigilância eletrônica nas escolas, nas unidades de saúde e nas vias públicas.

Terá ainda o desenvolvimento de políticas públicas de prevenção e combate à violência, a ser realizada por uma parceria sistêmica, ex-

pressa na integração permanente entre diversos órgãos públicos e sociedade civil.

A primeira audiência pública foi adiada e será realizada na próxima semana. Ela foi confirmada pelo vereador Damásio para o dia 6 de junho. Nela, será apresentado o projeto de lei de Diretrizes Orçamentárias a LDO, que servirá como orientação para elaboração do Orçamento do Exercício Financeiro de 2024 (LOA). A audiência seria no dia 1º de junho, mas precisou ser transferida por causa da reunião da Frente Nacional dos Prefeitos, programada para a mesma data. A LOA, originada pela LDO-2023, aprovada no final do ano passado ultrapassou os R\$ 3,7 bilhões de orçamento. Para 2024 existe uma projeção que ela chegue aos R\$ 4,5 bilhões.

A solicitação de mudança foi feita pelo presidente da Comissão de Finanças, Orçamento, Obras e Administração Pública da Câmara Municipal de João Pessoa, Damásio Franca Neto.

“Nós queremos evitar o choque de eventos. Até porque este atraso não nos trará prejuízos. Para evitar este percalço com a agenda do prefeito Cícero Lucena e demais auxiliares envolvidos na elaboração do orçamento, achamos melhor mudar a data”, explicou Damásio.

O relator da LOA 2023, vereador Bruno Farias (Cidadania), informou que a receita total para o exercício de 2023, considerando todas as fontes, foi de exatamente R\$ 3.744.583.747,00. Deste montante, R\$ 765.808.436,00 correspondem às Receitas Tributárias (impostos, taxas e contribuições).

Em relação ao orçamento de 2022, a LOA de 2023 teve um acréscimo de aproximadamente 20%, o que fez ele pular de R\$ 3,1 bilhões para R\$ 3,7 bilhões em números redondos. Ainda dentro desta estimativa, para 2024, considerando-se em média o mesmo percentual o orçamento para o próximo ano seria mais ou menos R\$ 4,5 bilhões.



O vereador Damásio Franca quer evitar “choque de eventos”

Documento estabelece 48 prioridades da gestão municipal

A Câmara Municipal de João Pessoa já recebeu o projeto do documento que vai definir as diretrizes e metas da Prefeitura da capital para o próximo ano. O projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para o exercício financeiro de 2024 já foi lido pela primeira vez na sessão de 18 de abril.

O projeto de lei foi encaminhado à Casa antes do prazo final, que era até dia 30 de abril. Ele é quem vai orientar tanto a elaboração do orçamento da capital para o ano que vem, quanto a revisão do Plano Plurianual (PPA) relativo ao ano de 2024.

O documento estabelece 48 prioridades e metas da gestão municipal para 2024, como: valorização do setor público como gestor de bens e servi-

ços essenciais; austeridade na utilização dos recursos públicos; fortalecimento do papel do desenvolvimento social, econômico e administrativo do Município; melhoria das condições de vida da população; assistência e proteção à maternidade, à infância, à criança, ao adolescente, ao idoso e aos que necessitem de auxílios do poder público; combate sistemático ao analfabetismo; indução ao desenvolvimento sustentável da produção local através do estímulo ao empreendedorismo; e transparência na ação governamental, com ênfase no combate à corrupção e à impunidade.

Também são metas da gestão: implementação do Orçamento Participativo, assegurando a execução do mínimo de 50% das demandas apro-

vadas; a oferta de condições para a prática de atividades esportivas inclusivas, comunitárias e competitivas; consolidar ações de combate ao racismo e de promoção da igualdade racial; prioridade ao transporte público coletivo, cuidado com as calçadas, investimento em cicloviárias e ciclofaixas e implantação de sistema de gestão do trânsito; acessibilidade universal para pessoas com deficiência; valorização de identidade cultural; aprimoramento dos investimentos na área da saúde; promoção do acesso à Educação Básica; melhoria das condições de segurança pública; e promoção da recuperação e da preservação ambiental.

Já em relação ao Novo Plano Diretor, o presidente da comissão (a mesma que estuda a LDO), vereador Damásio Fran-

ca, explicou que um grupo foi criado para analisar especialmente o documento vindo da Prefeitura Municipal de João Pessoa. A equipe teve 90 dias de muitas reuniões e coletas de sugestões.

Neste período, que foi até a metade deste mês de maio, foram ouvidos vários especialistas dentro de suas áreas com diversas requisições apresentadas ao grupo de parlamentar.

“Fomos debater com todas as entidades, tais como a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana, Tribunal de Contas do Estado, UFPB, Secretaria de Meio Ambiente e Secretaria de Planejamento, entre outras, e a sociedade civil organizada, obviamente”, explicou o vereador Damásio Franca.

O presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, vereador Dinho Dowsley (Avante), responsável pela criação da Comissão Multidisciplinar para subsidiar a atualização do

Plano Diretor, confirmou que durante três meses deste ano, o grupo reuniu representantes de diferentes áreas do conhecimento e analisou propostas de expansão urbana.



Dinho Dowsley lembrou dos debates com todas as entidades

Memórias

A União

Rui Leitão

Administrador que assumiu superintendência promoveu ousadas inovações

Seguindo os passos do pai, ex-superintendente de A União comandou mudanças que abriram espaços para a oposição, criaram a edição vespertina e permitiram a escolha do editor geral através de eleição direta pela redação

Luiz Carlos Sousa
lucbjp@gmail.com

O executivo Rui Leitão é um técnico experimentado na administração pública estadual. Começou a carreira no Paraiban (Banco do Estado da Paraíba), onde foi diretor. Na A União, com a qual tinha vínculos afetivos – o pai dele havia sido diretor da empresa – chegou no início dos anos 2000. Recebeu do então governador José Maranhão a missão de realizar um diagnóstico econômico-financeiro. Conseguiu cobrar por serviços prestados a outros poderes e mudou o horário de circulação do jornal, que passou a ser vespertino. Abriu espaço para a oposição e bancou a primeira escolha de um editor por eleição pela redação. Nessa conversa para o Memórias A União, Rui também fala de livros que vai lançar, da compra de equipamentos para a gráfica e de alguns fatos importantes que aconteceram enquanto foi gestor, como, por exemplo, o ataque terrorista às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001.

Entrevista

Como começou sua história com A União?

Eu estava na Rádio Tabajara e fui surpreendido por um convite do governador José Maranhão, mas eu já tinha um certo vínculo afetivo. Meu pai foi diretor da União, eu vim aqui algumas vezes. Por coincidência, em vários espaços da vida do meu pai, Deus me deu oportunidade de seguir. Na União, foi uma oportunidade muito interessante de trabalho, porque eu já estava numa empresa de comunicação, que era a Tabajara, e o governador me pediu para assumir a superintendência.

Quais foram as primeiras impressões?

Logo que cheguei a gente fez reuniões e, dois meses depois, quando eu já tinha um diagnóstico da situação da empresa, fui ao governador que me perguntou: “Como está a empresa?”. “Está muito bem. Eu acho que ela é autossustentável, porque tem receita que dá para cumprir com suas obrigações financeiras e pagamento pessoal. É mantida praticamente pelo Diário Oficial, com recursos também da editora e da gráfica. O problema é o jornal. É um jornal centenário, mas temos concorrentes muito fortes e não dá para a gente concorrer com o Correio da Paraíba, com O Norte”.

Qual foi a reação do governador?

Ele perguntou qual era a minha sugestão. Eu disse: transformar o jornal em vespertino. Porque aí quando a gente tem o jornal vespertino, primeiro a gente vai pautar a imprensa da Paraíba, nós vamos sair toda tarde com informações quentinhas, que os jornais que circularam pela manhã não haviam trazido e além do que, isso vai fazer com que os outros jornais fiquem esperando a nossa edição. E outra coisa, se os jornais trouxeram matéria contra o governo, a gente à tarde fazia a defesa.

Ele bancou a ideia?

Achou muito boa. Posso tocar? Ele autorizou. Montamos o projeto e foi sucesso já na primeira semana, passamos a vender, colocamos na rua para vender com gazeteiros, aumentou o número de assinantes e para o jornal essa experiência foi muito positiva. Claro que hoje é

de, era gerente geral, chefiava todos os gerentes das agências do Estado da Paraíba. Foi assim até 1983, quando assumi a diretoria administrativa do banco.

Quem era o governador?

Recebi um convite do governador Wilson Braga para assumir a Secretaria de Controle das Estatais e a partir daí eu não voltei mais para o banco, mas saí percorrendo vários caminhos da administração pública.

Você já estava na administração pública quando recebeu o convite para vir para A União?

Percorri vários caminhos. Quando recebi o convite para ir para a Tabajara, eu estava no Instituto do Patrimônio Histórico da Paraíba. O governador me chamou para assumir dando uma missão: “Nós estamos com a concessão da FM há 11 anos e se a gente não instalar a rádio em 120 dias e não colocar no ar, a gente vai perder a concessão”. Não entendo nada de rádio. O senhor está dando uma missão muito difícil. Com 120 dias liguei para o governador, e disse para ele sintonizar a rádio. Ele vibrou. Um ano depois que eu estava na rádio - a rádio foi inaugurada em 1999. Em abril de 2000 ele me telefona e diz: “Eu quero que você vá assumir agora A União”.

Onde você estava?

Eu me lembro bem que eu estava na minha sala, quando Eduardo me chamou. Eu fui lá para ver na televisão o atentado das torres gêmeas. E o jornal, à tarde, saiu com a fotografia do presidente. Talvez tenha sido um dos poucos jornais no mundo que tenha uma fotografia da capa no dia do evento, no dia do acontecimento. Outro fato interessante foi o dia em que Antônio Carlos Magalhães fez o discurso renunciando ao Senado, às 4 horas da tarde.

Aquela história do painel?

Exatamente. Nós seguramos o jornal, mas às 18 horas o jornal estava na rua com discurso na íntegra, com a cobertura completa. A Copa do Mundo de 2002, na Coreia. Todos os jogos pela manhã. Circulamos com um caderno especial, que saía à tarde com todas as informações do que aconteceu no dia da Copa. Os outros só trariam no outro dia.

A União era a internet da época, antecipava tudo?

Eu acho que foi realmente muito interessante, nesse aspecto, essa experiência foi boa para o jornal, um fato histórico na vida de um veículo de comunicação centenário da Paraíba. Estou orgulhoso de participar, de ter contribuído com essa fase da história do jornal.

Você tem formação bancária? Como foi que você saiu das hostes bancárias e veio parar no governo?

Naquele tempo não existia concurso. Entrei no Paraiban (Banco do Estado da Paraíba) em 1968, um ano de efervescência do movimento político estudantil, que culminou com o A-15 e, na época, eu militava na política estudantil, no Liceu, era diretor do Grêmio. Minha mãe falou com Oscar Sampaio Visgueiro que era o diretor do banco e era muito amigo do meu pai e entrei no banco, passei a ser bancário. Me empreguei como bancário com 21 anos de ida-



Rui Leitão disse que recebeu carta branca do governador José Maranhão, inclusive, para cobrar dívidas de outros poderes

de todas as atividades, e a gente convidava alguém para escrever um pouco sobre a biografia dessas personalidades. Me parece que 45 personalidades foram biografadas, um trabalho feito sobre a memória política. A cada mês a gente colocava um caderno sobre uma personalidade, ex-governadores, e eu acho que isso é um material que está aí, deve está arquivado, e faz parte desse acervo que eu acho importante da história de A União.

Se não fosse por nada, seria importante pela história?

Era essa a preocupação que a gente tinha: tentar conversar com esse pessoal, ex-governadores, enquanto estava em vida, porque o depoimento deles ficava registrado como memória. É importante para que as gerações futuras possam conhecer quem foi cada um deles e como é que eles atuaram.

Rui, você falou muito do jornal, mas você não era jornalista, mas veio com a missão. A União não era só jornal, nunca foi e não é hoje. Tem a parte gráfica, a editora e o Diário Oficial. Como foi que você lidou com essas outras atividades?

Essa parte da editora, da gráfica, eu trouxe uma pessoa para cá, o governador me deu liberdade de escolher. Eu trouxe Francisco Pontes, que tinha uma experiência muito grande na Universidade. Esse meu desconhecimento da parte técnica da editora foi suprida por essa experiência de Francisco Pontes. Eu estava na parte administrativa do jornal.

Assinava o cheque?

Que é uma das coisas ruins da administração pública, que é ser ordenador de despesas. Você passa um tempo e muito tempo depois, de repente o Tribunal de Contas chama para você explicar uma diária que você não se lembra. Essa é uma

das desvantagens da administração pública. Você tem que ser extremamente criterioso, cercado de pessoas que sejam também criteriosas e que sejam de absoluta confiança para poder ficar tranquilo sobre o que você está assinando.

Quando você começou a escrever?

Na verdade, eu me tornei escritor - é uma das coisas interessantes da minha vida - depois que papai morreu. Meu pai escreveu 17 livros, mas eu não escrevia nada. Inclusive a única coisa que eu escrevi foi quando ele publicou o livro *Inventário do Tempo*, que é um livro de Memórias, e me pediu para escrever a orelha do livro. Depois que ele morreu eu comecei a escrever e fiz o meu primeiro livro publicado aqui em A União, *1968 o grito de uma geração*, porque como eu vivi o ano 1968 e depois fui fazer pesquisas em jornais e outros, comecei a relatar o que aconteceu no ano de 1968, que foi o ano mítico, de transformação, de mudança no mundo inteiro. Então eu acompanhei aquilo e fiz um relato desde a ordem cronológica do que aconteceu na Paraíba, no Brasil e no mundo de 1º de janeiro até 31 de dezembro.

Por isso que seus artigos hoje em A União, de vez em quando, têm o caráter de memória?

Às vezes são textos que estão em livro e começo a atualizar através de pesquisa, pego novas informações.

Recentemente, quando houve a questão da divulgação da carta da USP, do Largo do São Francisco, defendendo a democracia, você escreveu, se não me engano, dois artigos. E rememorou bem essa história?

Esse não estava no livro. Eu fiz nessa história que herdei do meu pai, essa coisa de pesquisador, curiosamente buscando informações. Minha intenção de fazer isso é registrar para que as novas gerações tenham

esse apoio do governador João Azevedo. Mas na época, quando chegamos aqui, algumas secretarias do governo mandavam suas publicações para cá e não se incomodavam em pagar, ficavam acumulando o débito, trazendo problema para a própria saúde financeira da empresa.

Quando o governador teve a conversa com você para dirigir A União, ele fez alguma recomendação especial?

Ele disse: “O trabalho que você fez na Tabajara, você vai fazer agora n’ A União, eu quero que você dê uma olhada de um ângulo mais executivo” - naquele tempo era autarquia e claro que eu coloquei para ele algumas pessoas, algumas necessidades de apoio e ele deu todas as condições. Uma coisa que eu coloquei também para o governador foi: nós precisamos também descharacterizar, não é fácil, mas a gente pode diminuir, minimizar um pouco essa história de que A União é um jornal chapa branca. Claro que a gente vai ter que fazer a defesa do governo, de divulgar as ações do governo. Mas a gente precisa também de uma certa liberdade para colocar informações, críticas construtivas e informações das pessoas que fazem oposição ao governo, espaço de opinião que não sejam manifestações de agressividade ou baixaria política. Essa liberdade a gente colocou. A gente conseguiu fazer isso e eu tive a sorte de contar com uma equipe na redação muito competente. Lembro bem de uma vez que quando houve a necessidade de fazer uma substituição na redação, quando Robson Nóbrega teve que sair e nós tínhamos que nomear o novo editor chefe. Deixei que escolhessem democraticamente quem seria o editor e foi também uma experiência inovadora. Chamei todo mundo da redação e escolhemos Eduardo Carneiro. Tive essa sorte de contar com pessoas assim, que deram contribuições muito interessantes para a época da minha gestão em A União.

Como encontra tempo para escrever sobre tantos temas?

Acordo cedo, de madrugada. Toco três trabalhos de literatura agora, um deles praticamente pronto na linha das músicas de interpretação da música onde Caetano é chamado *Caetanoando*. O outro que estou fazendo não é um livro de memórias, mas vai receber o mesmo título do livro do meu pai: *Inventário do Tempo*. É um livro onde eu conto histórias, coisas que eu fui protagonista, que fui testemunha, outras que tive conhecimento, mas me arrisco fazer alguns comentários e pesquisar na história o que aconteceu desse fato e dando essa informação. E um terceiro que é um trabalho de encomenda. Ele foi contratado pelo Sindicato dos Bancários da Paraíba para fazer um trabalho da atividade bancária na Paraíba. Eles estão querendo comemorar no dia 3 de outubro, 81 anos de existência. Só que quando eu comecei a pesquisar descobri que o sindicato não foi fundado em 1941 como imaginávamos. O sindicato foi fundado em 1935. Essa data de 41, que estavam comemorando, é a data do reconhecimento sindical oficial. É um desafio, acho que vai ficar interessante.

O que você considera uma contribuição de A União para você?

Uma delas foi o fato de que eu contei com apoio muito forte do governador e você eu sabemos que qualquer cargo na administração pública, se você não tiver um apoio forte do gestor maior, fica difícil cumprir com a missão, na forma que você deseja fazer. Maranhão sempre deu um apoio muito, muito forte. Para você ter uma ideia, é o que a atual gestão da Empresa Paraibana de Comunicação está fazendo. Naná Garcez também está contando com



Para Rui Leitão, o Jornal A União é um patrimônio do Brasil e todos devem lutar pela preservação

Como foi que você conseguiu modernizar a gráfica, comprou alguma máquina?

Compramos uma impressora, eu fiz um trabalho articulado com a gráfica de São Paulo, com a editora do Estado de São Paulo. Eles estavam comprando uma máquina mais nova. Eu consegui uma máquina bem mais moderna, que atendeu às nossas necessidades. Nós compramos equipamentos novos, equipamentos da gráfica para a época. Acho que foi uma evolução e eu acho que a gente ganhou muito em condições de atender as demandas não só da administração pública, mas também as demandas da sociedade privada, porque não se atende só encomendas de publicações de impressão gráfica do governo, mas também as empresas que vinham aqui.

Quis contribuições você deu que faz com que o corpo de colaboradores tenha uma grande gratidão por você?

Vem também de uma experiência antiga. Eu fui diretor de Recursos Humanos durante muito tempo e sempre fui uma pessoa assim, muito voltada para perceber quais eram as necessidades do corpo funcional do próprio banco. E n’ A União não podia ser diferente. Eu sempre tive essa relação muito próxima, muito democrática, uma abertura para conversar com todos, de atender, dentro da medida do possível, aquilo que for necessidade do funcionário. Claro que sempre respeitando a regra, não permitindo abusos. Então, essa relação foi muito positiva e muito democrática.

Você se lembra de alguma medida que regularizou o atraso do FGTS, as contribuições com a Previdência?

Na administração pública você tem que viver condicionado a algumas regras e algumas imposições legais. Naquela época não existia tanto essa rigidez, como tem hoje, na questão da do tratamento das relações trabalhistas, então, os contratos dos prestadores de serviço não tinham férias, nem décimo terceiro salário. O entendimento era esse que não podia. Fiz uma consulta ao Tribunal de Contas, ao pessoal da Secretaria de Administração e a gente trabalhou no sentido que as pessoas passassem a ter esse direito trabalhista que era concedido aos demais, então, isso foi algo que repercutiu bem e as pessoas se sentiram agradecidas por essa iniciativa.

Esse é o lado bom da história, que diz respeito a essa validade boa de que a gente prestou um bom serviço? Mas teve algum momento que você precisou dar um murro na mesa, impor uma decisão?

Quem administra vive momentos assim. É obrigado, às vezes, a rescindir um contrato porque alguém infringiu as normas. E a gente é obrigado a tomar a decisão, por mais pesado que seja você fazer essa comunicação à pessoa que está sendo demitida, por exemplo. Eu me solidarizava com a situação que estava vivendo, imaginava a situação deles, mas eu tinha

obrigação de fazer isso. Eu lembro que um repórter fez uma matéria, e nessa matéria ele colocou o nome de um parlamentar que era ligado ao governo e errou o nome, como se fosse de outro partido e isso gerou alguma coisa parecida com aquela coisa que aconteceu de A União que foi a grande barriga da história d’ A União, na época de nomeação de Ernesto Geisel e A União disse que havia sido Orlando, o que terminou com a demissão de todo mundo, do secretário de comunicação ao secretário de redação. Então, nesse caso aí houve também essa repercussão, claro que não foi na mesma dimensão desse caso do presidente, mas o parlamentar que era vinculado ao governo não gostou e reclamou ao governador e eu fui obrigado a afastar uma pessoa que ainda convive comigo e é meu amigo.

A Superintendência de A União também exige um contato direto com os outros. Como é que você tratou disso? Inclusive, sabe-se que durante muitos anos o Diário da Justiça e o do Legislativo não eram pagos?

Esse foi um problema a ser enfrentado, porque envolvia também interesses políticos, prestígio político dos chefes desses poderes. No Judiciário não tive grande dificuldade, eu tive mais na parte do Legislativo. Com essa determinação do governador de que todo mundo tinha pago, eu fui cobrar o presidente na época. E isso gerou um certo ruído, demandou tempo para que esse problema fosse solucionado, porque ele não queria pagar. Mas sentamos na mesa eu, ele e o governador. Depois de muita conversa parcelamos a dívida e ele foi pagando aos poucos.

Mas houve uma resistência?

A resistência foi superada graças à habilidade do governador José Maranhão que chamou o presidente da Assembleia. Conversamos e as coisas foram sendo superadas. Terminou harmonizando os interesses. No começo da entrevista você falou da responsabilidade de ter um cuidado porque às vezes, anos depois que você termina a gestão, o Tribunal de Contas pede uma explicação sobre uma diária que foi autorizada e você não se lembra nem onde para quem foi.

Você chegou a ter algum tipo de problema com o Tribunal de Contas?

Na verdade, tive dois problemas com o Tribunal de Contas. O Tribunal de Contas, inclusive, me condenou à revelia, porque não recebi a intimação para me defender. Mas eu contratei um advogado e nós fizemos a defesa. Eu mesmo fui lá. O relator permaneceu com o voto pela condenação, porque ele disse que foi comunicado pela internet, mas eu nunca recebi essa comunicação. E o presidente, que era Fernando Catão, também ficou contra, mas os outros todos votaram a meu favor. E os depoimentos de todos foram muito interessantes para mim. Foi muito gratificante porque todos os

conselheiros disseram: “Olha, eu vou votar favoravelmente porque conheço a história dele, a linha de conduta. Eu não posso reconhecer que ele deixou correr isso de propósito”. Fui condenado também pela Justiça do Estado. Foi quando eu fui fazer a defesa, conversar com todos os desembargadores e aí a câmara que foi julgar em segunda instância, também por unanimidade, me absorveu. Só passei por esses dois tipos de problemas, mas graças a Deus todos foram solucionados. Isso causa certa apreensão, o fato de ser condenado. Eu passei mais de um ano com o meu nome na relação dos culpados. Até que, enfim, na instância no Tribunal de Justiça, fui absorvido. Todas as vezes que eu converso com ex-administradores da União, eles citam isso. O fato dos insumos, das dificuldades porque, por exemplo, o papel é importado. Hoje é tudo no computador. Você tinha que lidar com um produto que você ia usar com preço em real, mas tendo que comprar em dólar.

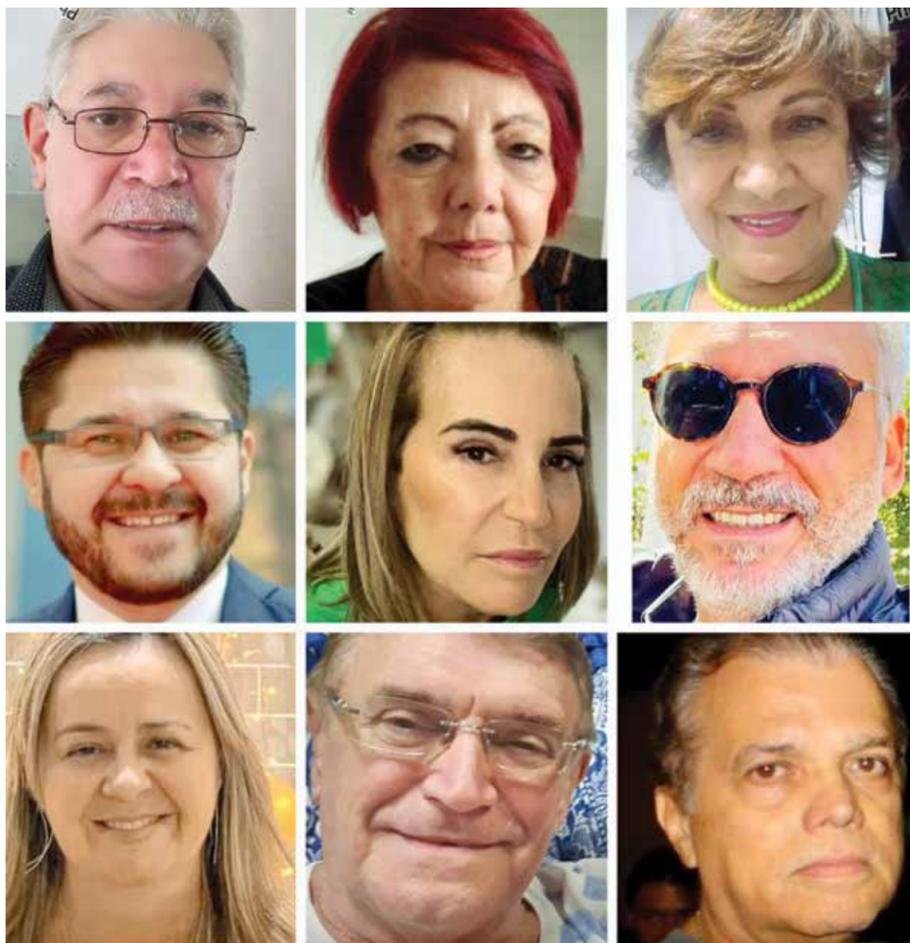
Como foi a sua relação com esse problema?

A gente trabalha isso com certa previsibilidade, então aliava a questão da competência técnica, da experiência com a parte administrativa. A gente tem que vencer o trâmite burocrático que dificulta muito a administração na sua celeridade. As coisas não acontecem com a celeridade que se deseja, que a gente pode ter na empresa privada. O ritmo da burocracia e, às vezes, acontece de alguém entrar com recurso, o que já atrapalha tudo e você perde tempo, vai ter que recomendar tudo de novo. Isso é uma coisa que acontece e não é comum na administração de empresas privadas, mas isso, graças a Deus, também na minha época, não teve grandes problemas.

Eu queria saber se você quer fazer algum registro ou acrescentar algo, fazer alguma leitura ou deixar uma impressão que você tem, por exemplo, sobre a importância d’ A União?

Primeiro, a gente tem a honra de ter sido protagonista da história do Jornal A União, que é um jornal centenário, que registra a história da Paraíba nos seus 130 anos e isso para mim é muito gratificante. Tenho a honra de ser um dos protagonistas dessa história, segundo o aprendizado e, terceiro, é uma escola do jornalista paraibano. Porque aqui passaram os grandes nomes do jornalismo impresso, a intelectualidade da Paraíba. É difícil alguém que não tenha passado pelo Jornal A União, e isso é uma coisa muito importante. Então, eu fiz tido a oportunidade de me inserir numa empresa com essa tradição cultural histórica é realmente muito gratificante e eu faço votos de que A União se mantenha. Já teve gente que quis fechar A União e houve uma reação muito grande. Fechar um jornal que é centenário e um jornal hoje que é patrimônio cultural do Brasil?





Saulo Barreto, Beth Espínola, Andrea Gadelha, Caius Marcellus, Everaldo Dantas da Nóbrega, Gilson Lira, João Pinto, Glória Mousinho Obermark e Nancy Alves Pereira são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.



A jornalista abrajjetiana Theresza Madalena, um ícone na TV paraibana, realizou, na quarta-feira (24), almoço em comemoração ao mês de maio. No evento, que aconteceu no Sesc Cabo Branco, inúmeras amigas marcaram presença. Nas fotos, registro a anfitriã entre as amigas Naná Garcez, Ezilda Melo, Marcélia Leal, esta colunista e Priscila Macedo.



Juliana Freire, a herdeira do casal Leonel e Eliane Freire, conduz, com maestria, a Cafeteria São Braz, espaço gastronômico no Manairá Shopping, que agrega amigos que buscam e encontram saborosos cafés, salgados e doces deliciosos. Na foto, feita no local, registrei a empresária ao lado da amiga Carla Bezerra Cavalcanti.



Os franqueados da Casa Cor Paraíba, Cesar Revêredo e Augusto Fernandes, vão recepcionar convidados, na noite dessa segunda-feira (29), para apresentar nova edição que vai ser instalada em elegante residência na Avenida Ruy Carneiro, em nossa capital. A mostra, que terá 24 ambientes, espaços diferenciados assinados por 34 profissionais de nossa arquitetura, tem a parceria de o Mundo das Tintas, empresa liderada pelo empresário Cley Miranda (foto).



O governador João Azevêdo, na foto ao lado da esposa Ana Maria Lins e do superintendente do Sebrae/PB, Luiz Alberto Amorim, prestigiou o evento de abertura da Expo Turismo Paraíba 2023, evento que foi realizado no Centro de Convenções de João Pessoa.



A advogada e escritora Ezilda Melo, um nome de valor nos meios acadêmicos de nosso Estado, promoveu evento cultural, na tradicional Livraria do Luiz, na unidade do MAG Shopping, para realizar lançamentos de livros de sua Editora Porta.



Registro a empresária Manuelina Hardman, ao lado da secretária Rosália Lucas, durante a abertura de mais uma edição da Expo Turismo Paraíba 2023, no Centro de Convenções de João Pessoa.

Andréia Barros, uma jornalista da melhor qualidade, festeja, no dia de hoje, seu aniversário em ritmo de futebol, esporte que ama. Ela, que é a diretora da Vivass Comunicação, vai receber o carinho de amigos no emblemático Loca como tu Madre. É claro que marcarei presença.

A Construcon, a maior feira de construção civil e arquitetura do Nordeste, já está nos preparativos para realizar a 6ª edição, que vai acontecer no Centro de Convenções de João Pessoa, de 17 a 19 de agosto

No próximo dia 12 de junho, a desembargadora Fátima Bezerra Maranhão vai lançar livro biográfico acerca do saudoso marido e ex-governador da Paraíba, José Targino Maranhão. O lançamento da obra, editada pelo também saudoso Juca Pontes, vai acontecer na residência da magistrada, no Altiplano Cabo Branco.

A rotariana Alice Fernandes, um nome emblemático na arte paraibana, vai tomar posse, nessa terça-feira (30), na cadeira de no. 28, da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras. A solenidade, que vai acontecer no Teatro Santa Catarina, em Cabedelo, deve ser bastante prestigiada.

Wills Leal, jornalista abrajjetiano, que fez história nos mais variados segmentos de nossa sociedade, será homenageado, postumamente, num portal da entrada de Cabaceiras, a nossa Roliúde Nordestina. Esta denominação, idealizada por Wills, marca a sua atuante participação e valorização de nossa rica cultura cinematográfica. Aproveito a ocasião, para registrar e homenagear a figura de sua irmã, a historiadora Ana Meira Leal.

Selic

Fixado em 3 de maio de 2023

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

-0,93%

R\$ 4,989

Euro € Comercial

-0,852%

R\$ 5,353

Libra £ Esterlina

-0,74%

R\$ 6,162

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2023 +0,61

Março/2023 +0,71

Fevereiro/2023 +0,84

Janeiro/2023 +0,53

Dezembro/2022 +0,62

Ibovespa

110.905 pts

+0,77%



NA PARAÍBA

Número de pessoas com renda de aluguel cresce 41%

Rendimento da atividade no estado aumentou 55,7% de 2021 para 2022

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

O número de pessoas que têm renda de aluguel e arrendamento na Paraíba cresceu 41,3%, em 2022, na comparação com o ano anterior, aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em um ano, a quantidade de proprietários de imóveis com essa finalidade de locação passou de 29 mil para 41 mil pessoas. O rendimento da atividade no estado aumentou 55,7%, de R\$ 954 a R\$ 1.485, na contração da média nacional, que caiu 11,76%.

De acordo com o presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Ubirajara Marques, o lucro dos imó-

veis por temporada atrai novos investidores ao mercado. Além disso, os novos imóveis elevam a média dos preços de locação para além da inflação do setor. Ele destaca que, nos últimos três anos, houve um aumento do número de investidores imobiliários, que os adquirem para dois tipos de locação: a anual e a por temporada, com a realização de contratos por dias ou semanas.

“Em torno de 65% dos compradores de imóveis na Paraíba são pessoas de outros estados. Eles têm dois perfis: uns fazem a aquisição para investir em locação e outros para ter a segunda moradia. Mas as pessoas desse segundo grupo acabam alugando esses imóveis por temporada, como em um hotel. As pessoas contratam uma administradora, que cuida de tudo o

que for necessário”, comenta Ubirajara Marques.

O dirigente explica que os valores dos imóveis por locação anual são praticamente pré-fixados com reajuste baixo. Ele afirma que o Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M), divulgado mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre) é uma referência para os reajustes. No ano de 2022, o índice acumulou alta de 5,45%. Mas em 2021 chegou a 17,78%.

Ele pondera que os locadores não costumam praticar reajustes altos para manter os locatários e evitar que os imóveis fiquem desocupados. “Se o inquilino tem o compromisso de pagar sempre dentro do prazo, o locador tenta manter a renovação, com uma negociação bilateral”.

No outro extremo estão os

negócios de aluguéis por temporada. Segundo o presidente do Creci-PB, um investidor pode conseguir em três dias de locação uma média de R\$ 1 mil, metade do que um inquilino de contrato anual pagaria por cada mês de moradia no mesmo imóvel. Neste contexto, ele destaca o crescimento da quantidade de construção de imóveis compactos, como flats, estúdios e apartamentos com até dois quartos.

Brasil

Em âmbito nacional, o rendimento médio mensal da categoria Aluguel e arrendamento caiu de R\$ 1.989 em 2021 para R\$ 1.755 em 2022, menor valor da série, com redução de 11,76%. O movimento foi acompanhado pelas regiões Nordeste, Sul e Sudeste, a última apresentando a maior queda, de R\$ 2.261 para R\$ 1.815.

Opinião

Ecio Costa
@eciocosta | Colaboradora

Arcabouço Fiscal aprovado

O mecanismo central foi mantido, onde o crescimento dos gastos públicos ficou limitado a 70% do crescimento da arrecadação e mesmo que a arrecadação cresça muito, será necessário respeitar um intervalo no crescimento dos gastos entre 0,6% e 2,5%.

Vários pontos importantes foram negociados. O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) foi inserido nas limitações de gastos. Atualmente, essas despesas estão fora do atual teto de gastos. O Fundo Constitucional do Distrito Federal também ficou dentro.

Os reajustes do Salário Mínimo além da correção da inflação ficaram de fora, enquanto o Bolsa Família ficou dentro. Outro ponto importante foi a inclusão da previsão de gatilhos, como mecanismos que pretendem obrigar a contenção de despesas quando o governo ultrapassar limites.

Se as receitas não avançarem como projetado, o governo vai ser obrigado a contingenciar despesas. Se, mesmo contingenciando despesas, o governo não cumprir as metas fiscais de zerar o déficit em 2024 e ter superávit em 2025 e 2026, os gatilhos de forma gradual serão acionados.

Inicialmente, proibirão a criação de cargos; alteração de estrutura de carreira; criação/majoração de auxílios; criação de despesa obrigatória; reajuste de despesa obrigatória acima da inflação; ampliação de subsídios/subvenções; e, concessão/ampliação de benefício tributário.

Num segundo ano seguido de descumprimento da meta, novas proibições serão acrescentadas: o aumento e reajustes da despesa com pessoal; admissão ou contratação de pessoal, exceto para reposição; e, a realização de concursos públicos, exceto para reposição.

Com relação a penalidades, o descumprimento dos contingenciamentos dos gatilhos já são uma infração à Lei de Responsabilidade Fiscal, sendo passíveis de punição. Então, não há criação de penalidade adicional. O Arcabouço permitirá aumentos de gastos, de forma organizada.

O formato desse arcabouço leva a uma preocupação permanente quanto ao aumento de receitas. E essas receitas virão através do aumento de arrecadação tributária, principalmente quando a economia crescer menos, através de novos impostos, como o Governo tem anunciado frequentemente.

NOTAS CURTAS:

Petrobras abandona a PPI como política de preços para os combustíveis. A partir de agora, a nova estratégia comercial usará duas referências de mercado:

1. “Custo alternativo do cliente, como valor a ser priorizado na precificação”.
2. “Valor marginal para a Petrobras”.

Com isso, os reajustes serão feitos sem periodicidade e evitando, segundo a Petrobras, o repasse para os preços internos da volatilidade internacional.

Custo Brasil representa 19,5% do PIB brasileiro ou R\$ 1,7 trilhão a preços de 2021. 80% do Custo Brasil vem de sete fatores: empregar capital humano; honrar tributos; financiar um negócio; atuar em um ambiente jurídico e regulatório eficaz; e, a integração com cadeias globais.

Foto: Marcos Russo



Foto: Raphael Lima

Para o presidente do Creci-PB, Ubirajara Marques, a Selic alta inflaciona o mercado de financiamento imobiliário

Restrição de crédito impede saída do aluguel

A restrição no acesso ao crédito imobiliário impede a saída do aluguel, conforme o presidente do Creci-PB, Ubirajara Marques. Ele enfatiza que a manutenção da taxa Selic nos últimos meses ao maior nível desde janeiro de 2017 (13,75%) dificulta a contratação de financiamento imobiliário, tanto com o intermediário dos bancos, como diretamente pelas construtoras. A Selic é a taxa básica de juros da economia e influencia todas as taxas de juros do país.

“A Selic alta inflaciona o mercado de financiamento imobiliário. Desta forma, a pessoa que quer sair do aluguel não consegue porque a prestação do financiamento fica muito cara, considerando os juros aplicados dos pagamentos de duração do pagamen-

to. Inclusive, tem gente que volta para o aluguel, à espera do melhor momento para comprar o imóvel”, explica Ubirajara Marques.

O índice da Selic é o mesmo desde agosto do ano passado. Mas, anteriormente, o Comitê de Política Monetária (Copom) tinha elevado a Selic por 12 vezes consecutivas, num ciclo que começou em meio à alta dos preços de alimentos, de energia e de combustíveis, após a pandemia de Covid-19.

Locação comercial

O presidente do Creci-PB aponta que o segmento de locação comercial enfrenta dificuldades com o aumento de preços do mercado, que acarreta na desocupação dos imóveis. “Muitos empresários es-

tao deixando os prédios para se mudarem para um local mais barato. Outra questão que impacta o mercado é a tendência de instalação de prédios comerciais, inclusive alguns com perfis específicos de negócios”.

Segundo Ubirajara Marques, a migração para os empreendimentos é motivada por questões como mais segurança e facilidades como área de estacionamento. Mas isto causa prejuízo aos prédios comerciais que não estão em um edifício.

Para concorrer no mercado, o servidor público Ubaldo Araújo seguiu os preços de suas duas salas comerciais em um prédio em Cabedelo. “Durante a pandemia de Covid-19, eu consegui manter as duas alugadas, mas preci-

sei reduzir o valor à metade”.

Ele conta que, aos poucos, restabeleceu os preços, que estão um pouco acima do cobrado em 2019. Há quatro anos, o valor era R\$ 700, agora, ele cobra R\$ 800 por cada uma. Ubaldo Araújo ressalta que os proprietários das salas vizinhas reclamam do valor praticado por ele porque praticam o valor de R\$ 1.200 por aluguel de um imóvel com as mesmas dimensões.

“Eu não posso chegar para um inquilino antigo e dar um aumento na faixa de 30% ou 40%, como os vizinhos fizeram. Mesmo antes da pandemia, não era comum eu reajustar o valor porque para bom inquilino, a gente não dá reajuste. Mas se ele sair e entrar gente nova, vou corrigir os valores”, comenta Ubaldo Araújo.

IMPOSTO DE RENDA

Saiba quais as formas de dedução

Para elucidar as principais dúvidas, o professor Deypson Carvalho responde a questões feitas a veículos da EBC

Edgard Matsuki
Agência Brasil

Um dos pontos que o contribuinte deve prestar mais atenção na hora da declaração do Imposto de Renda está relacionado aos gastos passíveis de dedução. Seja para conseguir um valor de restituição mais robusto ou para reduzir o valor a ser pago à Receita Federal.

Apesar de útil, a declaração de gastos dedutíveis exige atenção a regras específicas. Para elucidar as principais dúvidas sobre dedução,

o professor de Ciências Contábeis do Centro Universitário do Distrito Federal Deypson Carvalho respondeu a questões feitas a veículos da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) por ouvintes da Radioagência Nacional e leitores da Agência Brasil.

O conteúdo faz parte de uma série especial sobre a declaração do Imposto de Renda 2023. Na Agência Brasil, já foram publicadas matérias sobre como começar a declaração, como declarar rendimentos e como fazer a declaração correta de ganhos e

gastos com imóveis.

Quais são as formas de deduzir o valor pago no Imposto de Renda? Para entender como deduzir o Imposto de Renda, é preciso entender quais são os gastos passíveis de dedução. O professor Deypson Carvalho explica que o valor dedutível depende, primeiramente, do tipo de tributação escolhido.

O modelo mais simples é o de “desconto simplificado”. “O programa da declaração utilizará o desconto de 20% do valor de rendimentos tributáveis, limitado ao total de

R\$16.754,34, em substituição a todas as deduções legais”, diz. Deypson aponta, inclusive, que este desconto não tem necessidade de comprovação documental.

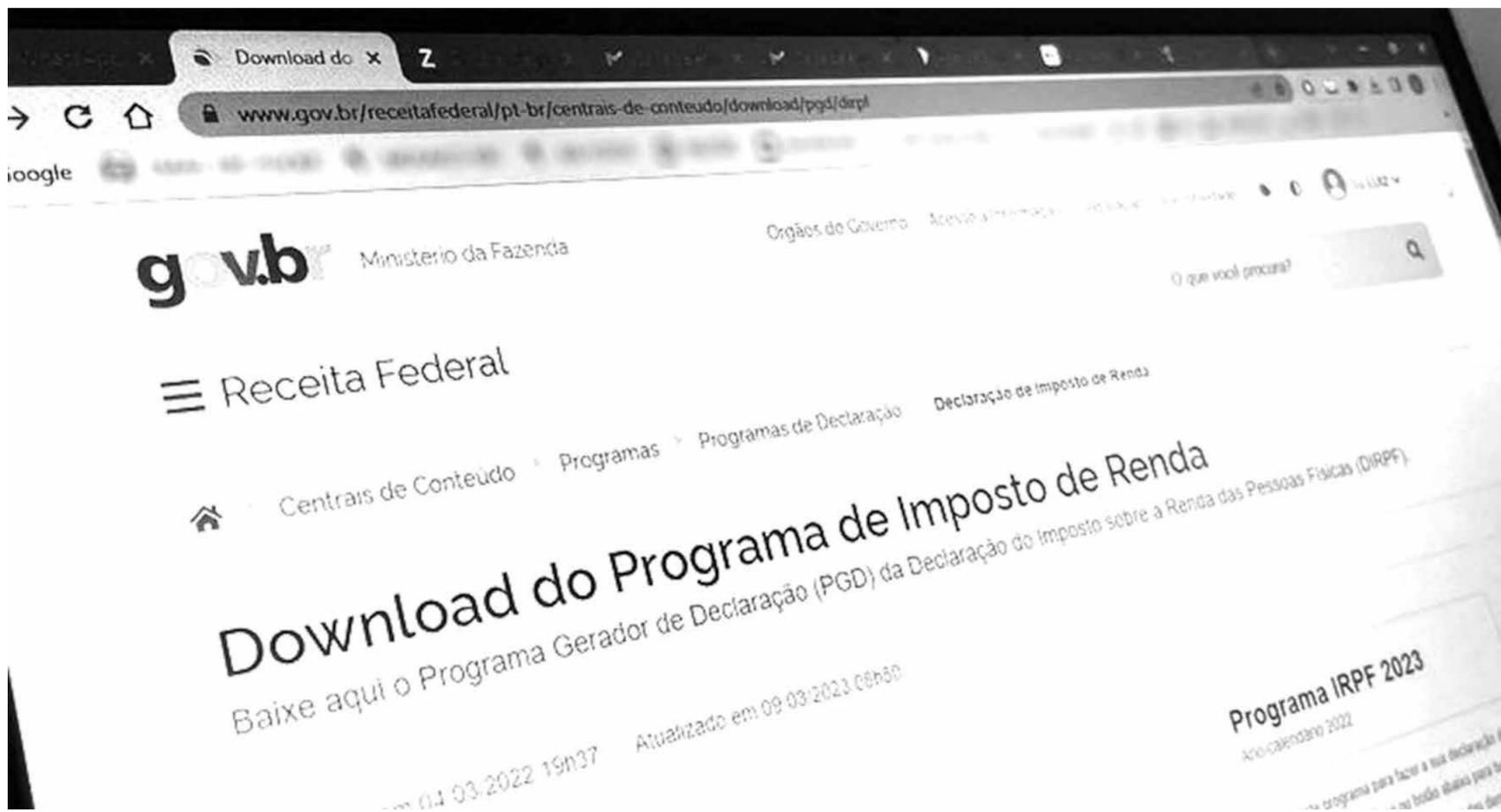
Outra opção

A outra opção é o modelo de tributação por “deduções legais”. Ao contrário do que ocorre no “desconto simplificado”, a comprovação com os gastos dedutíveis é necessária. As regras também são mais complexas. Os gastos dedutíveis neste modelo são os seguintes: R\$2.275,08 por

dependente; o valor pago integralmente a título de pensão alimentícia judicial; despesas com educação com valor limitado a R\$3.561,50 por pessoa; gastos integrais pagos a médicos, hospitais, clínicas, laboratórios, planos de saúde e previdência oficial; gastos com previdência complementar no limite de até 12% do total dos rendimentos tributáveis.

Todas as regras se aplicam aos dependentes e cônjuge ou companheiro para os casos de declaração em conjunto ou separado.

■ O modelo simplificado de declaração aplica o desconto de 20% do valor de rendimentos tributáveis em substituição às deduções legais



No dia 31 de maio, próxima terça-feira, às 23h59, termina o prazo para os contribuintes de todo o Brasil apresentarem a declaração do Imposto de Renda da Pessoa Física 2023

Gastos com educação, despesas médicas e doações

Quais gastos com educação são passíveis de restituição?

Os gastos com educação do titular, dependentes e alimentandos é uma das formas de se deduzir Imposto de Renda. Porém, há algumas regras que deixam as pessoas com dúvidas. Uma destas pessoas é o leitor Edmilson Martins Junior. “Sempre fico na dúvida com relação a instituições de ensino e qual o tipo de empresa que pode entrar no processo de restituição. Cursos de pré-vestibular ou de idiomas entram?”, pergunta. De acordo com o professor Deypson Carvalho, a lista de gastos com educação dedutíveis no IR é a seguinte: a educação infantil (compreendendo as creches e as pré-escolas), o ensino fundamental, o ensino médio, a educação superior (compreendendo os cursos de graduação e de pós-graduação) e a educação profissional (compreendendo o ensino técnico e o tecnológico).

“Não podem ser deduzidos os gastos relativos, dentre outros, a cursos preparatórios para concursos e/ou vestibulares; aulas de idiomas, outros cursos e aquisição de uniformes livros e outros”, diz o professor.

O limite anual individual

“

Os pagamentos das despesas médicas são comprovados mediante documentos contendo o nome, CPF ou CNPJ

Deypson Carvalho

da dedução de despesas com instrução é de R\$ 3.561,50 por pessoa (titular dependente ou alimentando). “O valor dos gastos que ultrapassar esse limite não pode ser aproveitado nem mesmo para compensar gastos de valor inferior a R\$ 3.561,50 efetuados com o próprio declarante ou com outro dependente/alimentando”, explica.

Na Declaração de Ajuste Anual deve ser informado o valor total pago para cada instituição de educação, mesmo que seja superior ao limite

anual de dedução. Dessa forma, o campo “Parcela não dedutível/valor reembolsado” deve ser preenchido no caso de haver despesas de instrução não dedutíveis.

Como declarar e deduzir despesas médicas?

Ao contrário dos gastos com educação, as despesas médicas não têm limitação de valor na dedução do Imposto de Renda. A única regra é que os pagamentos devem ser relativos a tratamentos do titular, dependentes ou, ainda, alimentandos (desde que o gasto com saúde ocorra em decorrência de decisão judicial). Os gastos passíveis de dedução são os seguintes:

- Médicos, dentistas, psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, hospitais, com exames laboratoriais e serviços radiológicos, aparelhos ortopédicos e próteses ortopédicas e dentárias;

- Pagamentos a empresas domiciliadas no Brasil destinadas à cobertura de despesas com hospitalização, cuidados médicos e dentários e a entidades que assegurem direito de atendimento ou ressarcimento destas despesas;

- Pagamentos feitos ao estabelecimento geriátrico qualificado como hospital, nos termos da legislação especifi-

ca; aos estabelecimentos especializados relativos à instrução de pessoa com deficiência física ou mental e à empresa ou entidade onde o contribuinte trabalhe, ou a fundação, caixa e sociedade de assistência, no caso de entidade manter convênio direto para cobrir total ou parcialmente tais despesas.

É preciso que estes gastos sejam comprovados. “Os pagamentos das despesas médicas são comprovados mediante documentos contendo o nome, endereço e, no caso de beneficiário (pessoa ou empresa a quem efetuou pagamentos) residente ou domiciliado no Brasil, o seu número de inscrição no CPF ou no CNPJ, podendo ser substituído por cheque nominativo ao beneficiário, de sua própria emissão, do cônjuge ou do dependente”, diz Deypson.

Para a pessoa com deficiência física ou mental, são exigidos laudo médico atestando o estado de deficiência e comprovação de pagamento a entidades especializadas para esse fim. No caso de aparelhos e próteses ortopédicas e próteses dentárias, são exigidos o receituário médico ou odontológico e a nota fiscal em nome do beneficiário. Se a despesa médica se referir a dependente ou alimen-

tando, o contribuinte deverá informar na declaração, ficha de Pagamentos Efetuados, o nome do dependente ou alimentando beneficiado.

Como deduzir IR por meio de doações?

Uma forma de se deduzir o Imposto de Renda é por meio de alguns tipos de doações. O leitor Pierry Bós tem, inclusive, uma dúvida sobre isso: “Sempre tenho dúvida quando vou fazer minha declaração sobre que tipos de doações podem ser abatidas? Por exemplo, você ajuda alguém com uma cesta básica ou mesmo paga o dízimo à igreja: essas coisas podem ser abatidas no Imposto de Renda?”, pergunta.

A resposta ao Pierry Bós é não. Na realidade, as doações passíveis de dedução no IR são as feitas a fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Pessoa Idosa Nacional, distrital, estaduais e municipais ou doações e patrocínios efetuados a programas de incentivo à cultura, à atividade de audiovisual e ao desporto.

“A legislação não permite a dedução de doações efetuadas diretamente a entidades assistenciais. Doações feitas, por exemplo, por meio de dízimo e cestas básicas não estão previstas na legis-

lação federal para serem reduzidas da base de cálculo do IR e nem do imposto devido”, explica.

O somatório da dedução está limitado a 6% do imposto devido apurado na declaração. Este limite é calculado pelo próprio programa e a dedução só se aplica à declaração em que o contribuinte optar pelas deduções legais.

As doações efetuadas diretamente na declaração aos fundos dos direitos da criança e do adolescente, devem ser informadas na ficha “Doações Diretamente na Declaração”, na aba “Criança e Adolescente”.

Valor

O limite anual individual da dedução de despesas com instrução é de R\$ 3.561,50 por pessoa, seja titular, dependente ou alimentando

EM DEBATE

Uso da inteligência artificial na arte

IA já é uma realidade como ferramenta, mas também desperta outras questões legais até então inéditas

Renato Félix
Assessoria Setcites

Em 1980, problemas nas gravações de “Superman II” levaram à necessidade de gravar novas cenas. Mas o ator Gene Hackman, que atuou como o vilão do filme se negou a voltar. A solução, então, foi usar um dublê de costas nas cenas que Hackman, no personagem de Lex Luthor, era indispensável. Hoje, a solução seria completamente diferente: a partir de tudo o que o ator já filmou na vida, seria possível recriar sua imagem digitalmente com fidelidade. Tom Hanks, um dos mais famosos atores de Hollywood, disse em entrevista que ele pode aparecer em filmes mesmo depois de sua morte. Os avanços da inteligência artificial já chegaram ao mundo da arte, colaborando para a criação e gerando debates éticos.

“Muita gente imaginava que a última área onde a inteligência artificial iria impactar seria a arte, por causa da criatividade. E hoje acho que a grande discussão da IA é o fato de que ela impactou justamente a”, conta a professora Thaís Gaudencio, do Departamento de Informática da UFPB, com doutorado em inteligência artificial. “A gente vem tendo muitas discussões interessantes porque levantam questões éticas. E quando mexe na questão da ética se torna um bom motivador para se conhecer melhor o assunto”.

As questões éticas envolvem o uso de imagem e voz de outras pessoas, o uso de obras para que a máquina aprenda a reproduzir aquele estilo e obras criadas por IA que podem “se passar” por criações humanas. São situações novas, que geram debates novos e também questões legais até então inéditas. Nos Estados Unidos, os roteiristas de Hollywood estão em greve e um dos motivos é o uso de uma inteligência artificial na confecção dos roteiros e a possibilidade de que eles sejam criados com pouco ou quase nenhum envolvimento humano.

Ao podcast do comediante inglês Adam Buxton, Tom Hanks comentou sobre o uso de IA na imagem e voz de atores – vivos ou mortos. Avanços tecnológicos no cinema não são estranhos a ele: em 2004, Hanks estrelou “O Expresso Polar”, o primeiro filme feito totalmente com a tecnologia de captura de movimento, em que expressões e movimentações dos atores são minuciosamente captados

de maneira digital e convertidos em uma espécie de desenho animado.

“Foi a primeira vez que fizemos um filme que tinha uma grande quantidade de nossos próprios dados armazenados em um computador – literalmente nossa aparência”, disse na conversa. “Vimos que haveria essa capacidade de pegar ‘zeros’ e ‘uns’ de dentro de um computador e transformá-lo em um rosto e um personagem. Isso só cresceu um bilhão de vezes desde então, e vemos isso em todos os lugares”.

E ele apontou o próximo passo. “O que é uma possibilidade genuína agora é que, se eu quisesse, poderia me reunir e lançar uma série de sete filmes estrelando todos eles, nos quais teria 32 anos a partir de agora até o fim dos tempos”, afirmou. De fato, isso já aconteceu em um episódio de “The Mandalorian”: o icônico personagem Luke Skywalker faz uma participação surpresa na série, com o ator Mark Hamill recriado digitalmente não apenas na imagem, mas também na voz – suas falas foram criadas por computador com base nos diálogos ditos por ele em outros filmes.

Para isso, Hanks disse que já há discussões acontecendo em associações e escritórios de advocacia para estabelecer as questões legais em que rosto e voz de um ator serem sua propriedade intelectual. “Qualquer um agora pode se recriar em qualquer idade por meio de IA ou tecnologia *deepfake*”. *Deepfake* é uma tecnologia que a IA usa para criar vídeos falsos, mas realistas, de pessoas fazendo coisas que elas nunca fizeram na vida real.

Inovação

Qualquer um agora pode se recriar em qualquer idade por meio de IA ou tecnologia *deepfake*

Avanços da IA com atores no cinema

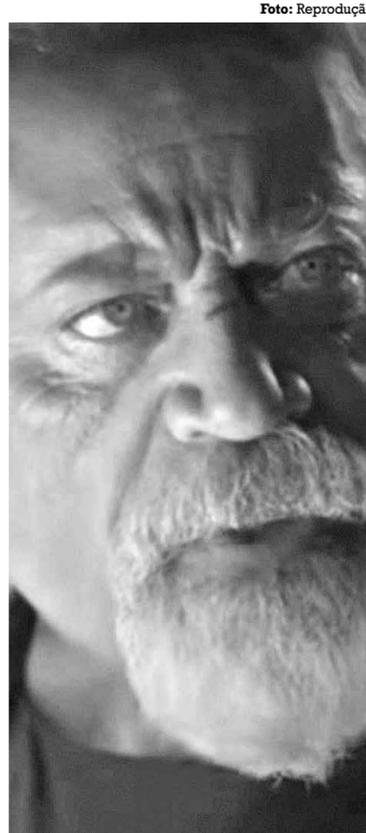
- **Gladiador (2000):** O ator Oliver Reed morreu durante as filmagens, com algumas cenas faltando. A solução: nessas cenas, o rosto de Reed foi aplicado digitalmente sobre um dublê de corpo.
- **O Expresso Polar (2004):** O primeiro filme feito completamente com captura de movimento. Recriado digitalmente, Tom Hanks faz diversos papéis no filme.
- **Capitão Sky e o Mundo do Amanhã (2004):** A aventura de visual retrô usou a imagem do ator Laurence Olivier em uma cena, na forma de um holograma. O detalhe que Olivier morreu 15 anos antes, em 1989.
- **Capitão América – Guerra Civil (2006):** O personagem Tony Stark aparece adolescente em uma cena. Em outros tempos,



Thaís Gaudencio, pesquisadora da IA



Robert Downey Jr., o Capitão América



Oliver Reed no filme “Gladiador”

Tecnologia pode ser útil em várias áreas

Ainda não temos um filme estrelado por um grande ator inteiramente recriado por inteligência artificial, mas ela já é uma realidade em diversos campos artísticos e de diversas maneiras. No próximo filme da série Indiana Jones, que estreia dia 29 de junho, Harrison Ford, de 80 anos, aparece na sequência de abertura do filme aparentando cerca de metade da idade.

Esse processo de rejuvenescimento digital já foi usado para transformar Robert Downey Jr., ator do Homem de Ferro, em um adolescente numa cena de “Capitão América – Guerra Civil” e também tornar o ator Robert De Niro mais jovem em cenas de “O Irlandês”.

Mas algo que tem aparecido na internet são áudios de cantores (muitos já falecidos) interpretando músicas que eles nunca cantaram de verdade. Como Michael Jackson cantando uma música de Adele, Freddie Mercury cantando Beatles ou Paul McCartney interpretando “Imagine” do velho parceiro John Lennon. Com os simuladores de voz atuais isso já é possível e essas brincadeiras vem atraindo atenção nas redes sociais.

“Essa semana alguém conseguiu usar a voz de Marília Mendonça para uma música de Mari Fernandes. Aqui a gente

consegue brincar e fazer esse tipo de coisa”, conta Thaís Gaudencio. “Mas tem uma discussão legal, senão qualquer pessoa vai ter agora sua imagem e sua voz reproduzida de forma aberta a qualquer hora, de qualquer jeito e com qualquer discurso”.

Por outro lado, o Departamento de Informática da UFPB vem trabalhando com os paraibanos criadores do app Moises. “Um grupo de paraibanos que estão no Estados Unidos abriu essa *startup*”, conta a professora. “É um aplicativo acessado no mundo inteiro e que usa inteligência artificial para manipular música”. O aplicativo permite separar qualquer instrumento ou vocais de uma música. Assim, o músico pode, por exemplo, retirar a guitarra de uma canção para ele mesmo tocar o instrumento acompanhando a música.

“Hoje a gente tem uma parceria forte com eles. A gente traz funcionalidades novas usando inteligência artificial. A gente cria uma ideia inicial, prova que é viável, deixa ela meio encaminhada para entrar no aplicativo e depois eles colocam em produção”, explica.

Tecnologia semelhante foi usada, por exemplo, no documentário “The Beatles – Get Back”. O registro dos ensaios da banda eram um som úni-

co que misturava instrumentos sendo afinados ao mesmo tempo em que conversas aconteciam. A IA conseguiu separar cada voz e cada instrumento, de modo que a série pôde ressaltar o que queria mostrar, exibindo conversas de 50 anos atrás entre os músicos que até então ninguém conseguia escutar.

A ferramenta também é uma ajuda na composição. “Os músicos já tinham os dicionários e os livrinhos que ajudam a pensar em sinônimos ou palavras que rimam. E hoje tem IA que faz isso também”, diz Thaís. “A IA simplifica demais esse processo. Quando ele usava o livrinho era um problema? Não, era normal. Então por que agora usar uma ferramenta digital para isso seria um problema?”.

Mas o nível de construção de uma inteligência artificial dos dias de hoje naturalmente é muito maior que a do livrinho: ela pode dar não rimas ou sinônimos, mas a música inteira. “Teve um aluno meu que criava música combinando canções de Anitta e de Chico Buarque”, conta. “Aqui a gente brincava com isso, não gerou produto nem nada. A gente estava tentando entender, na verdade, de forma técnica, que palavras seriam usadas, como seria a construção, como se-

ria a criatividade da máquina. Mas isso chegou no mercado – e quando chega no mercado o buraco é mais embaixo”.

A professora aponta também um uso inesperado na literatura. “A escritora Bruna Maia usa a criação de imagens para se inspirar como escritora”, conta. “Ela disse que começa a escrever e às vezes gera uma cena para ver como a máquina cria a imagem e aquilo inspirá-la a continuar com a escrita. Ela transforma a escrita dela em função da imagem. Eu nunca tinha imaginado o uso do gerador de imagem para um escritor. E achei superinteressante. As pessoas vão usar essas ferramentas com as mais diversas funções, às vezes nunca imaginadas por quem criou a IA”.

■ O aplicativo permite separar qualquer instrumento ou vocais de uma música

Intimação em Reclamação por Dependência de acordo com G.L.c 119 §.39M. Docket No. M123A0609SJ. Lis Fernandes da Costa, Requerente v. (suposto pai) Anthony Carlos da Silva “Primeiro Pai”, e todo e qualquer pai não identificado. Para o Réu acima mencionado, e todos e quaisquer pais não identificados: Você está obrigado a comparecer ao Tribunal de Família e Sucessões de Middlesex para uma audiência sobre esta Queixa por Dependência de acordo com G.L.c 119 §.39M. Informações sobre a audiência: data 15/08/2023, às 09h00 no Lowell Courtroom 13 – 6º andar, Lowell Justice Center, 370 Jackson St, Lowell, MA 01852. Você está por meio deste intimado e obrigado a comparecer perante Stephen E. Bandar, esq. cujo endereço é Law Office of Stephen E Bandar 2000 Massachusetts Ave Suite 2 Cambridge MA 02140. Você também deve responder à reclamação no escritório do Registro deste tribunal no Tribunal de Família e Sucessões de Middlesex, antes da notificação ao autor ou o advogado do autor, se representado por advogado, ou dentro de um prazo razoável a partir de então.

Homenageada Maureen H. Monks, primeira juíza deste tribunal.

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DA COMARCA DE CABEDELO/PB
EDITAL DE INTIMAÇÃO 001
(NEGÓCIO FIDUCIÁRIO)

O Oficial Interino do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Cabedelo/PB, nos termos do art. 26 da Lei nº 9.514/97, INTIMA GESIA HENRIQUE DOS SANTOS, inscrito no CPF nº 659.393.014-87, a comparecer a este Cartório, situado na Rua Aderbal Piragibe, 05, Centro, Cabedelo/PB, entre as 08:00 e 15:00h horas, de segunda a sexta, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias corridos, a contar da publicação deste edital, para PAGAMENTO (purga da mora) dos valores devidos em atraso, bem como os que vencerem até a data do pagamento, acrescidos das despesas legais, relativas a operação de alienação fiduciária firmada com a CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, registrada na matrícula 27.623, que tem por objeto o imóvel situado a Rua Jose Marcos de Melo Peixoto, nº 174, Apartamento nº 303, Edifício “Fernando Fernandes”, Praia Ponta de Campina, Cabedelo - PB, sob pena de vencimento antecipado de toda a dívida, consolidação da propriedade do imóvel em seu favor do(a) credor(a) e imediata execução da dívida através de leilão extrajudicial do imóvel. Dado e passado nesta cidade de Cabedelo/PB, em 25/05/2023. ROBSON ROGÉRIO ALEXANDRE MARTINS. Oficial Interino.

DESFLORESTAMENTO

Mata Atlântica ainda em perigo

PB aparece com o terceiro menor índice de desmatamento de um dos principais biomas para a vida humana

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A Mata Atlântica é um bioma que reúne imensurável importância ambiental, econômica e social para o planeta. Mas, apesar de ter uma lei específica para protegê-la e ser considerada Patrimônio Nacional pela Constituição Federal, é uma das florestas mais ameaçadas do mundo. Em um período de um ano (2021-2022) foram 20.075 hectares desmatados no Brasil, o que equivale a um Parque Ibirapuera (SP) desflorestado a cada três dias. Na Paraíba, os números alcançaram 34 hectares no período. A “boa notícia” é que o volume estadual representa o terceiro menor entre os 17 estados brasileiros que possuem o bioma no país.

Esses são os dados mais recentes divulgados pelo Atlas da Mata Atlântica - estudo realizado pela Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). “Esse é o terceiro menor valor dos 17 estados do Brasil com Mata Atlântica. O primeiro foi o Rio Grande do Norte, com zero desmatamento; depois o Ceará com seis hectares; e em terceiro lugar, vem a Paraíba com 34 hectares, o que é uma boa notícia”, declarou Luís Fernando Guedes Pinto, diretor-executivo da Fundação SOS Mata Atlântica.

Segundo ele, o ideal seria que, no próximo ano, o desmatamento fosse zero, uma vez que sobrou pouco da floresta no estado. Na época da colonização do Brasil, a cobertura florestal do bioma nos municípios paraibanos era de 599.370 hectares. Com a exploração ilegal de recursos naturais da floresta e outros fatores, esse cenário mudou e restam atualmente apenas 9% de remanescentes da cobertura original no estado. “Temos um dado preocupante, que é o que sobrou de mata, e um dado promissor que é o baixo valor de desmatamento, e um potencial de o estado chegar ao desmatamento zero”, frisou Luís Fernando.



Foto: Roberto Guedes

O ecossistema é responsável por abrigar bacias hidrográficas importantes para a vida animal e vegetal

Os estados brasileiros que registram remanescentes desse tipo de floresta são: Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

Vale lembrar que o desmatamento zero não significa a ausência de perda de vegetação. O levantamento do Atlas da Mata Atlântica considera desmatamento zero quando o desmate corresponde a uma área de até um quilômetro quadrado, ou 100 hectares.

Perda florestal

O Atlas da Mata Atlântica 2023 apontou que os 20.075 hectares do bioma desmatados no Brasil no período da pesquisa (2021-2022) equivalem a um Parque Ibirapuera (SP) destruídos a cada três dias. Como resultado dessa perda florestal, foram lançados 9,6 milhões de toneladas de CO₂ (dióxido de carbono)

equivalente na atmosfera.

Os dados referentes ao estudo foram analisados entre os meses de outubro de 2021 e de 2022. Embora os 20.075 hectares representem uma redução de 7% em relação aos dados detectados em 2020-2021 (21.642 hectares), a área desmatada é a segunda maior dos últimos seis anos e está 76% acima do valor mais baixo já registrado na série histórica - de 11.399 hectares, entre 2017 e 2018.

O Atlas da Mata Atlântica mostrou ainda que cinco estados brasileiros acumulam 91% do desflorestamento observados no estudo: Minas Gerais (7.456 ha), Bahia (5.719 ha), Paraná (2.883 ha), Mato Grosso do Sul (1.115 ha) e Santa Catarina (1.041 ha).

No estudo, oito registraram aumento (Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Sergipe), nove mostraram redução (Ceará, Goiânia, Mato Grosso, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo).

Onde encontrar resquícios do bioma na PB

Na Paraíba, é possível encontrar remanescentes de Mata Atlântica em vários municípios, inclusive, em pleno coração da capital. De acordo com a Sudema, a área de abrangência original da Mata Atlântica está distribuída em 45 municípios, principalmente, na região conhecida com Zona da Mata, além de também se estender pela região do Brejo paraibano. Entre as cidades do estado que abrigam os maiores fragmentos remanescentes desse bioma destacam-se Baía da Traição, Rio Tinto e Santa Rita.

Segundo a Sudema, o estado possui oito Unidades de Conservação (UC), sob gestão estadual, que abrangem a Mata Atlântica. São elas:

Parque Estadual Mata do Pau Ferro: criada por meio do Decreto nº 26.098/2005, está localizada no município de Areia e possui uma área de 600 hectares.

Parque Estadual Mata do Xém-xém: criada por meio do Decreto nº 21.252/2000 está localizada no município de Bayeux e possui uma área de 182 hectares.

Parque Estadual das Trilhas: criada por meio do Decreto nº 37.653/2017, está localizada no município de João Pessoa e possui uma área de 578,5 hectares.

Refúgio da Vida Silvestre da Mata do Buraquinho: criada através do Decreto nº 35.195/2014. Está localizada no município de João Pessoa e possui uma área de 517,8 hectares.

Estação Ecológica do Pau-Brasil: criada por meio do Decreto nº 22.881/2002 e está localizada no município de Mamanguape. Possui uma área de 81,5 hectares.

Área de Relevante Interesse Ecológico de Goiamunduba: criada por meio do Decreto nº 23.833/2002. Está localizada no município de Bananeiras e possui uma área de 67,5 hectares.

Área de Proteção Ambiental de Tambaba: criada por meio do Decreto nº 22.882/2022 e abrange os municípios de Conde, Pitimbu e Alhandra. Possui uma área de 11.500 hectares.

Área de Proteção Ambiental do Roncador: criada por meio do Decreto nº 27.204/2006 e abrange os municípios de Bananeiras, Borborema, Pirpirituba e Belém. Possui uma área de 6.113 hectares.

Área guardiã da biodiversidade

A Mata Atlântica é guardião de mais de 20 mil espécies vegetais e cerca de duas mil espécies animais. A vegetação serve como camada protetora do solo, de reguladora do clima e ainda é fonte de matéria-prima para atividades econômicas e científicas. A diretora técnica da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Joanna Regis Nóbrega, afirmou que dentre as espécies existentes 567 são endêmicas, ou seja, encontram-se exclusivamente nesse bioma, contribuindo para sua singularidade e importância na conservação da biodiversidade.

“Em algumas regiões desse bioma, foram registradas áreas com uma diversidade impressionante de árvores, chegando a contabilizar até 454 espécies distintas por hectare”, declarou.

Joanna Nóbrega salientou que cabe à Lei nº 11.428/2006 (Lei da Mata Atlântica) coibir práticas ilícitas e preservar esses remanescentes que resistem aos vários tipos de degradação.

Segundo ela, a Sudema mantém atuação educacional e fiscalizatória contínua a fim de coibir práticas ilegais.

“Sua preservação é vital para a manutenção da vida nas regiões litorâneas, bem como nas áreas do interior onde também é possível encontrá-la. É necessário destacar que esse bioma também abriga importantes bacias hidrográficas, sendo responsável por fornecer serviços essenciais para a sociedade, como abastecimento de água, regulação climática, suporte à agricultura, pesca e tantos outros fomentos úteis ao bem-estar da coletividade”.

“Sete das nove maiores bacias hidrográficas brasileiras

estão na Mata Atlântica, e a vegetação preservada protege rios e nascentes, garantindo, desse modo, o abastecimento de água para a população.” Estima-se que o bioma corresponda de 1% a 8% da biodiversidade mundial.

Ibama

A reportagem entrou em contato com o Ibama na Paraíba para obter informações sobre a Mata Atlântica, mas foi solicitado pelo órgão que a demanda fosse enviada para o Ibama nacional. Até o fechamento desta edição, a demanda encaminhada ao Ibama nacional, com uma antecedência de três dias, não foram respondidas.



Foto: Roberto Guedes

O bioma possui 20 mil espécies vegetais e dois mil animais

Projeção

Desmatamento da Mata Atlântica no Brasil equivale à área total do Parque Ibirapuera, de São Paulo, a cada três dias



Foto: Divulgação SOS Mata Atlântica
Luís, SOS Mata Atlântica

Riqueza

Os maiores fragmentos remanescentes de Mata Atlântica estão em Baía da Traição, Rio Tinto e Santa Rita



Foto: Edson Matos
Joanna Regis, da Sudema

Saiba Mais

O Atlas da Mata Atlântica é um estudo realizado desde 1989 pela Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e apoio técnico da Arcplan, cuja nova edição, lançada na semana do Dia Nacional da Mata Atlântica, 27 de maio, conta com patrocínio do Bradesco e da Fundação Hempel.



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Depois de muito trabalho durante a semana, na Maravilha do Contorno, jogadores do Botafogo esperam manter a invencibilidade no jogo deste domingo, em Florianópolis

SÉRIE C

Botafogo enfrenta, hoje, o Figueirense

Time paraibano defende não só a invencibilidade após quatro partidas, mas a permanência na zona de classificação

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Estádio Orlando Scarpelli, em Florianópolis-SC, será palco para mais um compromisso do Botafogo, hoje, pela retomada na disputa do Campeonato Brasileiro da Série C. O alvinegro vai encarar o Figueirense-SC, a partir das 16h30, de olho na permanência da invencibilidade e buscando a sua segunda vitória como visitante na competição.

A última vez que o clube venceu jogando como visitante foi na segunda rodada contra o Remo-PA, com um placar de 2 a 1 em Belém-PA. Vitória que rendeu 100% de aproveitamento, pois antes o clube já havia vencido

o São José-RS também por 2 a 1, em João Pessoa. De lá para cá, o alvinegro ainda disputou mais uma partida na casa do adversário e arrancou o empate em 2 a 2 com o América-RN, em Natal-RN, pela 3ª rodada da competição.

Contra o Figueirense, a equipe paraibana vai em busca de uma vitória para se manter na parte de cima da tabela. O Belo é atual 3º colocado com oito pontos e na melhor situação de classificação, pois pode assumir a ponta da tabela, mas terá de torcer para que o Confiança-SE não vença na rodada, que o São Bernardo-SP sofra uma derrota e ao fim desta quinta rodada, terá de levar a melhor no saldo de gols contra os paulistas.

O cenário de uma possível liderança pode até parecer difícil, mas em se tratando de manter a invencibilidade no torneio, o Belo tem motivos para pensar em voltar de Florianópolis-SC sem ainda ter perdido pelo campeonato. Afinal, jogando contra equipes catarinenses nesse novo formato, o alvinegro jamais foi derrotado na Série C.

O retrospecto do confronto aponta um empate e vitória na edição de 2021 com o Criciúma-SC, 0 a 0 (fora) e 1 a 0 (casa), respectivamente, e mais um empate por 1 a 1, com o próprio Figueirense-SC, no Almeida, pela 18ª rodada da edição passada. Mas, se depender do meia Bismarck, o time volta para casa com mais três pontos no segundo confron-

to oficial na história contra o Furacão catarinense.

“O clube tem feito boas apresentações, tanto que somos uma das duas equipes ainda invictas na competição. Cada jogo será um desafio para manter essa invencibilidade, estamos trabalhando com estratégias táticas para cada adversário específico. A competição prova que não temos adversários fáceis, contra o Figueirense-SC teremos mais um desafio e estamos prontos para tentar trazer os três pontos para casa”, disse.

O clube catarinense fará mais um jogo em casa, depois da vitória por 2 a 1 contra a Aparecidense-GO, na última rodada. O rival tem oito pontos e ocupa a terceira posição na competição. Com um ponto a menos que o Botafogo, o

Furacão pode terminar a rodada na vice-liderança. Empolgado por um dos gols contra a equipe goiana, o meia Cesinha, quer fazer do fator casa uma “arma” para atrapalhar as pretensões do Belo. “Pensamos em obter um bom resultado. A posição a que ele nos levará será consequência. Ainda estamos no começo do campeonato e vencer em casa é essencial para quem tem altas pretensões na disputa”, pontuou.

Para comandar os 90 minutos do confronto entre catarinenses e paraibanos pela 5ª rodada da Série C, a comissão de arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) escalou o trio paulista, formado por Douglas Marques das Flores como árbitro central e Miguel Caetano Ri-

beiro da Costa e Leandra Aires Cossette nas assistências. O catarinense Diego da Costa Cidral completa o quarteto como árbitro reserva.

Futebol feminino

Já rebaixadas para a disputarem a terceira divisão do futebol feminino em 2024, as Belas do Belo se despedem, hoje, do Campeonato Brasileiro da Série A2 jogando como visitante, contra o também já rebaixado Esmac-PA, a partir das 15h, no Estádio Ninho do do Japim, em Castanhal-PA.

As Belas chegam à última rodada da fase de grupos com um retrospecto de cinco derrotas e apenas uma vitória, campanha que findou no primeiro rebaixamento na história para a disputa da Série A3 na próxima temporada.

SÉRIE D

Sousa e Campinense voltam a jogar no Estádio Marizão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Sousa e Campinense fazem, hoje, o clássico paraibano pela sequência da 4ª rodada do grupo A3 na disputa do Campeonato Brasileiro da Série D, com as duas equipes buscando a reabilitação após derrotas na disputa dos jogos pela 3ª rodada da competição nacional.

O Dinossauro busca manter a liderança do grupo depois de seis pontos conquistados. Mas teve a sua invencibilidade quebrada depois de o clube perder por 1 a 0 para o Nacional, em Patos, no último fim de semana. A alviverde viu os rivais Nacional e Santa Cruz-PE alcançarem a sua mesma pontuação, mas o clube ainda leva a melhor no critério de desempate.

Para tentar novamente buscar a liderança isolada, o Sousa terá de quebrar uma série de cinco jogos sem vitórias contra a Raposa. O último triunfo do Dinossauro ocorreu justamente por um confronto na Série D, uma vitória

por 3 a 2 pela fase de grupos na edição de 2021. De lá para cá, as equipes já se enfrentaram duas vezes no Estádio Marizão, com duas vitórias rubro-negras, ambas com os placares de 1 a 0.

Jogando como mandante na competição, o Sousa venceu a única partida que disputou em casa, 2 a 1 diante do Pacajus-CE, na 2ª rodada. Mas, para o confronto de hoje, o treinador Renatinho Potiguar sabe que vai enfrentar dificuldades, pois vai jogar sem dois de seus titulares - o zagueiro Marcelo Duarte e o goleiro Igor Leonardo, expulsos contra o Nacional - além do atacante, Luís Henrique, que com lesão na coxa ainda é dúvida para o confronto.

“Todas as partidas da Série D são difíceis. Para esse confronto as duas equipes vêm de derrotas e vão buscar a recuperação. Apesar de desfalques importantes, a gente espera fazer um bom jogo. O nosso poderio dentro de casa é forte, mas o Campinense tem sido um adversário complicado de enfrentar.

Esperamos utilizar esse fator positivo jogando como mandante, para buscarmos mais uma vitória na competição”, comentou o treinador Renatinho Potiguar.

Além de buscar a reabilitação, o Campinense também vai correr atrás de sua primeira vitória jogando como visitante. Nas duas partidas que disputou fora de casa, o rubro-negro empatou em 2 a 2 com o Pacajus-CE e perdeu por 1 a 0 para o Santa Cruz-PE. Contra Sousa, a Raposa tenta dar sequência ao bom retrospecto jogando como visitante, para se manter no G4. Foram duas vitórias rubro-negras nos dois últimos confrontos das equipes em partidas disputadas no Marizão.

“A retrospectiva acaba não entrando dentro de campo, pois cada partida tem a sua história. O Sousa tem elenco composto pela base que disputou o Estadual, sem dúvidas, vamos enfrentar um dos jogos mais difíceis desta primeira fase, mas com a confiança de que temos condições de conseguir vencê-los.

Vamos tentar nos apegar a esse bom retrospecto para buscarmos a primeira vitória fora de casa”, disse o lateral-esquerdo Bruno Collaço.

Nacional

A vitória do Nacional por 1 a 0 contra o Sousa, no último domingo (21), em Patos, confirmou a boa fase da equipe paraibana jogando como mandante na disputa do Campeonato Brasileiro da Série D. O Canário venceu todas as duas partidas que disputou em casa, e recebe, hoje, o Santa Cruz-PE, a partir das 16h, no Estádio José Cavalcanti, em Patos, pela sequência da 4ª rodada do grupo A3.

O alviverde vive a expectativa de manter os 100% de aproveitamento como mandante, sonhando em assumir a liderança isolada do grupo. Por sua vez, a equipe pernambucana tem as mesmas pretensões. Em caso de vitória e empate no clássico paraibano, o tricolor chega aos sete pontos e assume de forma isolada a liderança da chave.

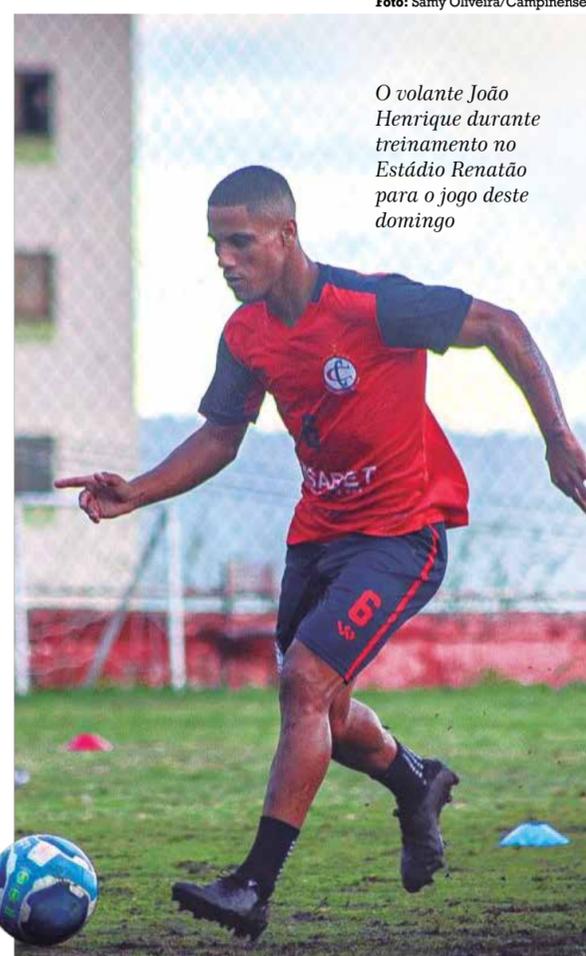


Foto: Samy Oliveira/Campinense

O volante João Henrique durante treinamento no Estádio Renatão para o jogo deste domingo

MANIPULAÇÃO DE RESULTADOS

STJD vai julgar oito atletas envolvidos

Investigados na Operação Penalidade Máxima estarão no banco dos réus da Justiça Desportiva na próxima quinta-feira

Agência Estado

O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) marcou para a próxima quinta-feira, dia 1º de junho, o julgamento de oito atletas investigados pela Operação Penalidade Máxima, que trouxe à tona um esquema de apostas no futebol brasileiro. A data foi estabelecida em edital de citação e intimação publicado na última quinta-feira.

Os jogadores intimidados são Eduardo Bauermann (Santos), Fernando Neto (São Bernardo), Gabriel Tota (sem clube), Igor Cariús (Sport), Kevin Lomónaco (Bragantino), Matheus Gomes (sem clube), Moraes (Aparecidense-GO) e Paulo Miranda (sem clube).

Lomónaco e Moraes confessaram participação no esquema de apostas e fizeram um acordo com o Ministério Público de Goiás, por isso se tornaram testemunhas do caso, o que não vale para o âmbito desportivo. Os dois jogadores, portanto, continuam sujeitos às mesmas punições do STJD que os demais jogadores investigados.

Todos os denunciados irão responder por atuar, deliberadamente, de modo prejudicial à equipe que defende (artigo 243 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva) e por atuar de forma contrária à ética desportiva, com o fim de influenciar o resultado de partida, prova ou equivalente (artigo 243-A).

Em casos de infração cometida mediante pagamento de qualquer vantagem, as punições previstas são suspensão de 360 a 720 dias, banimento no caso de reincidência e multa de R\$ 100 a R\$ 100 mil. Matheus Gomes e Gabriel Tota foram enquadrados também no artigo 242, por dar ou prometer vantagem indevida para que algum indivíduo influencie o resultado de partida, prova ou equivalente.

Penas

Jogadores podem pegar suspensão de 360 a 720 dias, além de multas que podem variar de R\$ 100 a R\$ 100 mil

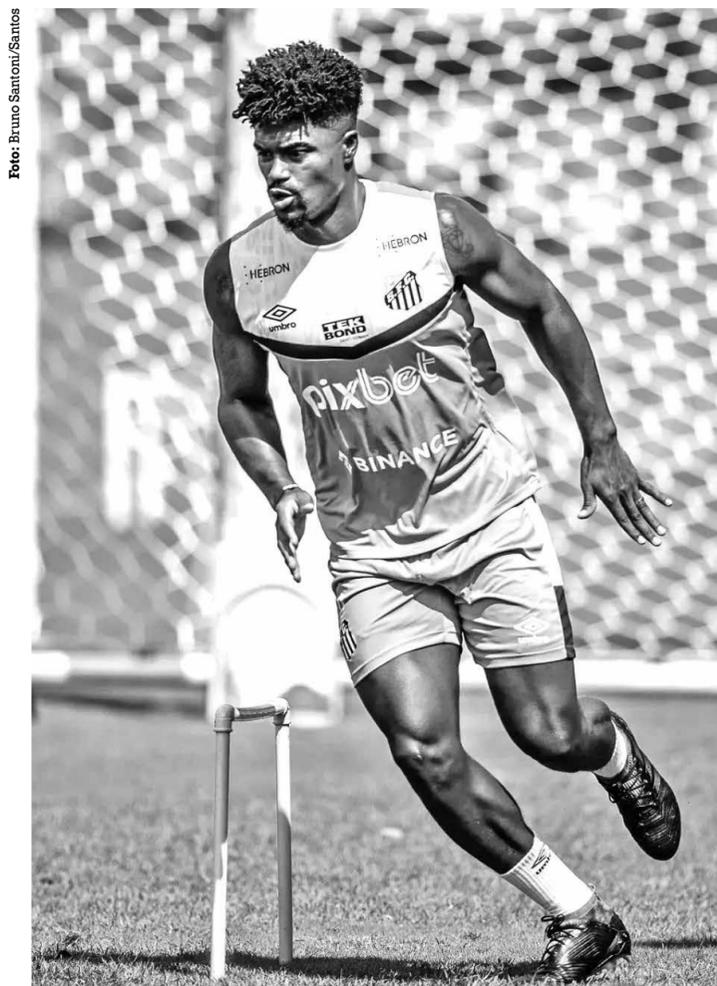


Foto: Bruno Santoni/Santos



Foto: Rafael Bandeira/Sport Club do Recife

Eduardo Bauermann atuava no Santos e foi imediatamente afastado; o mesmo acontecendo com Igor Cariús, que defendia o Sport Clube do Recife

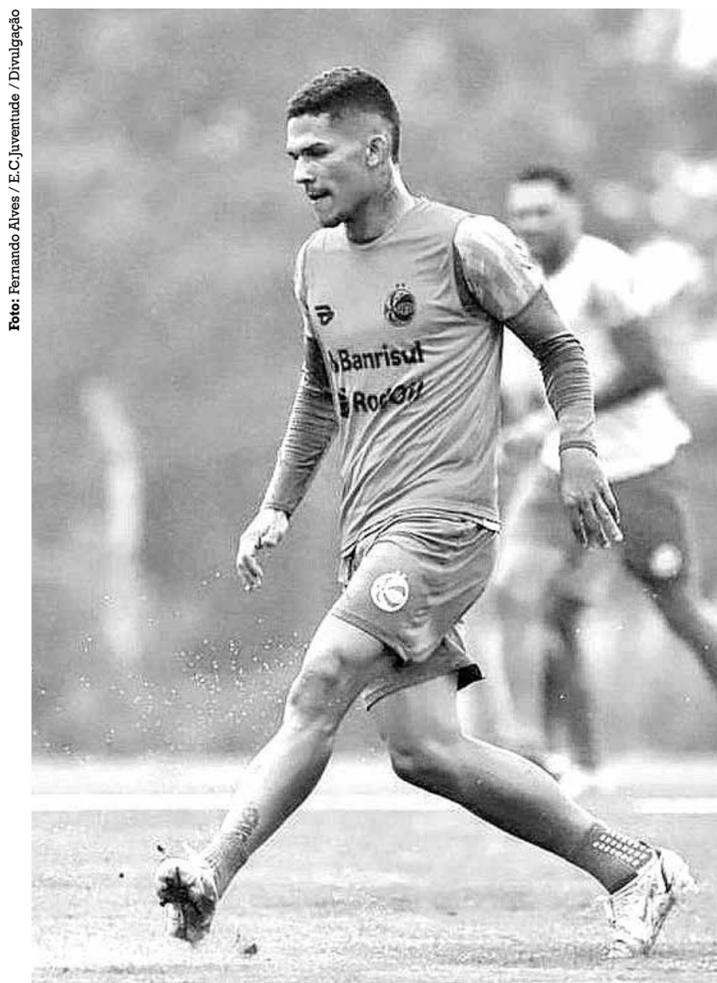


Foto: Fernando Alves / E.C. Juventude / Divulgação



Foto: Mauro Horita/Ag. Paulista

Gabriel Tota atuou pelo Juventude e se envolveu no esquema de apostas, assim como Fernando Neto, que disputou o Paulistão pelo São Bernardo

SITE DE APOSTAS

Apostador comum é o mais prejudicado nas manipulações

Agência Brasil
Lincoln Chaves/EBC

Os casos de manipulação em partidas de futebol para beneficiar apostas milionárias de forma ilícita, revelados pelo Ministério Público de Goiás (MP-GO), levantam um questionamento: os apostadores que não cometem fraudes, podem se sentir prejudicados? Sobre isso, a Agência Brasil conversou com o advogado Sergio Tannuri, especialista em Direito do Consumidor.

“A questão das apostas impactou muito ultimamente

todo o Brasil, porque é lamentável que isso [manipulação] esteja acontecendo, apesar de não ser surpresa. A questão é onde entra o consumidor, aquela pessoa que aposta de boa-fé, porque o maior prejudicado é ele”, avaliou Tannuri.

Segundo o advogado, a falta de regulamentação do setor no país ainda provoca discussões no âmbito jurídico, como se existe relação de consumo nas apostas. Ele, porém, destacou que a maior dificuldade, no momento, é o fato de a maioria dos sites de

apostas ter sede no exterior, sem base no Brasil.

“Essas grandes casas estão localizadas, a maioria, em países asiáticos, que dão concessão a elas. O apostador, hoje, se acionar os órgãos de Defesa do Consumidor, notificarão a quem, se essas casas sequer têm escritórios (no país)? Elas estão todas com sedes fiscais fora do Brasil. Mas uma coisa é cristalina: (esse mercado) tem de ser regulado e ter um órgão regulador para que o cidadão comum tenha embasamento jurídico e onde recorrer”, de-

clarou o especialista.

“Creio que [o mercado de apostas esportivas] seja uma tendência irreversível. O que não pode ter é a manipulação, essa má-fé que tenta intervir nos resultados para que os especuladores tenham lucros altíssimos. A regulação do setor é inevitável”, completou.

As apostas de quota fixa (as chamadas bets) foram liberadas no Brasil em 2018, pela Lei 13.756. Desde então, a normativa não foi regulamentada, o que será feito por meio de uma Medida Provi-

sória, a ser editada pelo Governo Federal. Uma das exigências da MP é que, para atuarem no mercado nacional, as empresas sejam credenciadas e tenham escritório no país.

As investigações do MP-GO levaram à denúncia de 16 pessoas por envolvimento em fraudes no âmbito de ao menos 13 jogos das Séries A e B do Brasileiro e de campeonatos estaduais, disputados entre setembro de 2022 e fevereiro deste ano. Perguntado se as pessoas que adquirem ingressos para es-

sas partidas com suspeita de fraude poderiam ser consideradas lesadas e passíveis de serem indenizadas, considerando o Código de Defesa do Consumidor e o Estatuto do Torcedor, Tannuri considerou “prematureo”.

“Hoje ainda não dá para se afirmar isso, mesmo porque está tudo em âmbito de investigação. Existe um trabalho do Ministério Público, que começou em Goiás, agora vai começar uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito). Temos de aguardar”, resumiu.

FUTEBOL

Racismo em campo é questão histórica

Especialista avalia que Vinicius Júnior tem sido uma voz isolada na luta contra o preconceito no Campeonato Espanhol

Agência Brasil
 Lincoln Chaves/EBC

A repercussão dos ataques racistas direcionados ao atacante Vinicius Júnior, do Real Madrid, no duelo com o Valência pelo Campeonato Espanhol no domingo passado, mostra que este não é um fato isolado. Nos últimos anos, foram vários os casos de racismo contra atletas brasileiros no futebol europeu, dentro e fora de campo, mas que não se limitam ao Velho Continente. Eles também avançaram no Brasil.

Daniel Alves, Taison, Dentinho, Neymar, Roberto Carlos, Malcom, Richarlison, Hulk. Todos eles já foram vítimas de racismo na Europa, de bananas atiradas no gramado a sons que imitam os de um macaco nas arquibancadas. A mesma Espanha na qual Vinicius Júnior tem sofrido com manifestações racistas e de ódio foi palco de boa parte destes ataques.

Racismo no futebol

“Isso (repetição de ataques a Vinicius Júnior) reflete anos e anos de leniência das autoridades espanholas com o racismo. Especialmente nos campos de futebol, não é apenas Vinicius Júnior que tem sofrido, mas outros jogadores pela Europa também, como o (atacante belga Romelu) Lukaku, vítima de racismo em abril e expulso por reagir contra os xingamentos racistas (na Itália,

onde defende a Inter de Milão). Existe um histórico (de racismo), com mais de 20 anos, com jogadores negros brasileiros e de outros países”, destacou Jorge Santana, professor de História e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em depoimento ao programa Stadium, da TV Brasil.

“O Vinicius tem sido uma voz quase isolada na luta contra o racismo no Campeonato Espanhol. As instituições espanholas fazem olhos de mercadores e não tomam atitudes e políticas duras contra o racismo. Das dez denúncias feitas pelo Vinicius (desde 2021), três foram arquivadas pela liga espanhola. Isso faz com que a liga seja uma aliada do racismo na Espanha”, completou Santana, que é autor do livro “Desculpas, meu ídolo Barbosa”.

Brasil

O racismo no esporte mais popular do mundo, porém, não se limita à Europa. No Brasil, a prática avança de maneira preocupante. Segundo levantamento do Observatório da Discriminação Racial do Futebol, foram registrados 90 casos de ofensas raciais em 2022, contra 64 em 2021. Um aumento de 40%.

Em janeiro deste ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 14.532, que tipifica a injúria racial como crime

de racismo, que já era considerado delito no país, pela Lei 7.716, de 1989. O Regulamento Geral de Competições da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para 2023 indica punição a casos de discriminação, que pode variar de uma advertência até a perda de pontos.

No país, um dos casos mais marcantes ocorreu em 2014, envolvendo o hoje ex-goleiro Aranha.

“

Já está passando a hora de a Fifa se manifestar seriamente. É muito bonito fazer campanha e dizer que todos são iguais no futebol, quando esses casos acontecem tantas e tantas vezes

Cláudio Nogueira

À época no Santos, ele foi alvo de ofensas racistas de torcedores do Grêmio na partida de ida do confronto pelas oitavas de final da Copa do Brasil, na Arena do time gaúcho, em Porto Alegre. Os xingamentos, inicialmente, não constaram na súmula do árbitro Wilton Pereira Sampaio, sendo feito um adendo ao documento, enfim citando a ocorrência. Em decisão inédita, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (SJD) excluiu o Tricolor do torneio nacional antes mesmo do jogo de volta.

De lá para cá, apesar do aumento dos casos, não houve igual punição. Em agosto de 2021, o Brusque chegou a perder três pontos durante a Série B do Campeonato Brasileiro, por causa de ofensas racistas de um dirigente ao atacante Celsinho, do Londrina, em duelo no Estádio Augusto Bauer, em Brusque (SC).

Em novembro, porém, o STJD acabou devolvendo os pontos ao clube de Santa Catarina.

“Na minha opinião, deveria constar no regulamento dos campeonatos que quaisquer manifestações preconceituosas implicariam na perda imediata dos pontos daquela partida, sendo passível de rebaixamento caso se repetam. Já está passando a hora de a Fifa (Federação Internacional de Futebol) se manifestar seriamente. É muito bonito fazer campanha e dizer que todos são iguais no futebol,

quando esses casos acontecem tantas e tantas vezes”, analisou o jornalista Cláudio Nogueira, responsável por livros como “Futebol Brasil Memória” e “Esporte: Usina de Sonhos e Milhões”, também ao Stadium.

Em nível continental, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) ampliou, no ano passado, as punições por racismo em jogos dos torneios que organiza. As alterações foram motivadas por ofensas sequenciais a torcedores e atletas brasileiros em partidas fora de casa durante o primeiro semestre. A multa mínima passou de R\$ 150 mil para R\$ 500 mil, com possibilidade de o time enquadrado ter de atuar com parte das arquibancadas fechadas ou sem público.

Patrocínios

Se dentro de campo as punições dependem das entidades desportivas, fora dele há o entendimento de que as marcas que cedem os nomes aos clubes e eventos devem pressionar por ações contra o preconceito. Após o caso envolvendo Vinicius Júnior, a organização Sleeping Giants Brasil acionou os 20 patrocinadores da liga espanhola nas redes sociais.

Segundo o diretor executivo da organização, Leonardo Leal, somente dois (Santander e Puma) se manifestaram até a publicação desta reportagem.

“Quando (patrocinado-

res) associam uma marca ao evento, eles também, querendo ou não, associam-se aos casos de racismo que acabam acontecendo. Como a liga não toma providências, pedimos ajuda desses patrocinadores, que têm muito poder na instituição, inclusive financiam o campeonato, para que deem voz às denúncias de racismo e a liga, finalmente, tome providências. Ficamos aguardando o posicionamento proativo delas no último domingo, dia que aconteceu o caso e o debate tomou as redes. Quando consumimos uma empresa, não consumimos apenas seu produto, mas também a ideia, a visão dessa empresa para o mundo”, declarou Leal à Agência Brasil.

“Acho que uma analogia que cabe muito é em relação às plataformas (redes sociais). Elas acabam não agindo sobre conteúdos de ódio e desinformação, por isso acionamos os patrocinadores, já que a principal entidade não se move. Com a liga espanhola é o mesmo caso. Isso demonstra que se não for pelo *follow the money* (siga o dinheiro, na tradução literal do inglês), por pressionar quem financia jogos, campeonatos ou qualquer organização que acabe promovendo discurso racista ou odioso, não vemos muitas escapatórias ou mesmo responsabilizações desses agentes odiosos”, concluiu o diretor da Sleeping Giants.

Foto: Arte/EBC



Vini Júnior sofreu diversos ataques de racismo no Campeonato Espanhol e o jogo contra o Valência foi o de maior repercussão

BRASILEIRÃO

Corinthians em busca da reabilitação

Alvinegro recebe o Fluminense na Neo Química Arena com a obrigação de vencer para tentar sair da zona da degola

Geraldo Varela
gvarela@epc.pb.gov.br

O clássico Corinthians x Fluminense abre a oitava rodada do Brasileirão e tem fundamental importância para as duas equipes, principalmente o mandante que se encontra na zona de rebaixamento e preocupa milhares de torcedores no país. Na última rodada, perdeu de 1 a 0 para o Flamengo, após uma grande exibição, mas sem competência nas várias oportunidades de gols criadas. O Fluminense também vem de derrota para o Botafogo por 1 a 0, porém, está na parte de cima da tabela, mas o time dirigido por Fernando Diniz tem caído de produção nas últimas partidas.

Nos confrontos pelo Campeonato Brasileiro, esse confronto, segundo o site ogol.com.br, mostra muito equilíbrio nas 63 partidas com 23 vitórias do Timão e 22 do Tricolor e mais 18 empates. No ano passado, o Flu ganhou as duas partidas por 2 a 0, em São Paulo; e 4 a 0 no Rio. Mas, na Copa do Brasil, o Corinthians levou a melhor com uma vitória em casa por 3 a 0 e um empate de 2 a 2 no Rio.

Equilíbrio também nos confrontos gerais que envolvem outras competições com 37 vitórias dos paulistas contra 35 derrotas e 31 empates em

103 jogos. Corinthians e Fluminense jogam a partir das 16h na Neo Química Arena.

O domingo também reserva outros importantes jogos pelo Brasileirão como Atlético-MG x Palmeiras, às 18h30, no Mineirão. O Galo vem se reabilitando no Brasileirão e a chance de mostrar a sua força está exatamente neste confronto com o campeão do ano passado e novamente favorito ao título. No meio de semana, as duas equipes brilharam pela Copa Libertadores com vitórias do Palmeiras sobre o Cerro Porteño por 3 a 0, no Paraguai; e do Atlético Mineiro sobre o Paranaense por 2 a 1.

No Brasileirão são 60 jogos entre as equipes com 26 vitórias do Palmeiras e 21 do Atlético e mais 13 empates. Em 2022 se enfrentaram em quatro oportunidades. Pela Libertadores, melhor para o Galo com dois empates e vitória nos penaltis por 6 a 5 em São Paulo. Já no Brasileiro, uma vitória do Palmeiras e um empate.

O líder Botafogo também entra em campo, hoje, a partir das 19h, diante do América Mineiro, apostando nos gols do atacante paraibano Tiquinho e disposto a chegar à sua sétima vitória na competição. Internacional x Bahia, no Beira-Rio, às 16h; e Bragantino x Santos, às 18h30, completam a rodada.

Foto: Marcelo Gonçalves / Fluminense FC



Botafogo e Fluminense têm jogos importantes pela oitava rodada do Campeonato Brasileiro

Jogos de hoje

■ **Série A**
16h
Corinthians x Fluminense
Internacional x Bahia
18h30
Bragantino x Santos
Atlético-MG x Palmeiras
19h
Botafogo x América-MG

■ **Série B**
11h
Ponte Preta x Vila Nova
15h30
Mirassol x Criciúma
Ceará x Novorizontino
18h
Sport x ABC
18h15
Tombense x Guarani

■ **Série C**
16h30
CSA x São Bernardo
Figueirense x Botafogo-PB
19h
Operário-PR x Pouso Alegre
Volta Redonda x Paysandu

■ **Série D**
16h
Nacional de Patos x Santa Cruz
Sousa x Campinense
17h
Potiguar de Mossoró x Iguatu

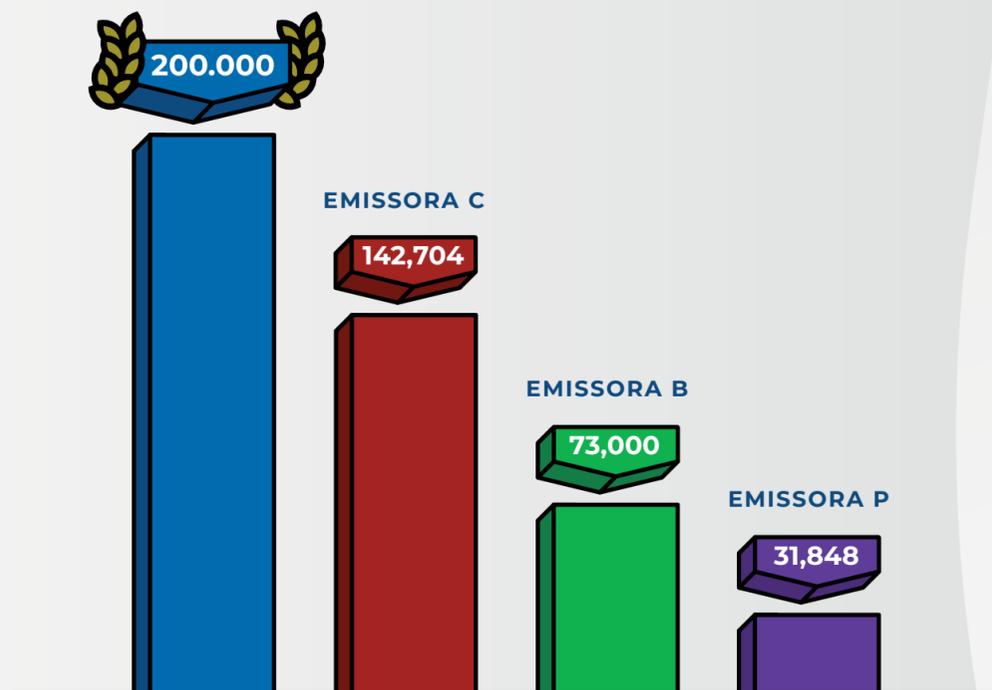
■ **Brasileiro Feminino**
11h
Corinthians x Atlético-MG
Real Brasília x Real Ariquemes

■ **Brasileiro Feminino A2**
15h
Esmac x Botafogo-PB

PENSOU ESPORTE, LEMBROU TABAJARA

105,5 FM

RÁDIO TABAJARA



No acumulado de 2023, **200 mil fãs da bola redonda** assistiram, no YouTube, às transmissões da melhor equipe do rádio paraibano. É uma **audiência 28% superior a da segunda e muito mais do que o dobro das outras duas emissoras** que transmitem o futebol. Uma verdadeira goleada desta equipe que vai para o jogo com a missão de trazer emoção e informação ao torcedor. **No rádio ou no Youtube, futebol paraibano é na Tabajara!**



Diferente do passado, o Curso de Jornalismo da UEPB vive hoje o seu melhor momento, com ampla reforma na estrutura curricular e, do ponto de vista técnico, com laboratórios e estúdios bem equipados

Jornalismo pioneiro

Chegando a meio século da sua criação, o Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande, tem profissionalizado milhares de repórteres, produtores, editores, assessores e radialistas

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

O Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) chega aos 50 anos de existência agora em 2023. Neste meio século de atuação, ele foi essencial para que milhares de pessoas, tanto do estado quanto de outras unidades da federação, se profissionalizassem. Repórteres, produtores, editores, assessores e radialistas atuam em diversas emissoras de comunicação, órgãos públicos e instituições particulares aplicando os conhecimentos obtidos em quatro anos de graduação.

O curso foi criado em 2 de outubro de 1973, por meio da Resolução 6 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da antiga Universidade Regional do Nordeste. Cinco anos depois, em 20 de novembro de 1978, o Decreto 82.673/7 fez seu reconhecimento legal.

A primeira sede a abrigar a graduação foi um prédio no Centro de Campina Grande, por trás da Catedral Nossa Senhora da Conceição, onde também funcionava o Curso de Filosofia. Depois migrou para a Rua Getúlio Vargas, também na área central, mesmo local do Curso de Administração. Em seguida, para as dependências do colégio particular Pio XI. O quarto local a receber professores, alunos e equipe administrativa foi no Bairro do São José, conseguindo uma estrutura mais propícia ao ensino superior. Por lá, ele ficou até 2012, quando, posteriormente, passou a integrar a Central de Aulas, no Bairro de Bodocongó.

Pioneiro no Curso de Jornalismo, o professor, jornalista e diretor do Centro de Ciências Sociais (CCSA), Rômulo Azevedo, acumula histórias e anseios para que o curso busque aproximar o aluno da realidade de um mercado cada vez mais exigente e volátil. Ele atua desde 1979 e entrou para lecionar as disciplinas de Cinema e Jornalismo Cinematográfico.

“A graduação de Jornalismo da UEPB foi pioneira do curso profissionalizante na Paraíba, trata-se de um divisor de águas. A história da imprensa do estado pode ser contada antes e depois da implantação desse curso. São 50 anos formando não só paraibanos, mas pessoas da Região Norte, do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco e outros estados”.

Rômulo lembra que os desafios e dificuldades sempre pautaram o curso

a oferecer um ensino à altura do que os meios de comunicação requisitavam dos egressos dessa graduação “No passado, para que pudéssemos ensinar de forma mais prática, eu pegava uma caixa de sapato e transformava em uma câmera, dessa forma o aluno podia aprender enquadramento de um equipamento. O microfone era um cabo de vassoura. Os equipamentos eram caríssimos, só os veículos de comunicação conseguiam comprar”, detalha.

O professor Massilon Gonzaga está no curso há 37 anos. Ele concluiu o curso em 1986 e, no ano seguinte, ingressou depois de se submeter a concurso público, que na época aceitava apenas a graduação como critério para buscar a vaga. Ele já lecionou várias matérias, de História do Rádio a Assessoria de Imprensa, mas é um apaixonado por Radiojornalismo.

Durante todos esses anos lecionando em Comunicação, Massilon lembra de um fato marcante, porém frustrante que até hoje traz consequências para o curso. “Perdemos um canal de rádio educativa e um de televisão. Chegamos a reunir documentos e mandar para Brasília. Estava tudo certo para ganharmos, mas infelizmente houve um desencontro de informações e também a falta de alguém para vestir a camisa ... Eu havia mobilizado o senador Ronaldo Cunha Lima, que na época era secretário do Senado, encaminhando a ele toda a documentação, e ficou tudo acertado para recebermos, mas também por uma briga política, não vou dar detalhes porque esse não é o objetivo, acabamos perdendo, foi um fato marcante”, revela.

Até hoje o professor lamenta pelo fato de a UEPB não ter recebido essas concessões. “Faz muita falta. Um Curso de Jornalismo tem que ter um laboratório adequado, e o que é um laboratório, é uma rádio, é um canal de televisão, não tem faz-de-conta”.

“

O microfone era um cabo de vassoura. Os equipamentos eram caríssimos

Rômulo Azevedo



Massilon Gonzaga: “Perdemos um canal de rádio educativa e um de televisão (...) por uma briga política; (...) foi um fato marcante”

Orgulho de uma marca histórica e busca pela qualidade de ensino

Em 2017, o curso ganhou novas estruturas para os Laboratórios de Telejornalismo, Radiojornalismo e Web Rádio, além do Laboratório de Projeto Gráfico e Design Editorial.

“Esses 50 anos nos orgulha muito, é uma marca histórica, não só por eu ser um dos professores permanentes do curso, no meu caso estou há quase 30 anos, mas também como paraibano. A UEPB, vinculada ao governo do estado, tem um papel de destaque na formação de recursos humanos”, diz Massilon, acrescentando ser de extrema importância o Curso de Comunicação Social. “Ao longo de todo esse tempo, tivemos a prova incontestável da qualidade do ensino que a UEPB conseguiu ofertar, expressado através dos profissionais colocados no mercado, da prestação de serviço e também a partir do papel que outros profissionais desempenham como professores, como pesquisadores. Muito orgulho de poder fazer parte dessa história”, diz o coordenador do curso e professor Roberto Faustino.

O professor Rômulo Azevedo é categórico ao afirmar que o curso hoje vive o seu melhor momento, depois de uma ampla reforma na sua estrutura curricular. “As cargas horárias dos laboratórios foram ampliadas para 90 horas, e do ponto de vista técnico nossos estúdios estão bem equipados, com ilha de edição, webjornalismo, temos muitos avanços. Lembro de um tempo que entre os professores tínhamos apenas um mestre e, hoje, eu posso afirmar que a maioria é de doutores, alguns com pós-doutorado. Isso qualifica muito o curso”.

Todavia, o Jornalismo ainda tem alguns desafios à frente na sua segunda metade de século. “Faz-se necessário aproximar o aluno da realidade, o mercado é muito volátil. O que hoje é uma novidade, amanhã não é mais, o fato de-

Formação

Houve um tempo que, entre os professores, havia apenas um mestre e, hoje, a realidade é outra: a maioria é de profissionais doutores e até pós-doutorado

pois de amanhã já envelheceu. Temos que focar nessa direção de conteúdo e entregar um profissional conectado às exigências”.

De acordo com a UEPB, hoje a graduação possui laboratórios para práticas de radiojornalismo, jornalismo digital, telejornalismo, projeto gráfico e fotojornalismo, entre outras demandas laboratoriais necessárias para a formação do corpo discente. Com 23 professores atuando no Departamento de Comunicação Social, 56,5% do quadro são de professores com titulação de doutorado, 30,4% com mestrado, 8,6% de especialistas e 4,3% de graduados, constituindo um corpo docente atuando no ensino, na pesquisa e na extensão.

O novo Curso de Jornalismo atende às recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo e estabelece um novo perfil para os profissionais formados. A matriz curricular foi modernizada e atende a seis eixos de formação para o egresso: eixo de fundamentação humanística, eixo de fundamentação específica, de fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e de prática laboratorial.

Projetos do curso chegam aos 18 anos

Este ano, três projetos vinculados ao curso completam 18 anos na ativa: o Festival Audiovisual de Campina Grande – Comunicurtas, o Repórter Junino e o Folkcom (que em 2023 será o Seminário os festejos juninos no contexto da folkcomunicação e da cultura popular).

Considerado um projeto importante do Curso de Jornalismo, o Comunicurtas é um festival audiovisual da UEPB que acontece anualmente desde 2006, como um espaço para a exibição de filmes de curta-metragem e cinema independente. O festival é voltado a democratizar os espaços de produção e distribuição do audiovisual. Com entrada totalmente gratuita, o evento possibilita que a população tenha acesso às artes, apreciando filmes locais e regionais.

A primeira edição do festival aconteceu no Museu Assis Chateaubriand, onde 360 pessoas assistiram à exibição de 10 curtas nacionais. “Nesse percurso de tempo do Comunicurtas nas 18 edições, ele cumpriu o seu papel desde as suas objetivações para sua criação. Então, permanece e se fortalece a cada ano. Particularmente, acredito que a gente tem contribuído muito na formação de tantos alunos e temos aprendido bastante neste processo de gestão, para fazer o festival acontecer apesar das dificuldades.

Este ano, temos muita expectativa de produção, de ação e terão muitos recursos de estudantes para suas produções audiovisuais”, afirma o coordenador do projeto, Hipólito Lucena.

Três projetos vinculados ao curso completam 18 anos em 2023: o Festival Audiovisual de Campina Grande, o Repórter Junino e o Folkcom

Ilustração: Tônio



Antônio Hilberto de Carvalho cursou Direito na Universidade Federal da Paraíba, mas o que ele amava mesmo era fazer jornalismo, marcando história nos principais jornais paraibanos: A União, O Norte, Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba

Um jornalista apaixonado pela vida e movido pelo bom humor

Nalim Tavares
Especial para A União

Quando se pergunta sobre o jornalista paraibano Antônio Hilberto, aqueles que o conheceram contam histórias marcadas pelo bom humor, protagonizadas por um homem apaixonado por cada momento da vida. Uma década depois do seu falecimento, ocorrido no dia 10 de maio de 2013, Toinho Hilberto é lembrado com carinho por familiares, amigos e colegas de profissão.

Antônio Hilberto de Carvalho nasceu em 7 de novembro de 1942, no município do Conde, mais especificamente no Distrito de Jacumã, em uma família de pescadores. Foi criado por uma tia no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, e se mudou em definitivo para a capital paraibana anos depois, para cursar Direito na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O que ele amava mesmo, no entanto, era fazer jornalismo, e um pouco desse amor ficou registrado em uma série de jornais do estado: A União, O Norte, Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba.

No dia 1º de julho de 1978, Antônio Hilberto casou-se com Célia, com quem teve duas filhas, Thais e Tamara. Thais, a mais velha, conta que podia ver o coração do pai se enchendo mais e mais de carinho à medida que a família crescia. Das filhas, Toinho ganhou três netos, Vítor – que herdou todos os trejeitos do avô e, assim como ele, hoje cursa Direito –, Júlia e Pedro.

“Minha infância foi dentro das redações de jornais. Lembro-me que chegava em casa cheirando a café e folhas de jornais, cuja tinta fazia meus dedos ficarem pretos”, conta Thais. Para Tamara, o cheiro de café e o ambiente das redações também compunham

a figura do pai e, portanto, eram tão familiares quanto o próprio Antônio Hilberto. “Dez anos se passaram sem a sua presença física, mas as lembranças são infinitas. Ele sempre foi um pai presente, daqueles que fazia o café da manhã, levava à escola, ajudava com as tarefas. Nas férias escolares, me levava para as redações. Quantas memórias daquele cheiro de jornal e café frescos!”.

Nas redações, Toinho era família também. Além de colecionar assinaturas nos impressos por onde passava, ele somava amizade e conquistava afeições. O jornalista Rubens Nóbrega foi um dos seus amigos mais próximos e lembra com carinho dos causos que viveu ao lado de Toinho, dentro e fora das redações.

“Antônio Hilberto de Carvalho, o popular Toinho ou Negão, foi um dos melhores amigos que eu tive na vida. Tenho muita saudade dele”, fala Rubens. “Toinho era uma pessoa que, além de extremamente alegre e criativa, bem-humorada e espirituosa, era sobretudo um profissional competente. Tinha um bom texto, tinha uma aplicação no trabalho, e isso rendia a ele, sempre, convites para participar de editoriais de esporte”. Apesar da paixão especial que sentia pelo Caderno de Esportes, Rubens diz que Toinho era “pau para toda obra” e fazia com maestria e alegria tudo o que se dispunha a fazer.

“As lembranças que tenho de Toinho, para além do trabalho, são sobretudo do nosso convívio fraterno, dos encontros na casa dele”, lembra Rubens Nóbrega. “Teve um tempo, inclusive, em que ele ficou desempregado e resolveu transformar a casa dele, lá no Conjunto dos Jornalistas, no bairro Castelo Branco, em uma espécie de bar, onde recebia especialmente os amigos. E era muito divertido! Lá, convergiam quase todos os membros da imprensa da época”.

Para Rubens, esses momentos de diversão mostram bem quem foi Antônio Hilberto. “Apesar da situação, ele não esmorecia. Enfrentava tudo com bom humor. Até hoje eu sinto uma enorme falta dele, das brincadeiras, das piadas”. E quem convivia com ele podia esperar ganhar um apelido carinhoso. Rubens era “Rubinácio”, “Rubião” ou “Tio Rubinho” – este último apelido atribuído a ele por Thais e Tamara. Martins Neto era o querido “Quati”. Ivan Bezerra de Albuquerque era o queridíssimo “Mureia”. Nonato Bandeira, ele chamava de “Bandeiroso”. Em troca, Antônio Hilberto ficou conhecido como “Neguinho” ou “Negão”.

Antônio Hilberto



Uma década depois da sua morte, Toinho Hilberto, que atuou em diversas redações da imprensa paraibana, é lembrado com carinho por familiares, amigos e colegas de profissão



Fotos: Acervo de família

Jornalismo mais triste sem a presença de “Toinho Negão”

Além da inesgotável alegria, Antônio Hilberto também era conhecido pelo grande coração. Segundo os amigos, o que ele podia fazer para ajudar, fazia com prazer. A jornalista Nara Valusca, prima da esposa de Toinho, conta que morava no interior do estado quando era criança e, ao prestar vestibular, veio para João Pessoa e foi acolhida de braços abertos por Antônio e Célia. “Ele foi me deixar de carro, bem cedinho, no colégio onde eu faria a prova. Depois foi me buscar. Ele estava sempre presente na minha vida. Quando eu estava cursando Jornalismo, ele me deu dicas. Me mostrou como ir, o

que eu podia fazer. Toinho foi muito importante para mim”.

Nara conta que, em períodos complicados, Toinho era uma pessoa com quem se podia contar. Uma vez formada, ela encontrou Antônio Hilberto em algumas redações. “Trabalhamos juntos no O Norte, em vários momentos, e foi sempre muito agradável, sempre muito bom, porque ele era uma alma muito generosa. Toinho era um ser de luz. Não tinha quem não gostasse dele, porque era super bem-humorado, generoso, um cara que estava sempre disposto a ajudar”.

Era fácil saber se Antônio Hilberto es-

tava ou não na redação. Segundo Nara, “a gente sentia muito a presença dele, porque ele estava sempre brincando com alguém, sempre fazendo alguma palhaçada, sempre rindo, sempre fazendo alguém rir. Era muito agradável trabalhar com ele. A doença dele deixou muita gente triste, porque a gente não gosta de perder um colega, um amigo, alguém da família. E porque, realmente, o jornalismo ficou mais triste sem Toinho”.

Toinho, no entanto, foi antônimo de tristeza. Para a filha Thais, “ele era um piadista. Contava as mesmas piadas várias vezes e todos riam como se fosse a primeira

escuta. Acho que ele tinha uma maneira peculiar de contar piadas e causos. Lembro-me que, já doente, em uma de suas internações, subiu para UTI contando piadas. Talvez, quando foi levado pro lado dos justos, Deus tenha sorrido um bocadinho”.

Se rir é o melhor remédio, pessoas bem-humoradas são os melhores amigos. É e assim que o jornalista Antônio Hilberto, o Toinho, que adorava esportes, é lembrado por aqueles com quem conviveu, tanto na vida pessoal quanto profissional – um homem divertido, simpático e de bom coração, que alegrava o dia a dia de todos.

Tocando em Frente

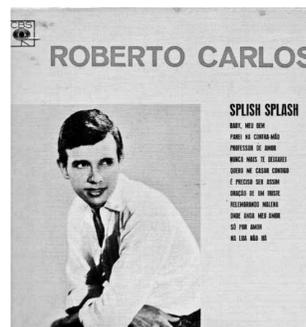


Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Roberto Carlos – Temas Musicais – Carros e Afins... – Parte 2

Embora a incursão pelo tema “carros” somente tenha se estabelecido no repertório de Roberto Carlos com ‘O Calhambeque’ (1964), um ano antes ele já havia registrado o fonograma de ‘Parei na contra-mão’ (sic), sendo esta, portanto, sua primeira composição sobre o tema. A ideia deste nasceu quando, numa tarde de uma sexta-feira, final de expediente, com ele já dando os primeiros passos no universo musical, ainda trabalhava como escriturário no Ministério da Fazenda, no Rio de Janeiro. Recorre, então, a Erasmo, já seu amigo desde o ano de 1958, quando descobriram a semelhança de seus gostos musicais. A amizade havia se iniciado por conta dessas afinidades, mas também por conta daquelas ligadas ao cinema norte-americano (leia-se James Dean, Marlon Brando e do mito da época, Elvis Presley), além de cultivarem o gosto por revistas em quadrinho, modelos de carros...

O automóvel começava a virar símbolo de status, sobretudo com alusões ao filme daquele momento, ‘Juventude Transviada’. E nessa fonte de inspiração que a ideia de Roberto provoca a musicalidade de Erasmo, e nasce ‘Parei na contra-mão’ (1963), primeira parceria da dupla. A título de curiosidade, tanto um quanto o outro, naquele momento, ainda não possuíam carro, nem ao menos carteira de motorista. Obviamente, tudo saiu por conta da ficção e do desejo momen-



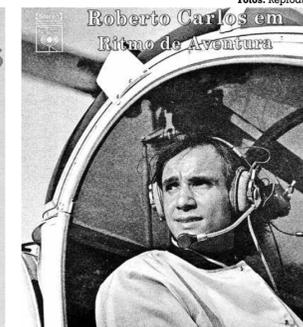
tâneos: “Vinha voando no meu carro/ quando vi pela frente/ na beira da estrada um broto displicente...”.

O fato é que a música apareceu no álbum ‘Splish Splash’ (1963), tornando-se um grande sucesso no início do ano seguinte e servindo como um cartão de visitas para ‘O Calhambeque’, que viria logo a seguir.

Consolidaria-se, assim, uma parceria que se esparramaria por outros temas, mas que, sobre velocidade, automóvel e afins, ainda “daria muito o que falar”.



Ao sucesso imediato de ‘Parei na contra-



Fotos: Reprodução

mão’ seguiu-se ‘O Calhambeque’ que abriu passagem para ‘Por isso corro demais’ (1967), incluído no álbum ‘Roberto Carlos em ritmo de aventura’.

Desde 1965 já aflorava na personalidade de Roberto Carlos o gosto por carros e o amor à velocidade. Tanto é que, quando pousava para capas de revistas da época – Revista do Rádio, por exemplo –, ele o fazia sempre – digamos assim – em “poses automobilísticas”. Foi por essa época, em que já havia entrado em sua conta bancária um bom valor monetário, que ele adquiriu o primeiro carro importado: um Impala conversível vermelho zero km.

Foi o cinema que o levou a compor esse

terceiro “sucesso automobilístico” individual, uma vez que, por essa época, ele estava meio que ‘rompido’ com Erasmo. Assim é que a produção de Roberto Carlos em ritmo de aventura serviu de motivação para a criação desse novo sucesso, sem a parceria do amigo. Entra, então, na feitura da música, um componente novo: o incipiente romance com Nice (Cleóneice Rossi) que, como o momento artístico exigia, devia permanecer “na penumbra”. Explicando melhor: obviamente, empresários e gravadora assim o exigiam, para não “desiludir” o aglomerado de fãs que se multiplicava... se é que me entendem. É por demais conhecida a narração que o diretor do filme, Roberto Farias, faria a respeito da ginástica que tinha que ser feita para despistar multidões clandestinas durante as filmagens: “Lembro-me de estar Roberto Carlos num carro, entrar numa rua, depois passar para outro carro, parar numa rua atrás do Pacaembu. Nice vinha num outro carro. Saltou para o carro do Roberto, e saímos em alta velocidade”. Foi de entrevistos semelhantes que nasceu o sucesso quase autobiográfico dele, que seria bem encaixado na trilha do filme: “Meu bem, qualquer instante/ que eu fico sem te ver/ aumenta a saudade que eu sinto de você/ Então, eu corro demais, sofro demais/ corro demais só pra te ver, meu bem”.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Quer levar uma ideia adiante? Conheça seu público!

“Sorvete saboroso! Sorvete delicioso! É uma promoção especial de sorvete: 10 bolas de sorvete por 1 real. Dez bolas por um real! Traga a vasilha. Traga a va-si-lha”. Durante muito tempo, imaginei que esse anúncio popular estivesse restrito à minha aldeia. Para minha surpresa, descobri esses dias que tal publicidade passou de um bairro a outro, avançou divisas e até fronteiras entre estados. Minha descoberta se deu durante uma conversa num grupo de comunicadores sobre a necessidade de adequação de canais a cada público.

O mote foi minha coluna da semana passada sobre os brasileiros com acesso à internet versus os excluídos digitais. Em tempos de Inteligência Artificial, transmissões on-line, realidade virtual, metaverso e as mais diversas possibilidades de interação por redes sociais, muitas vezes deixamos para trás quem não faz parte desse universo. E não inserimos em nossas ações produtos que podem ser desenvolvidos para além do mundo digital, como spot para carro de som ou veiculação em rádio, cartazes, pan-



Ilustração: Pixabay

fletos, folders e veiculação de anúncios em jornais e revistas.

No afã de “bombarmos” no cenário on-line, esquecemos que o offline existe e dá resultados. Também ignoramos que ações simples podem gerar mais impacto do que outras elaboradas e bem mais onerosas. Um carro de som circulando pelos bairros onde have-

rá uma ação de Defensoria Pública itinerante, por exemplo, será muito mais eficiente do que um vídeo postado no TikTok ou no Instagram. Do mesmo modo, um aviso simples, com texto conciso e direto, pode chegar de forma mais certa ao público, mesmo quando apenas lido durante uma reunião.

Ouvi um exemplo desses durante um curso que fiz sobre redes sociais. Um dos participantes citou que precisava divulgar um curso de informática básica para pessoas 60+ e procurou ajuda do setor de Comunicação Social do órgão em que atuava. A capacitação foi divulgada nas redes sociais oficiais e no site institucional. Às vésperas do curso começar, porém, praticamente ninguém havia feito a inscrição. Como resolver o problema?

A comissão responsável pela capacitação foi a algumas igrejas da comunidade e pediu para dar um aviso ao fim da celebração. Resultado: a notícia logo se espalhou entre o público de interesse e todas as inscrições foram preenchidas em pouquíssimo tempo!

Enquanto conversava com meus colegas

de trabalho sobre essas iniciativas offline, ouvi outros casos interessantes. No Maranhão, é comum a adoção da famosa “bike som” para divulgações em comunidades. Tal veículo também costuma ser utilizado no Pará, em Pernambuco, Ceará... Seja de bicicleta/moto, seja de carro, a propaganda volante se traduz em eficiência.

Esse diálogo com amigos comunicadores me lembrou não apenas da importância do canal utilizado, mas também que o conteúdo precisa estar alinhado ao cotidiano do público de interesse. Quem são essas pessoas? Onde elas moram? A comunicação está afinada com a realidade delas? Como deve ser esse diálogo? Assim, a mensagem, o canal, e a forma como iremos transmitir algo precisa estar conectado a cada audiência. E todo e qualquer material deve ser produzido com linguagem e estética voltadas à realidade desse grupo, para alcançar mais e mais pessoas e auxiliar no acesso à informação.

Moral da história: seja para vender sorvete, seja para levar uma ideia adiante, conheça o seu público.

JUNTOS E MISTURADOS

Ilha onde todos são parentes é a mais povoada do mundo

Sem carros, água encanada e eletricidade, local no meio do Caribe abriga 1,2 mil pessoas



Santa Cruz del Islote, pertencente à Colômbia, nasceu há 150 anos sobre um recife de coral no mar do Caribe

Da Redação

Uma pequena ilha no Caribe colombiano, com o tamanho de dois campos de futebol, é considerada a mais povoada do mundo. Estima-se que até 1,2 mil pessoas vivam no local (não há censos recentes), amontoando-se em 115 casas. Sem qualquer espaço livre para novas construções, as habitações cresceram para o alto, e há residências onde moram até 10 pessoas.

Santa Cruz del Islote faz parte do Arquipélago de San Bernardo e está a duas horas de lancha de Cartagena, na Colômbia. Ela foi construída sobre um recife de corais há 150 anos.

Segundo a lenda, registrada por Ana Sachs no *Site Casa e Jardim*, pescadores encontraram a ilha enquanto navegavam pelo mar e decidiram se estabelecer no local, pois perceberam que ali não havia mosquitos. Com o passar dos anos, as famílias dos habitantes originais cresceram

e seus descendentes continuaram vivendo no lugar.

Com a maior densidade demográfica do mundo, cerca de 125 pessoas por quilômetro quadrado, Santa Cruz del Islote tem como habitantes os descendentes de 18 famílias. Na ilha, há 97 casas, uma escola e um restaurante que funciona como porto. O local é tão pequeno que, para "caber" mais gente, a igreja, o cemitério e o campo de futebol



Aponte o celular para o QR Code para assistir ao vídeo sobre a ilha mais povoada do mundo

ficam na ilha vizinha.

A eletricidade no local só é disponível algumas horas por dia graças a um gerador. Não há sistema de esgoto ou água corrente, é a Marinha colombiana que traz água a cada três semanas. Os ilhéus estão sempre lutando por serviços básicos: não tem médico na ilha, o único serviço oferecido pelo estado é uma escola frequentada por cerca de 80 crianças, muito necessária já

que 60% da população é composta por crianças.

Apesar de todos esses problemas, as pessoas gostam de sua ilha, por ela ser muito tranquila. "A vida aqui é calma e deliciosa", diz Juvenal Júlio, um instrutor de mergulho de 66 anos, descendente dos fundadores da Ilote. "Nós não temos violência, não precisamos de polícia, todos nos conhecemos e nós apreciamos nossos dias aqui".



Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: antes (1) = pre + trabalho (3) = feitura – Solução: prefeitura (4).
Charada de hoje: Na companhia (1) da namorada, ao subir o degrau (3), dei de frente com um guerreiro (4).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Cem anos do universo Disney

Em 2023, a Disney está comemorando 100 anos. Pioneiro, inovador e com uma criatividade inigualável, Walt Disney conseguiu tocar o coração de milhões de crianças, jovens e adultos ao redor do mundo. Em 43 anos de carreira em Hollywood, Walt foi responsável não apenas por vários filmes de sucesso, mas por todo um universo que se tornou parte da cultura mundial.

Mais de 950 prêmios e homenagens

Ao longo da carreira, Walt Disney recebeu, juntamente com os membros de sua equipe, mais de 950 prêmios e homenagens em todo o mundo, incluindo 48 prêmios do Oscar (o maior ganhador da premiação) e sete Emmys. Entre outros prêmios e reconhecimentos, estão títulos honorários de Harvard, Yale, da Universidade do Sul da Califórnia, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, a Medalha Presidencial da Liberdade, as condecorações de Legião de Honra e Oficial da Academia da França.

Desenhos foram vendidos aos vizinhos

Nascido em Chicago, nos Estados Unidos, em 5 de dezembro de 1901, Walt Disney passou a infância em uma fazenda em Marcelline, Missouri. Logo se interessou por desenhar e vendeu os seus primeiros desenhos aos vizinhos quando tinha apenas sete anos. Naquela época, eles não imaginavam o sucesso que Walt faria nas próximas décadas.

Recusado pelas Forças Armadas

Walt Disney tentou se alistar para o serviço militar no outono de 1918, mas foi recusado por ter apenas 16 anos. Assim, uniu-se à Cruz Vermelha e tornou-se motorista de ambulância da organização na Europa. No lugar da pintura tradicional, seu veículo estava coberto com desenhos e caricaturas. Depois dessa experiência, Walt voltou à cidade de Kansas, onde começou sua carreira como ilustrador publicitário.

Lillian Bounds, a esposa

Walt Disney casou-se com Lillian Bounds, uma das suas primeiras funcionárias, em 13 de julho de 1925, na cidade de Lewiston, Idaho. Juntos, tiveram duas filhas: Diane (casada com Ron Miller, ex-CEO da Walt Disney Productions) e Sharon Disney Lund, que foi membro do conselho de diretores da Disney. Lillian Bounds foi casada com Walt por 41 anos, ficando ao seu lado até a sua morte, em 1966.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - brinco; 2 - olho da coruja; 3 - ventruça; 4 - chapéu; 5 - nuvem; 6 - dente; 7 - salto do sapato; 8 - boca da estrela; 9 - ponta da estrela.